

# Dona Emma

## História do município



Valberto Dirksen

**Dona Emma** é um pequeno município de 181 km<sup>2</sup>, com uma população de aproximadamente 4 mil habitantes localizado no Vale Norte do Itajaí. Em 1919, os agrimensores da Sociedade Colonizadora Hanseática, com sede em Hamônia, atual Ibirama, deram o nome de Dona Emma a um dos afluentes do rio Krauel em homenagem à esposa de José Deeke, diretor da Empresa.

A partir de 1920, com a sucessiva medição e venda dos lotes, grande número de imigrantes europeus ou descendentes de europeus se estabeleceu nesta região, tanto no vale como na serra. Muitos eram imigrantes das antigas colônias alemãs e italianas, outros vieram diretamente da Europa destruída depois da Primeira Guerra Mundial. Vieram também várias levas de teuto-russos, entre os quais os menonitas.

A população do Município tem na agricultura sua principal atividade econômica, com predominância da criação de gado leiteiro e cultivo de fumo na pequena propriedade familiar. Na organização da sociedade os imigrantes recriaram em Dona Emma suas instituições e modos de vida típicos de cada grupo étnico-cultural. Pela sua localização geográfica a região que compreende o município oferece paisagens de rara beleza.

# **Dona Emma**

## **História do município**



Valberto Dirksen

# **Dona Emma**

## **História do município**

Florianópolis  
1996

© Valberto Dirksen

Capa e editoração eletrônica: Paulo Roberto da Silva

Revisão: Jaime Augustinho Clasen

Apoio: Prefeitura Municipal de Dona Emma

(Catalogação na publicação por Adriana Tomaz - CRB-14/663)

D599

Dirksen, Valberto

Dona Emma: história do município / Valberto Dirksen. Florianópolis:

Do Autor, 1996.

184 p.: il. fot.; 22cm.

ISBN: 978-65-997799-1-6

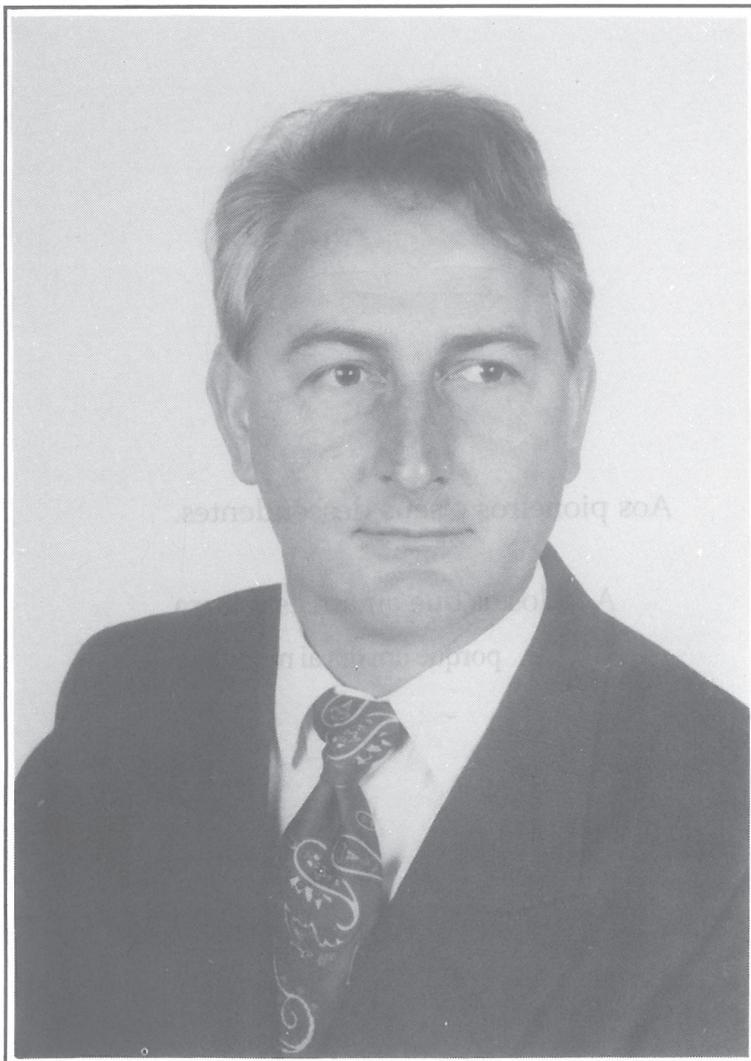
E-book, PDF.

1. Dona Emma (SC) 2. História 3. Imigração 4. Santa Catarina  
Colonização Alemã I.Título

CDU 981.640.401

Aos pioneiros e seus descendentes.

A todos os que amam esta terra  
porque um dia aí moraram.



Aloísio Gesser, Prefeito municipal de Dona Emma

## Agradecimentos

Quando um agricultor faz a sua lavoura ele conta com a colaboração de muitas pessoas e a faz por etapas. Com sua família ou empregados prepara a terra, semeia, capina e, depois de alguns meses, procede à colheita.

Este livro também passou por várias etapas e contou com a colaboração de muitas pessoas até ficar pronto. Uns forneceram documentos ou prestaram depoimentos, outros, com suas sugestões, ajudaram a aprimorar o conteúdo e a forma do texto.

Num trabalho como este que contou com a colaboração de tantas pessoas, é desaconselhável citar nomes pois corre-se o risco de cometer injustiças ao citar uns e omitir outros. No entanto, mesmo sabendo desse risco, sinto-me no dever de externar especial gratidão citando o nome de alguns colaboradores mais diretos.

- Ao prefeito municipal Aloísio Gesser e sua esposa Edna pelo incentivo e total apoio na realização deste trabalho. Foi sua a idéia de editar um livro sobre a história do município de Dona Emma. O prefeito proporcionou também as condições necessárias para a concretização da idéia colocando à disposição recursos financeiros, condução para deslocamentos na realização das pesquisas, contactando pessoas para entrevistas, etc.

- Aos alunos do curso de história da Universidade Federal de Santa Catarina que desde o primeiro momento integraram a equipe fazendo a tão necessária ponte entre a vida acadêmica teórica e a pesquisa de campo: André Werle que se encarregou de pesquisar e escrever sobre o desenvolvimento econômico do município, André Voigt assumiu o capítulo da história religiosa,

principalmente a parte que diz respeito aos evangélicos, a Anelore Siewert fez entrevistas com pessoas ligadas à vida política.

- Aos colaboradores em Dona Emma: o pároco da comunidade católica, Padre Wilson Moraes; o Pastor Rosemar Ahlert, da comunidade evangélica; o Pastor Edegar Lindemann, da comunidade luterana; o engenheiro agrônomo Daniel Cansian; a extensionista da ACARESC Marlene Sachetti Schmitt; a professora Rainilde Hellmann Klann.

- Especial agradecimento às pessoas que concederam entrevistas: Hildegard Viets, Lili Schwarz, Friedrich Schlag, Adelino Lazzaris, Henrique Ax, Walter Zimmermann, Joventino Rizzieri, João Sporrer e Serafim Abraão Zago.

Ao engenheiro agrônomo Daniel Cansian pela contribuição na descrição dos aspectos físico-geográficos.

- À direção do arquivo municipal de Ibirama na pessoa de Harry Wiese, e Arquivo José Ferreira da Silva, na pessoa de Sueli Maria Vanzuita Petri.

- A Andrietta Arborio di Gattinara Lenard pelos documentos e fotos de Alexander Lenard.

- Ao sr. Niels Deeke, neto de Emma Maria Deeke, pelas entrevistas e material que nos forneceu para compor a biografia daquela que deu o nome ao município.

- Ao sr. Rudolf Scheele que, de Hamburgo, nos enviou fotos para ilustrar a vida nos primeiros tempos em Dona Emma.

A Neide Chiminelli, fiel e prestativa colaboradora no levantamento de dados junto a pessoas da comunidade.

Ao amigo e colega de trabalho na universidade, professor João Klug pelo incentivo, fornecimento de documentos e correção final do texto.

Além destas pessoas, dezenas de outras prestaram solícitamente valiosas colaborações com informações, documentos e fotografias. A você que ficou no anonimato, nosso sincero agradecimento.

## Sumário

Introdução .....	11
I A colonização de Santa Catarina .....	13
II A Sociedade Colonizadora Hanseática .....	19
III A terra e a natureza .....	35
IV Dona Emma .....	39
V O começo foi assim .....	45
VI Vida e atividades econômicas .....	69
VII Escolas, educação e cultura .....	89
VIII Igreja, religião e religiosidade .....	103
IX Política e cidadania .....	125
X Tradições e costumes .....	141
XI Lazer e vida social .....	153
XII Um sábio desconhecido .....	167
XIII A saga dos menonitas .....	177
XIV O brasão do município .....	183



## Introdução

Quando as pessoas ouvem falar em Dona Emma, logo associam a palavra à ave, ema, encontrada nos cerrados e campos brasileiros. Mas não é nada disso em relação ao nome deste município localizado no vale Norte do Itajaí. Dona Emma é uma homenagem prestada à esposa do diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática, José Deeke, pelos agrimensores ao denominar com este nome o afluente do rio Krauel localizado no vale Norte do rio Itajaí.

Este livro foi escrito às pressas. É resultado da iniciativa do prefeito municipal Aloísio Gesser que em julho de 1996 se apresentou no Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina com a proposta de encomendar uma pesquisa sobre história do município de Dona Emma. Num primeiro momento hesitou-se em aceitar tal proposta pois o trabalho, com início em agosto, teria que estar pronto, sob forma de livro, o mais tardar em dezembro. Hesitou-se porque o tempo seria exíguo, tendo em vista que um trabalho desta natureza implicaria em deslocamentos para aquele município para entrevistas, levantamento de dados e busca de documentos. No entanto, aceitamos o desafio porque entendemos que a universidade deve dar um retorno à sociedade mediante prestação de serviços.

Assim, nosso trabalho esteve condicionado aos limites do fator tempo. A leitura e tradução das fontes documentais em língua alemã exigiu muito tempo, razão pela qual optamos por uma história mais empírica, privilegiando principalmente a transcrição de documentos e entrevistas.

Enquanto escrevíamos tínhamos em mente os leitores. Neste sentido, o livro destina-se, em primeiro lugar, aos moradores do

município de Dona Emma. Destina-se também àquelas pessoas que moraram naquele município e que gostariam de “recordar” sua terra natal. Por isso, utilizamos uma linguagem direta e simples pois quando fizemos a pesquisa percebemos que a maioria da população do município é formada por pessoas sem uma formação acadêmica mais aprofundada. Nosso objetivo é que cada leitor se sinta refletido e contemplado neste livro em uma ou outra passagem. Trata-se, portanto, de um ensaio de micro-história que pretende contribuir na construção da identidade do município. Nesse sentido, o trabalho procura resgatar e preservar a memória histórica dos pioneiros e seus descendentes. Nem tudo o que foi vivido, isto é, o que constitui a trama, a tecitura do cotidiano, ficou registrado em documento. E mesmo o que foi registrado corre o risco de se perder pois a grande maioria dos documentos não se encontra em arquivos mas são papéis ou objetos dispersos em poder de particulares.

De antemão o leitor já está advertido que este livro não é a última e definitiva palavra. Ao contrário pretende ser um passo inicial, um ponto de partida para suscitar outros trabalhos mais completos e mais aprofundados com base em novas pesquisas. A pressa com que foi escrito não nos permitiu cruzar dados e conferir um volume maior de informações. Por isso, o leitor, especialmente os antigos moradores de Dona Emma, poderá encontrar afirmações que, talvez, não conferem com seu conhecimento e seu ponto de vista. Além do mais, os entrevistados nem sempre eram unânimes sobre certos aspectos, o que é normal na História e a torna dinâmica. Em outros momentos foi-nos pedido manter sigilo sobre determinadas informações, pedido este que respeitamos.

Nosso propósito inicial era colocar o texto, antes de ser impresso, à apreciação de uma comissão formada por pessoas do município. Mas o pouco tempo disponível não o permitiu. Por isso, todas críticas e sugestões são de suma importância e servirão para uma futura reedição.

## A colonização de Santa Catarina

Até a chegada dos açorianos em 1748, a área do território brasileiro, que veio a ser mais tarde o Estado de Santa Catarina, era pouco conhecida e praticamente desocupada pela população branca. Além das três vilas litorâneas formando o eixo São Francisco do Sul, Desterro e Laguna, havia moradores isolados em alguns pontos do litoral. Os açorianos estabeleceram-se na faixa litorânea e dedicavam-se principalmente à pesca, à lavoura de subsistência e à comercialização de algum excedente de produção, como a farinha de mandioca.

A ocupação do território catarinense foi, nos primeiros séculos, labor paulista: penetração bilateral, com sentidos diversos e com homens distintos: bandeirantes e tropeiros de São Paulo e gente de Curitiba haviam-se estabelecido no planalto serrano em vista do gado vacum e muar que era trazido do Rio Grande do Sul e comercializado na Feira de Sorocaba e nas Minas Gerais. A outra frente de ocupação deu-se pelo litoral com gente de São Vicente.

Entre o litoral e o planalto, desde a serra de Curitiba até Torres havia uma imensa faixa de terra caracterizada por um vazio demográfico. Era uma região montanhosa, cortada por inúmeros rios formando grandes e férteis vales. Toda a área era coberta pela mata atlântica, muito densa e com muita madeira nobre própria para construção e mobília.

Em 1829 aportou em Desterro, na atual cidade de Florianópolis, o primeiro contingente de imigrantes alemães. Fo-

ram estabelecidos pelo governo provincial em São Pedro de Alcântara, no traçado da antiga estrada de Desterro para Lages. Deviam formar um posto avançado para abastecimento e defesa dos tropeiros e viajantes que de Lages se dirigiam à capital da Província ou vice-versa. Porém, dado o isolamento, falta de assistência inicial e terra apropriada para agricultura, a colônia não prosperou e muitos imigrantes se deslocaram mais tarde para outras regiões como Gaspar e Belchior, no Vale do Itajaí, e Vargem Grande, no vale do rio Cubatão.

Quase duas décadas mais tarde, em julho de 1847, foi fundada colônia Santa Isabel com 256 imigrantes alemães, no Vale do Rio Cubatão, junto ao novo traçado da estrada Desterro/Lages. Também esta colônia foi fundada para servir como pouso e abastecer os transeuntes que vinham do planalto serrano ou para lá se dirigiam. O estabelecimento colonial apresentou pouco progresso em virtude do isolamento e abandono a que foi relegado.

Estava nos planos do governo imperial ocupar os espaços vazios do território catarinense e desenvolver o regime de pequena propriedade familiar em substituição ao grande latifúndio existente em outras áreas do território brasileiro e onde a mão-de-obra era o escravo desde o tempo do Brasil colonial. Além disso, havia na Europa, principalmente na Alemanha, o interesse de muitas famílias em se mudar para o Brasil em vista da abundância de terras disponíveis.

Nesse contexto, vários estabelecimentos coloniais foram fundados em Santa Catarina na segunda metade do século XIX. O mais significativo deles foi a Colônia de Blumenau, fundada em 1850 pelo Dr. Hermann Blumenau. A colônia Blumenau teve seu começo modesto e passou por inúmeras dificuldades; porém, graças ao empenho e tenacidade de seu fundador, que não mediu esforços para trazer imigrantes e conseguir recursos junto ao Governo Imperial, o núcleo prosperou e progressivamente se estendeu pelo rio Itajaí e seus afluentes acima dando origem às localidades e futuros municípios de Indaial, Pomerode e Timbó.

Enquanto acontecia a fundação de Blumenau, constituiu-se em Hamburgo uma companhia de colonização que adquiriu o dote da princesa Isabel, filha de Dom Pedro II e casada com o príncipe de Joinville. Fundava-se em 1851 a Colônia Dona Francisca, que deu origem ao núcleo colonial de Joinville. Este expandiu-se, e de lá partiram imigrantes para Curitiba, São Bento e, pelo vale do Itapocu, para Jaraguá do Sul.

Poucos anos mais tarde, o Governo Imperial fundou ainda, próximo à colônia Santa Isabel, distante 48 km de Florianópolis, a colônia Teresópolis. Esta colônia, sediada nas margens do rio Cubatão, estendeu-se rapidamente pelos vales formados pelos afluentes deste rio de sorte que em poucos anos as melhores terras estavam todas ocupadas. Muitos colonos, os que haviam chegado por último, insatisfeitos com as terras montanhosas, transpuseram a Serra do Cubatão, indo estabelecer-se nos Vales do Capivari e Braço do Norte, formando aí dois extensos núcleos coloniais.

Em 1860 dá-se a fundação da colônia Itajaí-Príncipe Dom Pedro no Vale do Rio Itajaí-Mirim. A colônia recebeu mais tarde o nome de Brusque em homenagem ao então presidente da província, Francisco Araújo Brusque.

As colônias alemãs fundadas em Santa Catarina até 1860 são consideradas as "antigas colônias". No entanto, os núcleos coloniais continuaram recebendo sempre novos contingentes de imigrantes, mas cada vez em menor proporção. A Sociedade Colonizadora Hanseática, fundada em 1897, tinha por força de contrato o compromisso de introduzir no Brasil 6.000 imigrantes por ano. Mas tal propósito nunca foi atingido, ficando este número sempre aquém do estipulado.

No último quartel do século XIX Santa Catarina recebeu um grande contingente de imigrantes italianos do norte daquele país, especialmente da região de Trento, Bérgamo e Veneza. De 1875 em diante, os italianos se estabeleceram em Nova Trento,

Botuverá, Rio dos Cedros, Rodeio, Ascurra e, no sul do Estado, em Orleans, Urussanga, Criciúma, Nova Veneza e redondezas.

Imigrantes de outras regiões da Europa também se estabeleceram em Santa Catarina. Sendo em menor número, não formaram núcleos coloniais próprios. Estabeleceram-se de preferência nas colônias alemãs ou italianas preferindo, no entanto, manter-se agrupados em determinados bairros ou localidades. Assim, grupos de poloneses radicaram-se em Brusque, São Bento, Itaiópolis, Mafra, Canoinhas, Hamônia (Ibirama). Os imigrantes procedentes da Rússia, também chamados teuto-russos porque eram alemães que no século XIX haviam migrado para a Rússia, preferiram estabelecer-se em Hamônia (Ibirama), Itaiópolis e, no sul do Estado, no Vale do rio Tubarão e na região Criciúma.

Em menos de um século, imigrantes de diferentes etnias e culturas de todas as partes da Europa estabeleceram-se em território catarinense. Uns não se adaptaram e retornaram ou emigraram para outros países. A maioria, no entanto, permaneceu e adotou esta terra como sua nova pátria

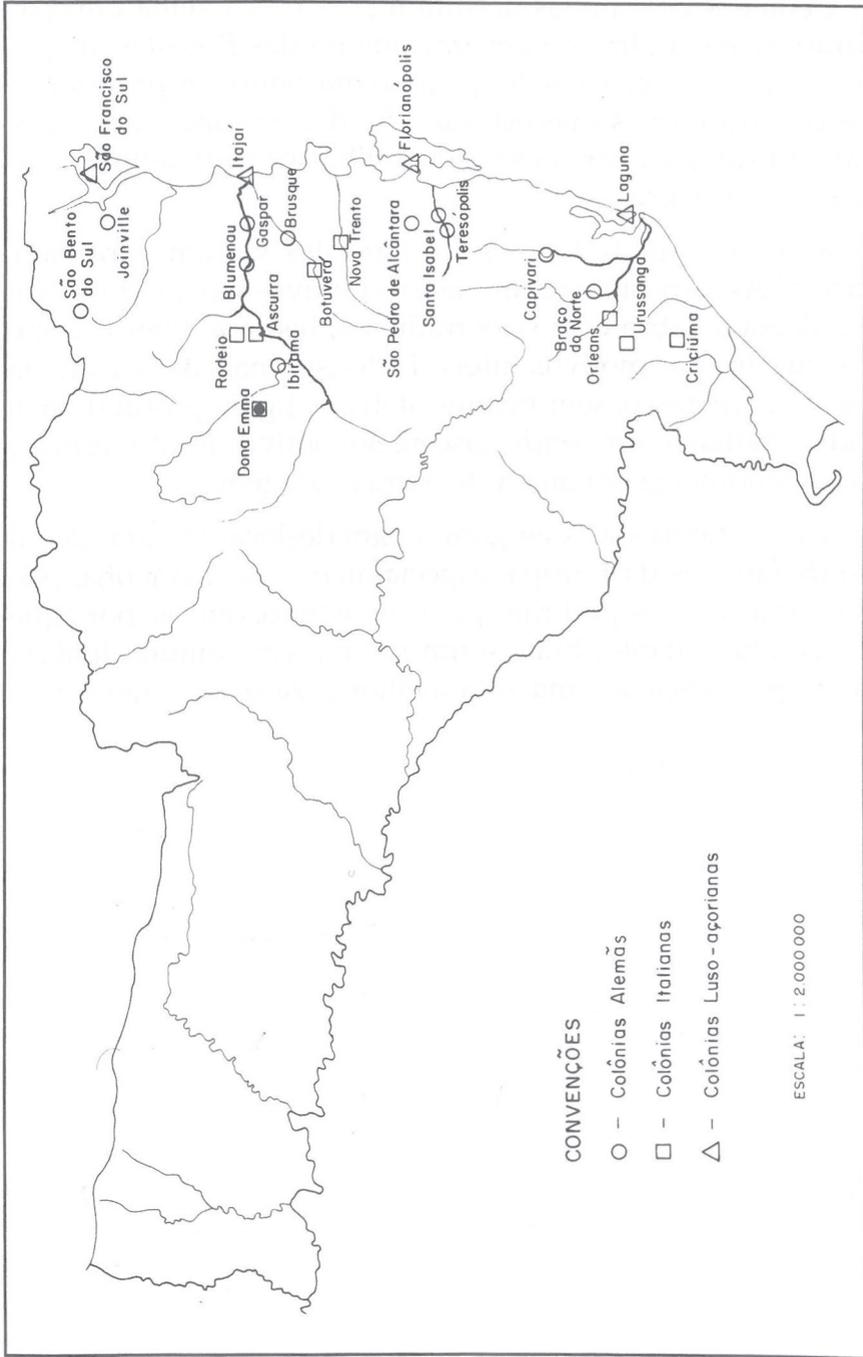
Por estimativas baseadas em relatórios oficiais e resultados censitários conhecemos o número de estrangeiros em Santa Catarina em 1920, ano da fundação de Dona Emma. Naquele ano Santa Catarina contava com uma população de 668.743 pessoas, sendo 31.243 estrangeiras. Dos 31.243 estrangeiros, 10.758 eram alemães; 8.062 italianos; 3.065 poloneses; 2.620 austríacos; 2.065 russos. Os demais eram de outros países da Europa e países da América.

Até a chegada dos imigrantes colonos que se estabeleceram nas regiões dos vales da Serra do Mar, as vias de comunicação estavam restritas ao litoral e, no planalto serrano, ao caminho de tropas. Com a ocupação do espaço interiorano pelo estabelecimento de núcleos coloniais, formaram-se vias de comunicação pelos vales utilizando-se os rios navegáveis ou caminhos ao longo dos rios. Por mais difícil que fosse em virtude do relevo acidentado, foram abertos também caminhos interligando as colônias entre um vale e outro.

Centenas de famílias deixaram para trás a velha Europa e puseram mãos à obra no desbravamento das florestas, às próprias custas, sem recursos do governo brasileiro. Os próprios colonos construíram as suas estradas, fundaram suas escolas e pagavam o professor para ensinar aos filhos os rudimentos da escrita e da aritmética.

Mas, por que todos esses imigrantes vieram para Santa Catarina? As respostas são muitas e os motivos são diversos. Ninguém deixa a Pátria com suas tradições, história, língua, costumes e cultura por motivos fúteis. Tudo isto mais os laços de família, de parentesco, sentimentos afetivos, ligam profundamente cada cidadão à terra onde nasceu. Só motivos muito sérios levam a abandoná-la em busca de outras paragens.

Muitos fatores se conjugaram para deslocar tão grande número de famílias da Europa, especialmente da Alemanha, para Santa Catarina. Uns partiram por este motivo, outros, por aquele. Todos, no entanto, tinham um motivo em comum: tentar a sorte na esperança de uma vida melhor para si e sua família.



Principais colônias de alemães e italianos e áreas de povoamento luso-açoriano em Santa Catarina

## A Sociedade Colonizadora Hanseática

A colonização da região que corresponde ao atual município de Dona Emma está direta e intimamente ligada à Sociedade Colonizadora Hanseática, fundada em 1897, pois a maior parte das terras do atual município de Dona Emma faziam parte do patrimônio da Empresa. Também a maioria dos colonos que aí se estabeleceram tomaram conhecimento destas terras através da propaganda da Empresa no Brasil e na Europa e dela compraram os lotes coloniais. A Empresa com sua infraestrutura proporcionava inúmeras vantagens, facilitando a documentação e o transporte desde a terra de origem até o lugar de destino. A Empresa representava também segurança para os imigrantes porque as terras eram medidas com muita exatidão, podiam ser compradas a prazo e, tão logo fossem quitadas, os proprietários recebiam a documentação.

Como vimos no capítulo anterior, Santa Catarina recebeu na segunda metade do século XIX grande contingente de imigrantes europeus, sobretudo alemães e italianos. Eram, na maioria, famílias de agricultores, ligadas à vida e ao trabalho da lavoura. Haviam saído da Europa por falta de terra onde trabalhar e de onde tirar o sustento para a família. No Brasil a terra era abundante e o governo imperial desenvolvera uma política colonizadora no sentido de atrair imigrantes para ocupar os espaços vazios e abastecer o mercado interno.

No final do século XIX, ou seja, por volta de 1890, a situação na Europa era outra. A Alemanha havia se industrializado e

absorvia toda a mão de obra disponível. Se antes havia excedente populacional, agora faltava mão de obra. Com a industrialização surgiu também a necessidade de fortalecer o mercado consumidor interno e externo para absorver a produção industrial.

Adeptos do imperialismo e nacionalismo da época, consideravam de interesse nacional que pela emigração os emigrantes não perdessem a sua etnia, cultura, língua e nacionalidade, mas sim, formassem poderosos enquistamentos étnicos alemães no além-mar. Para tal fim, recomendavam que fossem fundadas colônias agrícolas em regiões que:

- 1) sendo pouco habitadas pelos nativos e possuindo condições climáticas vantajosas, favorecessem uma imigração alemã em grande escala com boas possibilidades de desenvolvimento;
- 2) pelo fato de a população nativa ser de “raça inferior” garantissem que a etnia, cultura, língua e nacionalidade dos imigrantes fossem preservadas;
- 3) a longo prazo fornecessem matérias primas para a Alemanha; e,
- 4) no início não desenvolvessem indústria própria, dependendo, portanto, da importação de produtos industriais da Alemanha.<sup>1</sup>

Muitos dos interessados em promover a emigração acreditavam que o sul do Brasil seria extremamente favorável à colonização pelo fato de que lá já se tinham formado núcleos germânicos como resultado da imigração, principalmente depois de 1850, e da extraordinária natalidade das famílias imigradas. Um manual destinado à documentação dos alemães fixados além das fronteiras do “Reich”, em 1902, estimava que no Brasil havia 350 mil pessoas falando alemão, dos quais 80 mil em Santa Catarina, ou seja, 20% da população.

O embaixador alemão no Brasil, Krauel, depois de visitar as áreas de colonização alemã, compilou, em 1895, um relatório extremamente positivo sobre a situação dos alemães e seus descendentes no sul do país. Tinham alcançado posição econômica fortíssima em Santa Catarina, dominando o comércio de impor-

---

<sup>1</sup> RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*. Florianópolis : Ed. da UFSC. Blumenau : Ed. da FURB, 1986. p. 13.

tação. Havia abundância em qualquer parte. Língua e cultura tinham sido preservadas graças às escolas e igrejas. Existiam quatro jornais alemães. Austríacos, húngaros, russos, suíços, dinamarqueses e noruegueses tinham se ligado ao grupo alemão predominante. Mesmo assim, Krauel lamentava que os teuto-brasileiros ainda não exercessem grande influência política e que, devido ao número insuficiente de imigrantes, até então não tinham conseguido penetrar na região de forma favorável aos interesses alemães<sup>2</sup>.

A Sociedade Colonizadora Hanseática surgiu, em parte, como resposta aos interesses econômicos da Alemanha. Foi o resultado de um consórcio fundado em 1894 de duas grandes companhias de navegação transoceânicas, o “Norddeutsche Lloyd” e a “Hamburg-Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft” junto com algumas grandes casas comerciais de Bremen e Hamburgo, ligadas ao Brasil. Em 28 de maio de 1895 foi firmado, em Florianópolis, entre o Governo de Santa Catarina, sob a administração de Hercílio Pedro da Luz, e Carl Fabri, como representante da Sociedade Colonizadora, um contrato com as seguintes cláusulas:

- A Sociedade fica autorizada durante 20 anos, da data do presente contrato, a introduzir e localizar anualmente neste Estado até 6 mil imigrantes europeus.
- Por este contrato o Governo de Santa Catarina se obriga a vender a esta Sociedade, pelo preço de 1\$500 o hectare, 600 mil hectares de terras devolutas nas regiões de São Bento, Blumenau, Curitiba e Lages.

Na verdade, a Sociedade Colonizadora Hanseática veio, efetivamente, a constituir-se de 4 distritos: Itajaí-Hercílio com sede em Hansa Hamônia (Ibirama), Itapocu com sede em Hansa Humbolt (Corupá), São Bento e Piraí. Em Hamônia, atual Ibirama, ficava a sede geral da Empresa Colonizadora. O distrito de Itajaí-

---

<sup>2</sup> BRUNN, Gerhard. Deutschland und Brasilien (1889-1914). In: RICHTER, Klaus. Op.Cit. p.17.

Hercílio mudou de nome em 1920, passando a denominar-se Hamônia.

- Os terrenos a conceder na zona de Blumenau só compreenderiam o vale do Braço do Norte do rio Itajaí, ou seja, o Vale do rio Itajaí do Norte numa área correspondente a 108.619 hectares.
- As terras devolutas formariam, segundo as circunstâncias, territórios de diferente extensão que seriam adquiridos um a um, à proporção que fossem medidos e demarcados. As despesas com a medição e demarcação correriam por conta da Sociedade.
- As terras adquiridas pela Sociedade podiam ser exploradas e utilizadas pela Sociedade somente para a introdução e localização de colonos europeus e fundação de estabelecimentos industriais.<sup>3</sup>

Em 1897 foi decretada a Lei Nacional de Emigração do Império Alemão que, através de um sistema de concessões para agências emigratórias e companhias de navegação, procurava dirigir a corrente dos emigrantes a certas regiões. O sul do Brasil era uma delas.<sup>4</sup>

Quais os interesses das companhias de navegação e empresas nesse empreendimento?

- 1) Nos últimos anos, com o declínio de emigração, as companhias de navegação passavam por sérias crises por falta de frete para o transporte. Por muitos anos o transporte de emigrantes havia sido fator de lucro e prosperidade destas empresas. De acordo com uma projeção, a Sociedade calculava introduzir anualmente em Santa Catarina 400 famílias, isto é, aproximadamente mil pessoas, o que representaria um grande volume de mercadorias considerando que cada família além das pessoas levava con-

---

<sup>3</sup> RICHTER, Klaus. Op. cit., p. 19-20

<sup>4</sup> RICHTER, Klaus. Op. cit., p. 21.

sigo um volume de mudança. Wilhelm Schorer atesta que “a maioria dos imigrantes trazia muita bagagem”.<sup>5</sup> As duas empresas que faziam parte do consórcio tinham a exclusividade do transporte dos emigrantes para as terras da Sociedade Hanseática.

- 2) O hectare comprado pela Empresa, junto ao Governo de Santa Catarina, ao custo de 1\$500 (2 Marcos), seria vendido ao colono ao preço de 18\$000 o hectare (24 Marcos). Considere-se que, mesmo havendo muita despesa com a medição e infraestrutura, o lucro era considerável.
- 3) A Empresa receberia as subvenções estabelecidas pelo Governo Federal no decreto n. 528, de 28 de junho de 1890, a respeito da introdução e localização de imigrantes no Brasil: para cada casa construída 250\$000, para cada família instalada 200\$000, para cada quilômetro de estrada, entre 800\$000 e 1:500\$000.<sup>6</sup> Esta lei, no entanto, foi abolida no final de 1896, ficando a sociedade sem estes benefícios.
- 4) Os sócios da empresa visavam também obter lucros com extração de matéria-prima sobretudo madeira e a exportação, para a Alemanha, de produtos não industrializados. Por isso não eram estimulados os empreendimentos industriais para que a colônia, através da empresa, adquirisse os manufaturados da Alemanha.

Depois de constituída a Sociedade Colonizadora Hanseática, foi contratado A. W. Sellin, especialista em assuntos de colonização no sul do Brasil, para chefiar o programa de colonização em Santa Catarina.

No entanto, havia na Alemanha, nessa época, um sério problema quanto à emigração. Quem seriam os candidatos à emigração para o Brasil?

---

<sup>5</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 11 jul. 1983, n. 1206, p. 9.

<sup>6</sup> RICHTER, Klaus. Op. cit., p. 21.

Os adeptos do imperialismo incentivavam a emigração de colonos que comprariam artigos importados das Alemanha e difundiriam o consumo destes produtos entre lusos e teuto-brasileiros. Em princípio, o Governo alemão era também favorável à emigração, pois a presença de contingentes germânicos em terras brasileiras representaria uma força política face à crescente penetração econômica e política dos Estados Unidos nos países da América do Sul, particularmente o Brasil. Por outro lado, havia também setores do governo representados pelos latifundiários e grupos empresariais que eram contrários à emigração pelo temor da falta de mão de obra na lavoura e na florescente indústria alemã. Houve também receios que, pela colonização alemã em grande escala, o Brasil meridional dentro de pouco tempo produzisse gêneros agrícolas suficientes para torná-lo um sério concorrente no mercado interno da Alemanha. No entanto, os defensores dos interesses da Sociedade Colonizadora argumentavam que, no sul do Brasil, os colonos alemães produziram para o mercado interno brasileiro, embora consumissem antes de tudo produtos importados da Alemanha. Por isso, contribuiriam para a criação de um grande mercado para indústria e comércio alemães.<sup>7</sup>

O movimento migratório de 1850 a 1880 fora provocado sobretudo pela falta de terra e desemprego na Alemanha e a conseqüente fome e miséria. Em conseqüência de mudanças estruturais, já não preponderava mais, no final do século XIX, a família camponesa, típica do período anterior. Ora, para a colonização do interior de Santa Catarina era preciso encontrar gente capaz de derrubar a mata virgem, de preparar as primeiras roças e fazer pastagens, de construir ranchos primitivos e, aos poucos, edificar casas mais sólidas, enfim, pioneiros aptos e decididos a enfrentar uma tarefa extremamente árdua e difícil.

Daí a dificuldade em conseguir emigrantes para a colônia Hansa em número suficiente. E daqueles que vieram, não pou-

---

<sup>7</sup> RICHTER, Klaus. Op. cit., p. 26.

cos, depois de algum tempo, desistiram de ficar e voltaram à Alemanha ou migraram para a Argentina e Chile onde acreditavam encontrar condições melhores, ou se fixaram como operários, artesãos, comerciantes e profissionais liberais nos núcleos urbanos e semiurbanos em Santa Catarina.<sup>8</sup>

Muitos dos imigrantes encaminhados à colônia haviam antes exercido profissões que no início pouco valiam para enfrentar a árdua tarefa de pioneiros coloniais. Vinham, entre eles, artesãos, operários, comerciantes, rapazes solteiros e até alguns oficiais.<sup>9</sup>

O quadro social da emigração alemã por volta de 1890-1910 era bastante diferente daquele de 1850-1870, sendo que a maioria dos colonos vindos de ambientes urbanos da Europa Central não possuía as qualidades necessárias para pioneiros nas matas de Santa Catarina. Assim, é perfeitamente válida a observação de Sellin de que o tipo de colono alemão de Hansa em 1899 teria pouco em comum com aquele vindo para o Rio Grande do Sul, trinta anos antes. É que, conforme Doerck bem os caracterizava em 1902, muito colonos antes haviam trabalhado como operários em fábricas na Alemanha, e mesmo sendo acostumados a trabalho duro, não agüentariam as privações dos primeiros anos, tentando, em consequência, afastar-se da colônia. Na visão paternalista típica da época, Mörsch em 1905 afirma que grande parte provinha do proletariado urbano, e sendo, como ex-assalariados, tão-somente acostumados a pensar no salário semanal, não conseguiram dispor dos seus meios a longo prazo.

A inexperiência com a selva, a falta de conforto inicial, o clima e outros fatores foram marcantes no registro de dificuldades dos primeiros anos. O imigrante da década de 1920 que colonizou o Vale de Dona Emma, era diferente daquele trazido pela Empresa nos primeiros anos de sua atividade em virtude das

---

<sup>8</sup> SCHORER, Wilhelm. *Dona Emma. Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 21 maio 1983, n. 1203, p. 4.

<sup>9</sup> RICHTER, Klaus. *Op. cit.*, p. 40-41

mudanças ocorridas na Europa em decorrência da guerra. Wilhelm Schorer atesta que

O material humano que procedeu à colonização era muito bom. Vindo de todas as profissões, como por exemplo, de fábricas, da mineração, etc., os imigrantes tornavam-se bons colonos. Vinham da primeira guerra mundial, de um mundo muito pequeno, com antigas virtudes: trabalho, dever, serviço, modéstia e uma formação escolar muito boa. Todos eles imigraram com o firme propósito de, como colonos livres, construir para si um novo lar, em uma nova Pátria. Muitos tinham participado das lutas da guerra e conheciam demais as privações.<sup>10</sup>

Muitos colonos, os menos afortunados, tinham dificuldade de pagar em dinheiro as prestações de seu lote que podiam se estender por um prazo de 7 anos pois a renda proveniente da venda de produtos agrícolas nem sempre era suficiente para honrar os compromissos com a Empresa. A Empresa instituiu um sistema de vales que os colonos recebiam pelo trabalho em obras da própria Empresa, principalmente construção de estradas.

A forma de pagamento por trabalhos prestados mediante vales era de interesse tanto da Sociedade como dos colonos. A sociedade, sempre carente de capital líquido, conseguia desta maneira reduzir consideravelmente os seus gastos em moeda, enquanto os colonos, geralmente bastante endividados com a Sociedade, encontravam uma chance de saldar as suas dívidas. Houve, porém, uma grande desvantagem. Se os colonos recebessem só pequena parcela da remuneração pelos trabalhos prestados em moeda, ficaria demasiadamente restrito o seu poder aquisitivo e isso impediria o progresso econômico mais rápido da Hansa.<sup>11</sup>

Entre dois terços e metade dos emigrantes originalmente destinados à Colônia Hansa, desistiram de se fixar nela logo no início, ou depois de pouco tempo, e se retiraram dela. A Sociedade logo percebeu que pela introdução tão-somente de colonos alemães, jamais seria capaz de desempenhar o programa

<sup>10</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 21 maio 1983, n. 1203, p. 4.

<sup>11</sup> RICHTER, KLAUS. Op. cit., p. 62.

colonizatório ao qual se comprometera perante o Governo do Estado de Santa Catarina. Por isso aceitou e atraiu colonos teuto-brasileiros, filhos e netos de imigrantes alemães, de Blumenau, que além de serem experientes, possuíam alguns meios próprios pelo qual seriam capazes de pagar os seus lotes à vista.

Juntamente com os imigrantes, muitos dos filhos de colonos, já criados no Brasil, começaram a formar colônias em Dona Emma. A vida deles já era mais fácil, pois os seus pais lhes ajudavam.<sup>12</sup>

No final do século XIX e início do século XX a indústria alemã absorvia o excedente da mão de obra agrícola. Por isso, a Sociedade Colonizadora Hanseática teve dificuldade em conseguir emigrantes agricultores. Introduziu aí muitos imigrantes não agricultores tais como comerciantes, artesãos, etc., e, principalmente, atraiu para sua colônia alemães ou descendentes de alemães já radicados no Brasil. Quando as terras da Colônia Hansa foram postas à venda, foi até necessário estipular que 20% dos lotes seriam destinados para imigrantes alemães e os demais 80% poderiam ser adquiridos por teuto-brasileiros.

As expectativas otimistas da Sociedade eram, conforme contrato celebrado com o Governo de Santa Catarina, introduzir na colônia seis mil emigrantes por ano. Em virtude da pressão exercida pelos grandes latifundiários que, temendo pela sua mão de obra rural, este número foi reduzido, não alcançando jamais o número de mil emigrantes por ano.

A Sociedade Colonizadora Hanseática escolheu para lugar de sua sede o distrito de Itajaí-Hercílio, no município de Blumenau, a 8 de novembro de 1897, que recebeu mais tarde o nome de Hamônia e que hoje se denomina Ibirama. Os trabalhos de medição, demarcação de lotes e construção de estradas e caminhos iniciaram-se no ano seguinte. Os primeiros imigrantes chegaram no final de 1889.

Nem todos os colonos que compraram lotes da Sociedade Colonizadora Hanseática estabeleceram-se em Dona Emma. A

<sup>12</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 11 jul. 1983, n. 1206, p. 9.

dificuldade no cumprimento das cláusulas estipuladas no contrato, tais como a não ocupação do lote em tempo hábil, levou ao atraso no pagamento das parcelas obrigando alguns proprietários a revenderem seus lotes.

Por falta de recursos a Colonizadora não conseguiu honrar todos os benefícios oferecidos aos que adquiriam lotes. As vias de acesso, tanto à colônia e seus núcleos como aos lotes coloniais, eram indispensáveis para introduzir os colonos nas diversas linhas coloniais, garantir vias para o futuro escoamento dos seus produtos aos mercados próximos e, pelo emprego de muita mão de obra na sua construção, principalmente no início, oferecer trabalho e ganho extra àqueles que não conseguissem logo viver dos seus lotes e que carecessem de recursos próprios. A sociedade tinha como propósito construir para cada lote colonial estrada de rodagem, sendo em terreno plano com 4m de largura, e em terras montanhosas com 3m. Este propósito nem sempre foi cumprido porque dependia dos recursos provenientes da venda de lotes e, como a venda dependia da entrada de imigrantes, esta meta ficou muito aquém da expectativa. Para contornar a escassez de recursos, a Sociedade elevou, em 1902, de 18 para 22 Milréis o valor do hectare. Por outro lado, daí em diante, passou a conceder um desconto de 10% sobre o preço em caso de pagamento à vista.

Logo depois de fundada, a Sociedade percebeu que pela introdução tão-somente de colonos alemães, jamais seria capaz de desempenhar o programa colonizatório ao qual se comprometera perante o Governo do Estado de Santa Catarina. Era necessário que viessem para Hamônia colonos teuto-brasileiros, filhos e netos dos imigrantes alemães. Permitiu também que fizesse exceção para luso-brasileiros, desde que pagassem à vista. O representante da Sociedade, A. W. Sellin, habilmente explorou sentimentos nativistas brasileiros por motivos táticos, declarando que "sem dúvida as terras em questão poderiam ser colonizadas em mais curto tempo se a nossa Sociedade tivesse o direito de vendê-las também a colonos nacionais que muitas vezes as procuram e que contribuirão muito para pôr em contato os ele-

mentos estrangeiros com a vida nacional, e que seria de grande vantagem para o País".<sup>13</sup> Efetivamente, a 30 de agosto de 1898 o Governador Hercílio Pedro da Luz autorizou que "todas as terras [...] adquiridas pela sociedade serão exploradas e utilizadas pela Sociedade para a introdução e localização de colonos europeus, entre os quais, porém, poderão ser admitidos 25% de colonos nacionais".<sup>14</sup> Em 29 de abril de 1907, o governador Gustavo Richard mais uma vez alterou a lei estabelecendo que, enquanto possível, dois terços dos colonos sejam estrangeiros, excluindo-se pretos africanos, chineses e semelhantes, e o terço restante com nacionais.<sup>15</sup>

Para compensar a falta de colonos alemães vindos do Império Alemão, a Sociedade não só requereu autorização de introduzir teuto-brasileiros na sua colônia, mas também dirigiu uma petição ao governo do "Reich" a fim de que lhe fosse concedida licença para encaminhar imigrantes de língua alemã, embora, nacionalidade não-alemã, tais como teuto-russos, teuto-austriacos, teuto-suíços. A autorização foi concedida, mas, sob a condição que o número de colonos teutos de outros países europeus jamais deveria ultrapassar um certo limite que garantisse plena superioridade ao elemento alemão na colônia.<sup>16</sup> Efetivamente, após a revolução russa várias levas de teuto-russos se encaminharam para Dona Emma, porém a maioria destes retirou-se depois de alguns anos porque não conseguiram adaptar-se à vida de colonos na Hansa.

Outro problema sentido pelos moradores da Colônia Hansa foi a falta de alimentos baratos. As poucas "vendas" não tinham estoques suficientes, pois os próprios comerciantes não possuíam o capital necessário e tinham que conceder empréstimos aos seus fregueses que, em geral, não pagavam à vista. Antes da construção da estrada de ferro a estrada entre Hamônia e Blumenau era

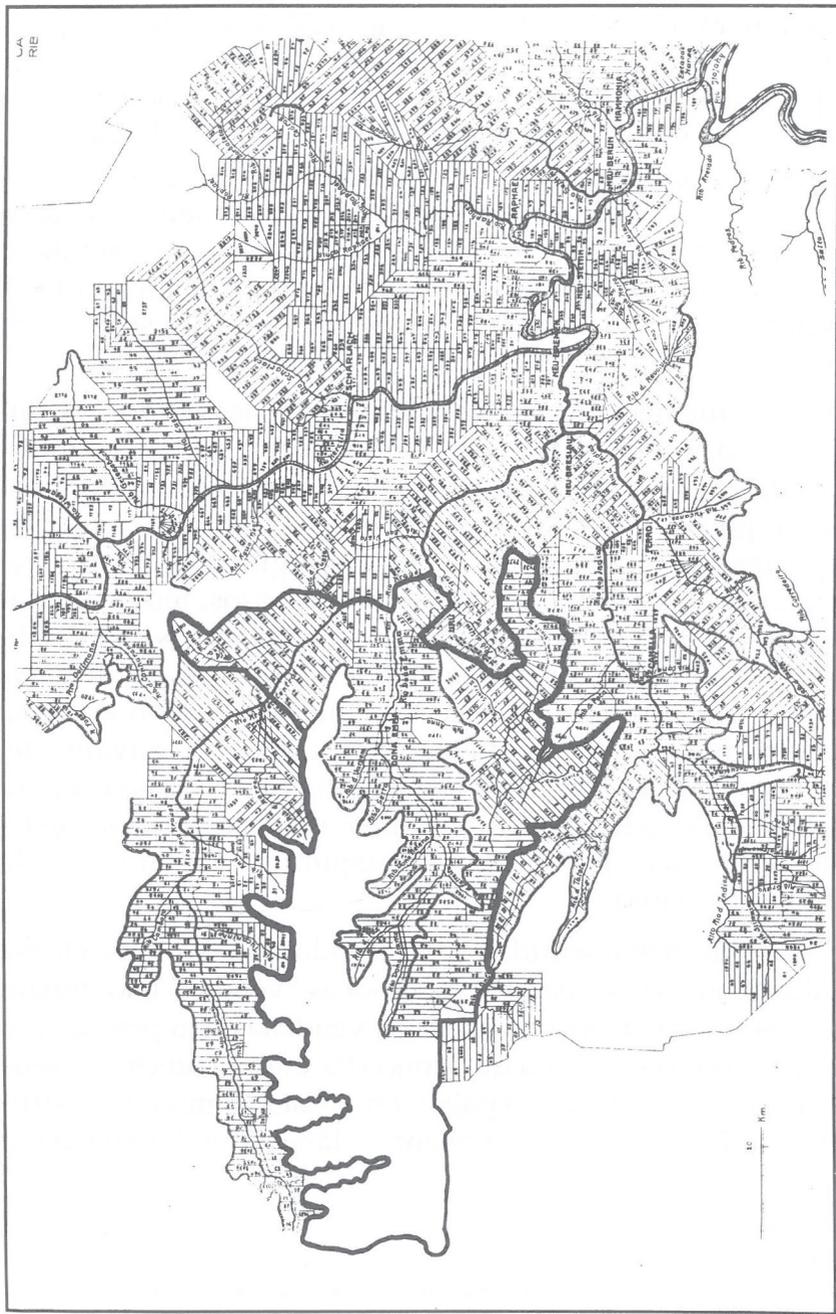
---

<sup>13</sup> RICHTER, Klaus. Op. cit., p. 45.

<sup>14</sup> RICHTER, Klaus. Op. cit., p. 46.

<sup>15</sup> Arquivo Público do Estado, Livro de Contratos da Procuradoria Fiscal n. 6, fls. 18-19.

<sup>16</sup> RICHTER, Klaus. Op. cit., p. 47.



Mapa da "Sociedade Colonizadora Hanséatica" com os lotes coloniais de Dona Emma em 1928. Note-se que a área correspondente às localidades de Rio Caçador, Caminho da Paz e Caminho do Morro ainda não estava loteada.

tão precária que dificultava o transporte e, com isso, encarecia as mercadorias.<sup>17</sup>

Entre 1907 e 1920 foram colonizadas grandes áreas nas margens do Rio Hercílio e seus afluentes. Tais estabelecimentos formavam linhas coloniais. Deste período destaca-se a figura de José Deeke que já era funcionário da Sociedade Colonizadora Hanseática, foi nomeado seu diretor em 1909.

A Companhia, depois de rescindido o contrato com o Estado em 1924, continuou introduzindo colonos em suas terras, principalmente depois da Primeira Guerra, quando, no ano de 1924, entrou grande contingente de alemães e foi vendido o maior número de lotes. Só naquele ano a Empresa recebeu 806 imigrantes e vendeu 422 lotes, dos quais muitos em Dona Emma.

A Sociedade Colonizadora Hanseática vendeu, do início de suas atividades até seu encerramento em 1934, ao todo 3.898 lotes nos quatro distritos de Itajaí-Hercílio, Itapocu (Corupá), São Bento e Piraí. A maior parte dos lotes situava-se no distrito de Hamônia.

## **A estrada de ferro**

Na segunda metade do século XIX e início do século XX a estrada de ferro veio a ser o meio de comunicação e de transporte mais visado principalmente nas regiões onde não havia possibilidade de transporte fluvial ou marítimo. Quando ainda não existia o carro movido com motor de explosão ou seu uso ainda pouco difundido, o transporte ferroviário era o meio mais rápido e barato. O volume a ser transportado era superior à capacidade de transporte mediante tração animal, seja em lombo de burro ou em carroça.

Vários planos ferroviários foram elaborados. A antiga Sociedade Colonizadora Hanseática de 1849 realizou estudos e apre-

---

<sup>17</sup> RICHTER, Klaus. Op. cit., p. 44.

sentou vários projetos de ferrovias ligando São Francisco do Sul, Joinville, Blumenau e Estreito (Florianópolis). A concessão que Carl Fabri obtivera do Governo de Santa Catarina em 1895, que incluía o privilégio de 20 km de cada lado da estrada não se realizou por falta de recursos.

Com a fundação de Hansa Hamônia em 1897 surgiu a necessidade de que fosse feita uma ligação ferroviária entre Blumenau e aquele distrito colonial. Facilitaria o acesso dos imigrantes às suas glebas, assim como o escoamento dos seus produtos aos mercados consumidores no litoral.

O primeiro a tomar a iniciativa foi o engenheiro alemão Friedrich von Ockel, que obteve do Governo de Santa Catarina a autorização para assentamento de “uma linha para tramways elétricos ou a vapor, nos caminhos ou estradas do Estado entre a cidade de Blumenau e o lugar denominado Aquidaban (Apiúna)”. Um ano mais tarde, em 1898 a concessão foi estendida ao interior catarinense.

Em 2 de fevereiro de 1907 constituiu-se a Estrada de Ferro Santa Catarina como Sociedade Anônima, com sede em Berlim. Esta sociedade, formada para financiar a construção da ferrovia, era formada por vários bancos alemães e por duas companhias de navegação.

Em dezembro de 1907 deu-se o começo aos trabalhos de construção, que estavam nas mãos de um consórcio formado pelas construtoras Hermann Bachstein e Arthur Koppel, de Berlim. Tratava-se de uma estrada de ferro de bitola estreita, de um metro, nos 69,4 km entre Blumenau e Hansa Hamônia. Foram empregados por volta de 1.500 operários, dos quais um pequeno grupo de artífices especializados veio diretamente da Europa. Como força de consumo, tal número de pessoas muito incentivou as atividades econômicas regionais do vale do Itajaí. A maior parte do material, especialmente pontes de ferro, trilhos e cimento, tinha que ser importado da Alemanha. O transporte foi feito pelas três principais companhias de navegação que haviam ajudado a

fundar tanto a Sociedade Colonizadora Hanseática como a Estrada de Ferro Santa Catarina. Era a primeira vez que navios transatlânticos atracavam regularmente em Itajaí, cujas instalações portuárias haviam sido melhoradas para tal propósito no ano anterior.

Em 1909, terminou-se o trecho previsto. Em 1º de outubro daquele ano foi inaugurado o último trecho da ligação entre Blumenau e Ibirama. No decorrer da Primeira Guerra Mundial, o Governo Federal encampou a EFSC pelo decreto n. 13.907, de 6 de janeiro de 1918, ficando ela, daí em diante, entregue á administração do Governo.

A ferrovia nunca proporcionou lucros. Mas, em compensação, trouxe para o Vale do Itajaí inteiro o início de maior desenvolvimento e prosperidade. Os seus efeitos econômicos e sociais no quadro regional devem ser considerados altamente positivos. Beneficiou principalmente a Colônia Hansa, o distrito de Itajaí-Hercílio, com a sede em Hamônia. Este distrito se tornaria daí em diante cada vez mais atrativo para colonos teuto-catarinenses vindos das regiões de colonização antiga do município de Blumenau e, por Blumenau, de outras regiões da antiga colonização.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> RICHTER, Klaus. Op. cit. p. 57-58.



## A terra e a natureza

*Daniel Cansian\**

O município de Dona Emma está localizado no vale Norte do rio Itajaí e faz divisa com os municípios de Presidente Getúlio, Ibirama, Witmarsum, Salete e Rio do Oeste.

O município encontra-se na região bioclimática 2, localizada na área sedimentar do Estado, onde predominam os siltitos e folhelhos. As formas vigorosas de relevo são comuns, principalmente nas encostas da serra. Todavia os relevos suave ondulados e ondulados são freqüentes.

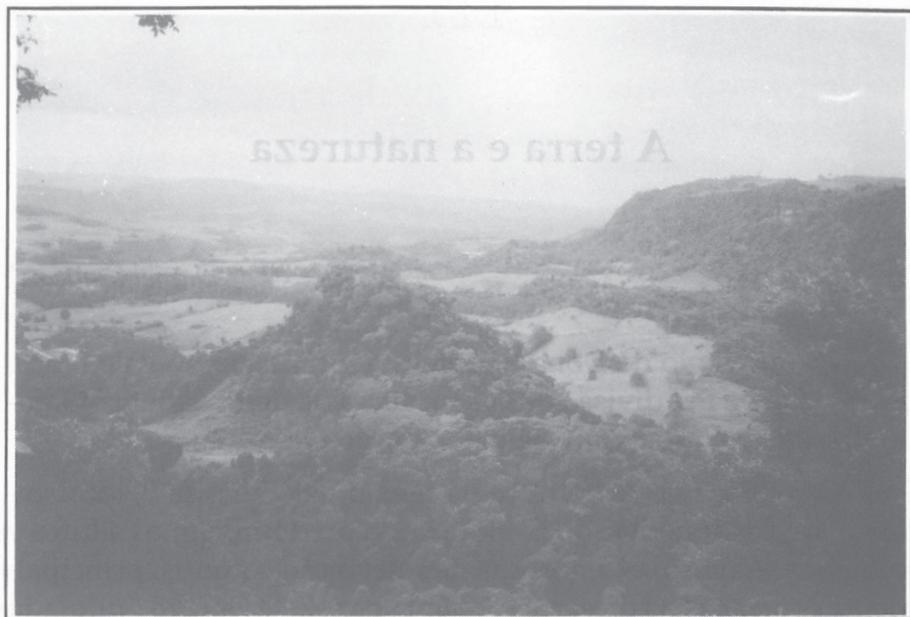
A sede do município encontra-se em um vale localizado a uma altitude de 360 metros acima do nível do mar. O ponto mais elevado do município localiza-se na serra do Caminho do Morro, que fica na região nordeste do município e sua altitude é de 715 metros.

O município todo tem uma extensão de 154 km<sup>2</sup> e o vale representa aproximadamente um terço desta área, ou seja, 50 km<sup>2</sup> (5.000 ha). O restante da área do município é formada por um planalto com relevo ondulado a forte ondulado. A passagem da região do planalto para o vale ocorre de forma abrupta, formando um paredão ao redor do vale, o qual está totalmente coberto pela mata atlântica. Este paredão só é descontínuo na região leste do município, formando uma espécie de acesso ao vale. Neste

---

\* Daniel CANSIAN é engenheiro agrônomo responsável pela E/R Microbacia do município de Dona Emma.

paredão encontram-se cachoeiras e pequenas quedas d'água que contribuem para encorpar o potencial turístico do município.



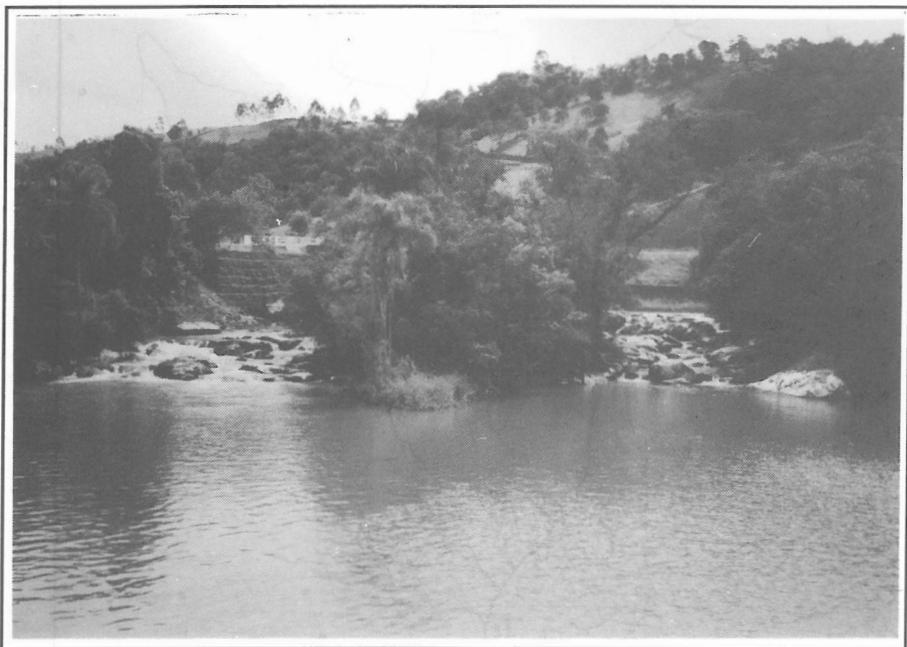
O vale do rio Dona Emma. À direita, o Stolzplateau

A floresta tropical atlântica, que no início da colonização do município representava a cobertura vegetal predominante, foi bastante devastada durante o ciclo da madeira e atualmente está restrita a  $\frac{1}{4}$  da área do município. Nesta floresta remanescente, a flora e a fauna são enriquecidas por centenas de espécies vegetais como cedro, tarumã, palmito, canela, bromélias, orquídeas, etc., e animais como macacos, tatus, quatis, tucanos, papagaios e pássaros pequenos de toda espécie.

A área florestal que foi derrubada encontra-se hoje substituída por 5.800 ha de pastagens naturais, 900 ha reflorestados com eucalipto e pinus, 1.600 ha em capoeira e 2.600 ha com culturas anuais onde predominam o fumo e o milho.

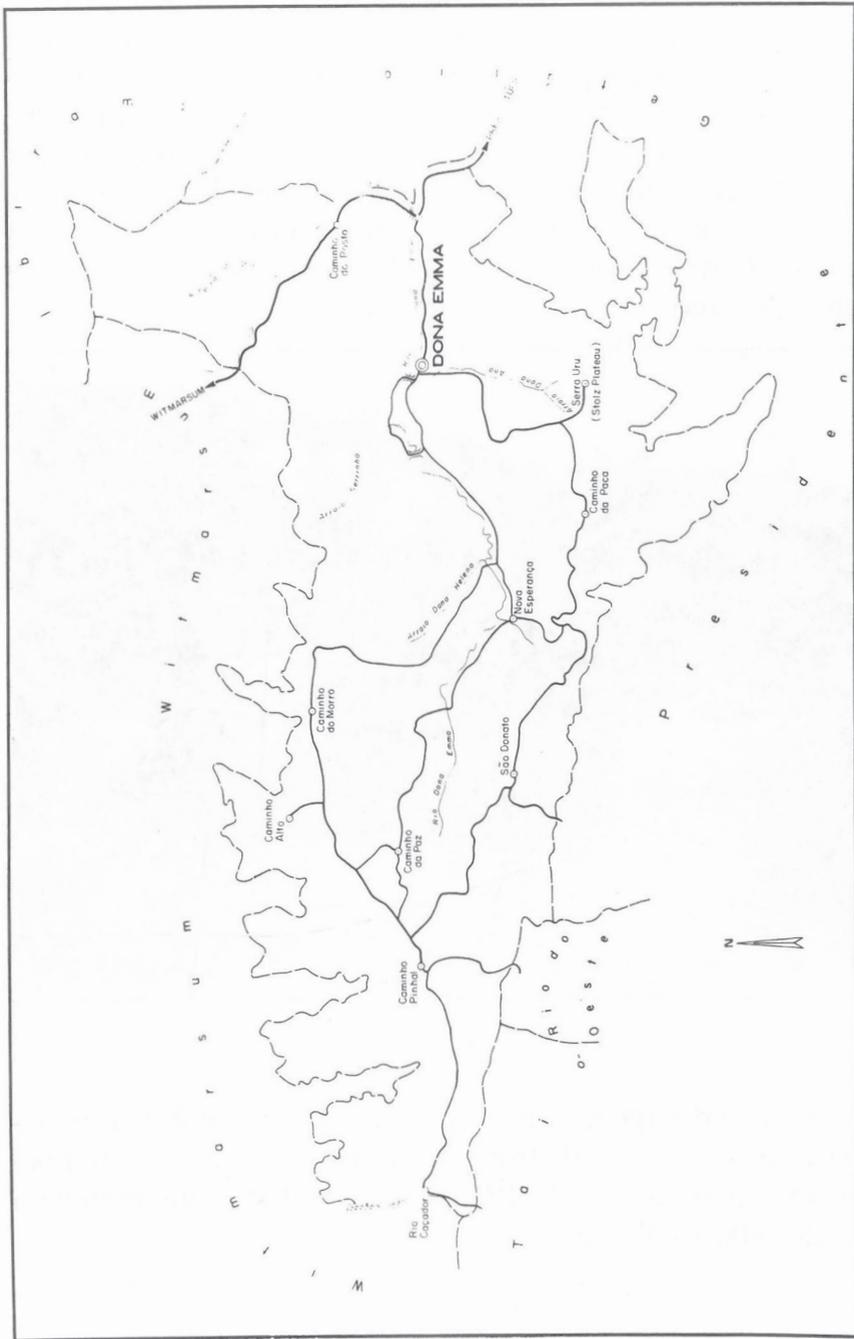
O principal rio do município é o rio Dona Emma, que tem como principais afluentes o Arroio da Paz, Arroio Dona Helena,

Arroio Serrinha, Arroio Tifa de Dentro e o Arroio Dona Ana. O rio Dona Emma tem a sua foz desaguardo no rio Krauel e drena praticamente toda a região do vale. A drenagem da região serrana do município é feita pelos rios Caçador, Arroio Jacupemba, Ribeirão do Mono e Arroio Pinhal. Encontram-se no município também as nascentes dos rios Ribeirão da Onça, Ribeirão da Paca, Ribeirão Uru e Arroio Leão, ao sul do município e ao norte as nascentes do Arroio Tucano, Arroio Tucaninho, Ribeirão Anum e Ribeirão Marreco.



Rio Dona Emma

O solo é do tipo Cambissolo Álico na parte alta do município e Cambissolo Álico distrófico na parte baixa (vale). A temperatura média anual é de 17-19° C e a precipitação pluviométrica anual de 1600 a 1800 mm.



Município de Dona Emma

## Dona Emma

Nas últimas décadas criaram-se muitos novos municípios no Estado de Santa Catarina. Nas eleições de 3 de outubro de 1996 foram eleitos 293 prefeitos. São 293 nomes de municípios. Uns já são muito antigos e bem conhecidos. Outros são recentes e têm denominação que para muitos soa estranho. São nomes extravagantes, fruto da imaginação ou resultantes de interesses políticos ou ideológicos. Na década de 1930, em nome de um nacionalismo exacerbado, houve um grande número de mudança de nomes de lugares sem tomar em consideração a tradição popular. O exemplo mais próximo é Hamônia, que teve o nome mudado para Ibirama.

Se em muitas localidades faltou bom gosto na escolha do nome do município, o mesmo não aconteceu quando, em 1962, foi criado o município que recebeu o nome de Dona Emma. Foi uma feliz idéia porque, ao adotar este nome, honrou-se uma tradição popular e homenageou-se uma pessoa altamente benemerita. Foi uma escolha feliz, acertada e justa. Dona Emma, uma mulher, deu seu nome a uma região fértil que foi para muitos imigrantes, carregados de dificuldades e agruras, um regaço materno.

As famílias de imigrantes alemães, principalmente as esposas de colonos, que no início do século se estabeleceram na área da Sociedade Colonizadora Hanseática, sentiam-se não raro isoladas nas primeiras semanas após a chegada. Mas em pouco tempo sentiam-se encorajadas e estimuladas por dona Emma,

esposa de José Deeke, diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática que lhes prestava assistência e conforto moral. A receptividade tornou-a querida daqueles pioneiros que, em sinal de gratidão, denominaram Dona Emma a um dos afluentes do rio Itajaí do Norte, nome que, por extensão, foi dado em 1919 ao núcleo de colonização formado às margens daquele afluente.



Emma Maria, esposa de José Deeke

Emma Maria, nasceu em Blumenau a 7 de julho de 1885. Era filha de Carlos Rischbieter e Hedwiges Clasen. Educada nos austeros princípios da moral cristã que seus pais haviam herdado dos antepassados, Emma cresceu rica em valores familiares, aperfeiçoando na leitura das obras que lhe chegavam às mãos o que aprendera na escola primária. "Tornou-se moça de rara beleza, robusta e saudável, com magnífica cabeleira negra que, em tranças, lhe descia até os joelhos".<sup>1</sup>

A 29 de agosto de 1904, quando tinha 19 anos, casou-se com o agrimensor José Deeke, funcionário da "Sociedade Colonizadora Hanseática" com sede em Hamônia, onde o jovem casal estabeleceu residência.

Junto ao esposo e aos cinco filhos, dona Emma exerceu verdadeiro apostolado no lar e na sociedade esmerando-se em transmitir as virtudes e valores que trouxera da casa paterna. Participava com dedicação das atividades benemerentes em favor de hospitais, escolas, igrejas, associações culturais e esportivas.

Com a continuação de um trabalho persistente, José Deeke foi nomeado, em 1909, diretor das Colônias Hanseáticas que compreendiam as de Hamônia, na bacia do rio Itajaí do Norte, e dos núcleos coloniais no então município de Joinville: Hansa Humboldt (Corupá), Itapocu, e outro no município de São Bento do Sul.

Como diretor da Empresa colonizadora, teve de redobrar atividades e esforços para se desempenhar do sério encargo que assumira, incompreendido, muitas vezes, por aqueles mesmos colonos a quem ele procurava assistir com o seu amparo e a sua proteção, no propósito de dotá-los de condições de vida melhores num tempo e num espaço encrespado de transtornos, de dificuldades e de privações. Foi nesse período de agruras que dona Emma se mostrou o braço direito do esposo na administração da Sociedade Colonizadora Hanseática. Auxiliava o marido na di-

---

<sup>1</sup> DA SILVA, José Ferreira. O Município de Dona Emma. *Blumenau em Cadernos*. Blumenau, t. V, n. 11/12, p. 152-155, nov./dez. 1962.

reção, no escritório e na administração da sede colonial; percorria com ele o interior na fiscalização de medições e demarcações de terras, abertura de picadas e de caminhos, orientando com o seu bom senso e experiência os imigrantes na seleção dos lotes e nos trabalhos de sua instalação e adaptação às terras escolhidas onde iriam começar vida nova até que os frutos do trabalho diuturno e penoso lhes viessem proporcionar anos seguidos de abundância e bem-estar. Com muita propriedade pode-se dizer que ela tornou-se a alma da colônia. Estimada, querida e respeitada por todos.

Terminada a Primeira Guerra Mundial, José Deeke, que permanecera à testa da Sociedade Colonizadora Hanseática, resolveu procurar lugares para assentar eventuais imigrantes que certamente chegariam flagelados e desiludidos com a destruição provocada pela guerra. Antecipando-se às determinações que pudessem proceder de Hamburgo, mandou explorar novas áreas para colonização que estivessem mais afastadas da região em que se encontrava o Posto da Reserva Indígena. Instruiu seus agrimensores a fim de que fizessem o levantamento dos terrenos que os caçadores afirmavam ser muito propícios ao assentamento de colonos. Cruzando a área nas diversas direções, a turma de medição teria ficado deslumbrada com a exuberância da mata entremeada de enormes pinheiros. Durante o descanso de almoço surgiu entre os funcionários, sob o comando do agrimensor Werner Weber, a idéia de denominar com o nome de Dona Emma aquele rio.<sup>2</sup>

Daí em diante o afluente do rio Krauel passou a chamar-se “Dona Emma”, designação que se estendeu a toda a linha colonial, à sua sede e às áreas circunjacentes. Como demonstração material da designação, o nome de “Dona Emma” foi gravado no tronco de um dos altaneiros pinheiros cuja impressionante majestade encarnava bem a riqueza magnífica daquele solo e da-

---

<sup>2</sup> Deeke, Nils. *Dona Emma Deeke*. (Manuscrito). Blumenau, 1996.

quelas matas que os imigrantes em breve transformariam em fonte de prosperidade.<sup>3</sup>

Dona Emma não foi somente a esposa dedicada, a mãe amorosa e boa, a conselheira e protetora dos imigrantes que procuravam o estabelecimento colonial administrado pelo marido. Encontrava ainda tempo para leitura e composições literárias. Como seu esposo que foi historiador, Dona Emma escreveu contos, poesias e relatos de viagem, esparsos em anuários e jornais da época, além de uma novela que tem como título “Amor e dever” (*Liebe und Pflicht*) baseada em fatos reais ocorridos em Blumenau. Inspirada no mesmo ideal do esposo, procurou caracterizar o elemento de origem germânica do Vale do Itajaí. Sem ferir o idioma ou outras tradições alemãs, sua obra buscava privilegiar as peculiaridades da vida sócio-cultural dos teuto-brasileiros.<sup>4</sup>

Emma Maria Deeke, viúva desde 1931, faleceu em Blumenau aos 10 de abril de 1950.

### Mein Glaube

Ich glaube, ich hoffe voll zuversicht!  
Doch was ich glaube, das fraget mich nicht  
Tief aus dem Herzen ruft's laut mir zu:  
In Worte kleiden, wär Vermessenheit!  
Wie der Himmel entfernt, – die Sterne weil –  
Schwebt es über uns, mehr sasse ich nicht!  
Doch! Glaube nur! – laut meine Seele spricht.  
Als leuchtender Stern in tiefdunkler nacht,  
Ist hell in mir der Glaube erwacht.  
Er leucht durch Finsternis auf zum Licht:  
Gerettet die Seele – o fürchte dich nicht!

Emma Deeke

<sup>3</sup> DA SILVA, José Ferreira. Op. Cit., p. 154

<sup>4</sup> BARRETO, Cristina Deeke. José Deeke. Centenário de Blumenau. p. 407



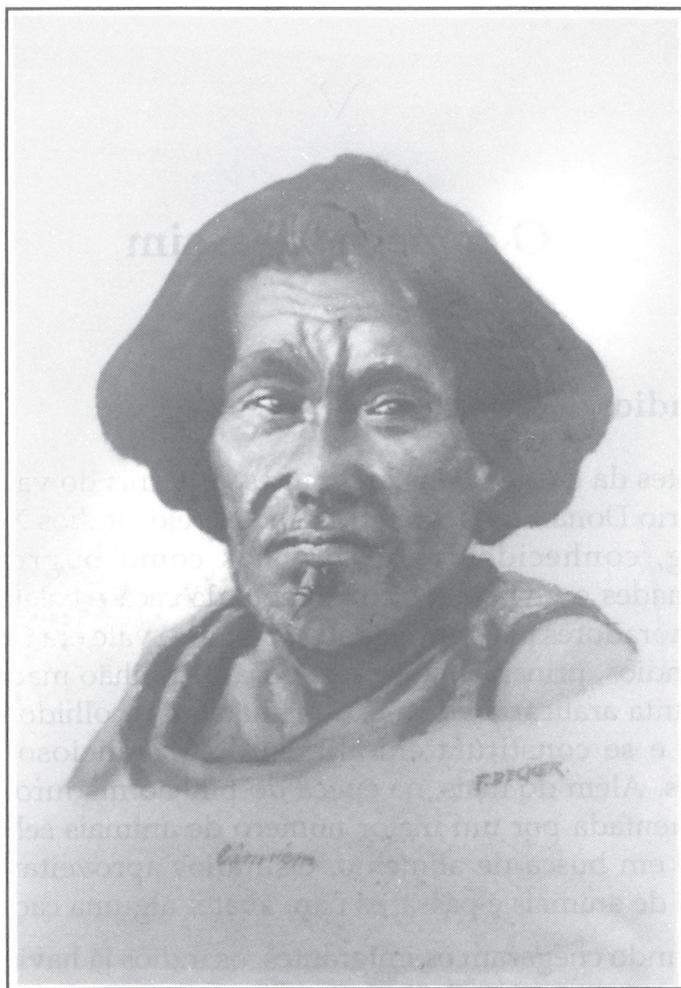
## O começo foi assim

### 1 Os índios

Antes da chegada dos imigrantes, as terras do vale banhado pelo rio Dona Emma eram habitadas pelos índios Xokleng e Kaigang, conhecidos pelos brancos como bugres. Eram seminômades e viviam principalmente da caça e coleta de frutas. Os moradores mais antigos atestam que o vale era freqüentado por índios, principalmente na época de pinhão maduro pois havia muita araucária no vale. O pinhão era recolhido e assado no fogo e se constituía em alimento substancioso para os selvícolas. Além do mais, na época do pinhão maduro a região era freqüentada por um maior número de animais selvagens e pássaros em busca de alimento. Os índios aproveitavam esta presença de animais e pássaros para abater alguma caça.

Quando chegaram os imigrantes, os índios já haviam desaparecido pois não há registro de conflitos armados entre brancos e índios. “Perigo em relação aos índios bugres já não existia mais”.<sup>1</sup> Há a notícia de que um branco teria sido morto com flechada no Caminho do Posto. Os moradores mais antigos se referem ao sr. Osório Rodrigues que “amansava” índios por volta de 1922, porém não em Dona Emma e sim em áreas vizinhas. Próximo do município de Dona Emma existe a reserva indígena “Duque de Caxias”, criada para evitar conflitos entre imigrantes e selvícolas.

<sup>1</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 28 maio 1983, n. 1204, p. 4.



Índio Câmrém. Pintura de Franz Becker

## 2 Os pioneiros

A colonização das terras que constituem o atual município de Dona Emma iniciou-se em 1919 quando foram abertas as primeiras trilhas na floresta desta região para medição das terras da Sociedade Colonizadora Hanseática. Porém, antes do início da

medição, o vale já era conhecido e visitado por caçadores que, subindo o rio Hercílio e o afluente deste, o rio Krauel, chegavam por picadas até o altiplano da bacia banhada pelo rio que posteriormente recebeu o nome de Dona Emma em homenagem à esposa de José Deeke, diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática.

A Empresa media e vendia as terras que lhe haviam sido concedidas por contrato com o Governo do Estado de Santa Catarina. A sede localizava-se em Hamônia, atual cidade de Ibirama. No que diz respeito às terras que compreendem o município de Dona Emma, a medição e venda dos lotes deu-se progressivamente rio acima até as cabeceiras do rio e seus pequenos afluentes que têm suas nascentes nos platôs acima dos peraus que circundam o vale e donde despenham riachos em forma de belas cascatas.

Os imigrantes pioneiros de Dona Emma eram, na maioria, alemães ou filhos de alemães imigrantes das antigas colônias como Blumenau, Indaial, Timbó. As famílias teuto-brasileiras, descendentes dos antigos imigrantes, eram via de regra de prole numerosa e necessitavam de terras para seus filhos pois os lotes eram pequenos para dividi-los entre os filhos. Daí a necessidade de partir em busca de novas terras na colônia recém-aberta. Outros eram alemães trazidos diretamente da Alemanha pela Sociedade Hanseática para colonizar suas terras.

Não raro os pais adquiriam lotes para os filhos e estes, em vista do casamento, preparavam o terreno com alguma infraestrutura para a futura moradia. Morando ainda em Nova Breslau (Presidente Getúlio), Neu Bremen ou Hansa Hamônia, trabalhavam durante a semana no lote em Dona Emma e passavam fim de semana em casa com a família. Conta Wilhelm SCHORER em sua Crônica:

... muitos dos filhos de colonos, já criados no Brasil, começaram a formar colônias em Dona Emma. A vida deles já era mais fácil, pois os seus pais lhes ajudavam. Vinham na segunda feira, com um saco cheio de alimen-

tos que continha feijão, farinha de mandioca e charque, traziam o machado e a foice, construíam uma cabana protetora bem primitiva e começavam com a derrubada da mata. Aos sábados iam para casa, para o Rafael. Quando o mato derrubado estava seco, voltavam para a queimada e o plantio.

Em seguida voltavam para casa, para trabalhar na colônia do pai. Em tempo oportuno construíam, pai e filho, um bom rancho, que mais tarde serviria como estábulo. E já na época da colheita, o jovem casal de colonos ia morar na sua propriedade".<sup>2</sup>

A Sociedade Colonizadora Hanseática providenciou a construção de três ranchos onde eram acolhidos os colonos recém-chegados. "Um destes ranchos ficava nas imediações da propriedade de Andreas Schwarz, o segundo perto de Olerico Fez [sic] e o terceiro ao lado (hoje) da igreja católica (Nova Esperança)"<sup>3</sup>. Partindo destes ranchos cada colono desmatava seu lote e trabalhava sua terra até que lá tivesse construído a sua cabana ou casa.



Casa de Heinrich Teubner e sua esposa Emilie

<sup>2</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 11 jul. 1983, n. 1206, p. 9.

<sup>3</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 11 jul. 1983, n. 1204, p. 4.

Alguns moradores, mas eram poucos, tinham dinheiro suficiente para quitar de imediato o lote comprado. Outros pagavam-no com mão de obra na construção de pontes, estradas e demais serviços. A principal soma em dinheiro para pagamento dos lotes era obtido com a venda do excedente da produção agrícola ou extração e comercialização de madeira.

Todo o começo é difícil e em Dona Emma não foi diferente. Quando os imigrantes chegaram, tudo era floresta e, portanto, tudo estava por fazer. Não havia estradas, igrejas, escolas e os demais serviços e infraestrutura básica necessária para uma vida segura e mais confortável. Os pioneiros notabilizaram-se pela solidariedade. Era comum o sistema de mutirão na realização de obras comunitárias e entreaajuda entre famílias e vizinhos principalmente em casos de doença.

Wilhelm Schorer, um dos primeiros moradores de Dona Emma, afirma em sua *Crônica* que o primeiro imigrante a adquirir terras na nova linha colonial foi Andreas Schwarz.<sup>4</sup> No entanto, o primeiro colono a fixar residência em Dona Emma foi Albert Koglin. Construiu um rancho na foz do ribeirão Anna onde também se localizavam suas terras.<sup>5</sup>

No Documento da Pedra Fundamental da Igreja Evangélica está escrito: “Como primeiro colono, Albert Koglin fixou residência no atual lugar da Praça da Intendência no ano de 1920 e adquiriu uma fileira de lotes. Seu filho Otto comprou a colônia ao lado das terras da Igreja”<sup>6</sup>.

Albert Ax, que imigrou para Dona Emma em 1920, afirma:

... de Nova Breslau [atual Presidente Getúlio] em diante havia ainda uns 7 km de estrada pelo rio Krauel acima até o sopé do morro do Uru. Aqui moravam os últimos colonos. Dalí em diante era só floresta. Por uma

<sup>4</sup> Andreas Schwarz (10.05.1895 - 08.05.1973) era casado com Erna Pletz (15.04.1904 - 16.05.1988)

<sup>5</sup> Albert Koglin (21.10.1866 - 07.08.1956) era casado com Anna Volkmann (12.05.1868 - 28.04.1960)

<sup>6</sup> Urkunde der Grundsteinlegung der evangelischen “Friedens-Kirche” in Dona Emma. 23 set. 1934, p. 1.

picada chegamos até o alto da serra do Uru e de lá ao Rio Dona Emma. Também aqui, até onde podíamos avistar não se via nada a não ser escura floresta. Assim era fácil concluir que os terrenos eram em geral planos ou ondulados e, portanto, promissores de terra boa para arado. Aqui encontramos Albert Koglin com seus filhos. O mesmo já se encontrava aproximadamente 37 anos no Brasil e tinha sua família em Nova Berlim (subúrbio de Ibirama). Pernoitamos no rancho de sua propriedade e no dia seguinte mostrou-nos inúmeros lotes coloniais”.<sup>7</sup>



Albert Koglin e sua esposa Anna Volkmann

Albert Koglin era considerado o “pai dos colonos” porque socorria os colonos em necessidade ora fornecendo alimentação aos recém-chegados, ora emprestando algum animal para transporte e outros auxílios. Aconselhava também os imigrantes estrangeiros que não tinham conhecimento da natureza e do clima da região quando chegavam no Vale de Dona Emma. Conta um

<sup>7</sup> Ax, Albert. Die Entwicklung der Kolonie Dona Emma in 12 Jahren. *Blumenauer Volkskalender*. Blumenau : Nietzsche & Hömke, 1933, p. 77.

colono teuto-russo do Cáucaso: “Quando começamos a labuta na floresta, fomos bem orientados e aconselhados por Albert Koglin para plantar somente o que os antigos e experientes colonos plantavam”<sup>8</sup>. Ele já era conhecido em Hamônia como um homem prestativo quando comprava lotes na periferia da cidade e os revendia em prestações acessíveis aos novos colonos forçando, desta forma, os proprietários de lotes do centro a baixarem os preços.

Em Dona Emma Albert Koglin agiu do mesmo modo. Adquiriu o lote 1370 com 197 hectares, que abrangia todo o vale banhado pelo ribeirão Ana. Dado o tamanho, era considerado como sendo uma fazenda. Mais tarde dividiu a gleba em lotes de tamanho convencional e os revendeu aos novos imigrantes.

A madeira, sobretudo tábuas para construção de casas, era uma das primeiras e mais urgentes necessidades dos imigrantes. Albert Koglin em sociedade com seus filhos Paulo e Otto construíram a primeira serraria facilitando assim a vida dos colonos. Junto ao engenho de serra movido à água, Albert Koglin construiu também uma atafona para onde os colonos levavam o milho para ser transformado em fubá. A farinha de milho, que era o ingrediente principal do pão, era alimento básico para a maioria dos imigrantes alemães em substituição ao trigo.

Andreas Schwarz foi, juntamente com Albert Koglin, um dos pioneiros de primeira hora em Dona Emma. Era natural da Rússia e recém-casado. Ele abriu a primeira “venda” em Dona Emma no ano de 1923. Seu estabelecimento comercial progrediu rapidamente e, em atendimento às necessidades dos colonos, instalou uma desnatadeira e uma atafona. Os colonos traziam o leite que era desnatado e vendido, e o soro era levado de volta para casa e tratado aos porcos. Duas vezes por semana transportava, de carroça, mercadorias para Hamônia.

---

<sup>8</sup> WEIDMANN, Adolf. *Bericht den Kaukasischen Flüchtlingen in Brasilien*. Curitiba : Gráfica Elite, sd.



Andreas Schwarz e sua esposa Erna Pletz junto à mesa de café.  
Ao lado, de terno branco, o agrimensor Werner Weber. 1921

Andreas Schwarz foi um dos pioneiros e líderes na fundação e organização da comunidade evangélica. Foi também um dos líderes da fundação da Sociedade de Atiradores "Dona Emma" (*Schützenverein Dona Emma*). Sob sua influência e com sua participação foi fundado em 1944 a Sociedade Esportiva Avaí, cuja sede se localizava em terreno de sua propriedade.

Entre os anos de 1920 e 1922 grande número de imigrantes se estabeleceu em Dona Emma de sorte que praticamente todos os lotes coloniais estavam ocupados. Após a Primeira Guerra a situação era caótica na Alemanha. "A terrível inflação fez com que Dona Emma se tornasse o refúgio de muitos compatriotas do povo alemão"<sup>9</sup>. Por isso no período de pós-guerra abandonaram a Alemanha e estabeleceram-se em Dona Emma.

Entre outras, a família de Heinrich Ax foi um desses imigrantes vítima dos horrores e seqüelas da guerra. Seu filho Albert Ax escreve em sua *crônica*:

<sup>9</sup> Urkunde der Grundsteinlegung der evangelischen "Friedens-Kirche" in Dona Emma. 23 set. 1934, p. 1



Andreas Schwarz com sua esposa Erna Pletz.  
Filhos: Fridolin, Alvin (no colo), Regina e Arnold. 1928

No fim de setembro de 1920, juntamente com três outras famílias westfalianas<sup>10</sup>, entramos na acolhedora cidadezinha de Hamônia situada no Vale do Rio Hercílio. A direção da Sociedade Colonizadora Hanseática prestou-nos solícitamente todos os esclarecimentos que desejávamos e aconselhou-nos ver as terras recém-medidas no Rio Dona Emma. Deixamos nossas famílias em Hamônia e, na manhã do dia 30 de setembro de 1920, partimos a pé. [...] Finalmente tínhamos encontrado o que estava ao alcance de nossos anseios e assim decidimos por Dona Emma e lá, como colonos, experimentar nossa sobrevivência. Agora, mãos à obra!<sup>11</sup>

<sup>10</sup> As três famílias a que o autor se refere são: Heirich Ax, Alfons Ax e Franz Hochstein casado com Ida Ax.

<sup>11</sup> Ax, Albert. Die Entwicklung der Kolonie Dona Emma in 12 Jahren. *Blumenauer Volkskalender*. Blumenau : Nietzsche & Hömke, 1933, p. 76.

Após a Primeira Guerra a Alemanha derrotada estava em ruínas e entrou numa grande crise financeira com taxas de inflação de alguns milhares porcentos ao ano. Henrique Ax, que trabalhara nas minas de carvão na região do Ruhr, estava com a saúde abalada pela insalubridade das minas e por isso decidiu emigrar. Entre as muitas possibilidades que se apresentaram, optou pelas terras oferecidas pela Sociedade Colonizadora Hanseática. A família Ax era muito religiosa e notabilizou-se pela organização da comunidade católica. Durante mais de uma década acolhia o Padre em sua casa e colocava a grande sala de sua residência à disposição para a missa ou culto enquanto não havia igreja. Liderou também a construção da primeira igreja católica.



Heinrich Ax e Theresia Julius  
Filhos: Albert, Martin, Joseph, Klara, Alfons, Ida.

Além dos nomes de imigrantes citados anteriormente, estão as famílias de:

Albert Rühl	Heiner von Nessen
Alfons Eskelsen	Heinrich Viets
Alfred Koesteke	Hermann Albert
Alwin Keunecke	Hermann Bahr
Andreas Leitis	Hermann Kütter
Arnold Goll	Hermann Zollner
August Wöstehoff	Johanna Rühl
Carl Molzahn	Johannes Kränkel
Emil Derlinger	Karl Hajeck
Erich Bahr	Karl Kütter
Erns Eskelsen	Karl Wagner (Rússia)
Erns Goemann	Leopold Fey
Erns Schäfer	Ludwig Irlinger
Eugin Schaffner	Oscar Stein
Fernando Becker	Otto Schäffer
Franz Becker	Richard Lindner
Franz Dörlitz	Richard Braun
Friedrich Lindner	Richard Koepsel
Fritz Schäfer	Rudolf Graf
Fritz Zimmermann	Stephan Nickel
Georg Herwig	Wilhelm Voide
Gottfried Debatin (Guabiruba/SC)	Wilhelm Westehof.

Entre Natal e Ano Novo do ano de 1922 chegou um grupo de agricultores alemães-russos da região de Terek, do Cáucaso. Eram refugiados de guerra de origem alemã que depois da revolução comunista de 1917 fugiram para a Alemanha. Através da Sociedade Colonizadora Hanseática, 18 famílias perfazendo um total de 92 pessoas se instalaram em Dona Emma onde encontraram uma nova pátria<sup>12</sup>. Esta primeira leva de teuto-russos se fixou na parte superior do vale onde as terras ainda não haviam sido vendidas. Por desejo dos próprios imigrantes, deram ao lugar o nome de *Neuhoffnung* (Nova Esperança). Sem dúvida, estas famílias que na Rússia tiveram suas terras confiscadas e de lá

<sup>12</sup> Urkunde der Grundsteinlegung der evangelischen "Friedens-Kirche" in Dona Emma. 23 set. 1934, p. 1

expulsos, encontram neste vale, no meio da floresta, nova esperança em dias melhores.

A colonização foi concluída antes do natal de 1922, quando chegou um grupo de agricultores de origem alemã da região do Terek, do Cáucaso na Rússia, que tinham sido expulsos de lá pelos povos das montanhas do Cáucaso.

Fixaram-se na região superior do rio Dona Emma e deram a ela o nome de "Nova Esperança". Eram excelentes colonos, apesar de serem originários das estepes. Mostraram a sua eficácia e autenticidade também na mata virgem.<sup>13</sup>

Em termos confessionais, eram protestantes do ramo Batista e denominavam-se "Filhos de Deus" (Gotteskinder). Faziam parte deste grupo de teuto-russos as seguintes famílias:

... Hinz (viúva)	Heinrich Gillung
Adolf Weidmann	Heinrich Wegner
Andreas Scheffelmeier	Johannes Scheffelmeier
August Bleck	Julius Schmitt
Christian Reinche	Michel Meglin
Emil Henke	Reinold Kretz
Friedrich Hinz	Samuel Schendel
Gustav Weidmann	Wilhelm Benke
Heinrich Benke	Wilhelm Meglin

Depois de alguns anos, muitas dessas famílias insatisfeitas com as terras acidentadas pouco apropriadas para o cultivo de trigo, migraram para o Rio Grande do sul, onde se estabeleceram na localidade de Capão Alto, no município de Panambi.

No início do ano de 1928 estabeleceu-se em Dona Emma uma segunda leva de teuto-russos. Eram refugiados de origem alemã da região de Volínia, na Ucrânia, donde haviam fugido

---

<sup>13</sup> CHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 4 jul. 1983, n. 1205, p. 7. Para quem desejar maiores esclarecimentos sobre os teuto-russos do Cáucaso indico a leitura do livrinho Bericht von den Kaukasischen Flüchtlingen in Brasilien, de Adolf Weidmann.

para a Alemanha após a revolução comunista. Na Alemanha foram aliciados por um agente de fazendeiro que os contratou para trabalhar na fazenda de café em Bocaina do Sul, no Cajuru em São Paulo em 1926. Pelo pagamento das despesas de viagem deveriam trabalhar dois anos na cultura do café. Passado este prazo, os imigrantes, percebendo que como operários nesta lavoura não haveria para eles futuro muito promissor, decidiram estabelecer-se em Dona Emma. Porém as terras do vale já estavam todas ocupadas, restando-lhes como opção os lotes recém-medidos no planalto, na localidade inicialmente denominada Caminho Pinhal e hoje São Donato. As principais famílias teuto-russas que se estabeleceram em São Donato foram:

Andreas Jabs	Friedrich Rutten
August Rutten	Gustav Kelbert
August Siegert	Gustav Witt
August Wahl	Jacob Seibel
Carl Schlag	Johannes Gutsch
Christian König	Julius Baier
David Hinz	Julius Kleinbeil
Eduard Günther	Herbert Witt
Emil Hinz	Ludwig Janke

Quando os teuto-russos se instalaram em São Donato ainda não havia estrada de Dona Emma até aquela localidade. Os imigrantes seguiam por uma picada e, para subir o perau ajudavam-se mutuamente formando uma corrente de 15 a 20 pessoas. Às vezes o único meio para superar os obstáculos do paredão eram os cipós pendurados das árvores.

Nos primeiros dias do mês novembro de 1930 chegou mais uma leva bastante numerosa de teuto-russos. Desta vez eram os chamados Menonitas da região do Volga na Rússia. Como as terras do vale já estavam todas ocupadas, foi-lhes oferecido o Stolzplateau, no alto da serra do Uru, região ainda totalmente coberta pela mata virgem. O começo deste grupo de imigrantes

foi extremamente difícil dada a localização de suas terras de difícil acesso e a inexperiência do trabalho na mata.



Das estepes da Rússia para a floresta em Dona Emma

Estabeleceram-se ao todo no Stolzplateau 103 famílias e 11 pessoas isoladas perfazendo 503 pessoas. Não se sabe quantas e quais famílias se estabeleceram naquela região do Stolzplateau que passou a fazer parte do município de Dona Emma e que atualmente se denomina Uru. No dia 23 de novembro de 1932 foram listadas 92 famílias em Stolzplateau cujos nomes são os seguintes:<sup>14</sup>

Abram Buhr  
Abram G. Enns  
Abram Kroeker  
Abram Loewen  
Abram Rogalsky  
Agatha Hübert

August Voht  
Bernard Loewen  
Bernhard Krahn  
Bernhard Sawatsky  
Daniel Krause  
David Brandt

<sup>14</sup> PAULUS Jr. Peter. *Menoniten in Brasilien. Gedenkschrift zum 50 Jahr - Jubiläum ihre Einwanderung (1930-1980)*. Witmarsum, 1980. p. 69.

David Dan Koop  
David Dav. Koop  
David J. Enns  
Elisabeth Federau  
Elisabeth Rogalsky  
Elisabeth Wiens  
Franz Enns  
Franz Fast  
Franz Joh. Dyck  
Gerhard Krahn  
Gerhard Rosenfeld  
Heinrich Adrian  
Heinrich Bergen  
Heinrich Ediger  
Heinrich Fr. Voht  
Heinrich H. Dyck  
Heinrich H. Friesen  
Heinrich H. Thiesser  
Heinrich Hildebrandt  
Heinrich J. Friesen  
Heinrich H. Thiesser  
Heinrich Hildebrandt  
Heinrich J. Friesen  
Heinrich Kasper  
Heinrich Loepf  
Heinrich P. Neufeld  
Heinrich Rempel  
Heinrich Rogalsky  
Helena Epp  
Hugo Peters  
Isaak Enns  
Jakob D. Schellenberg  
Jakob Egg

Jakob Ewert  
Jakob Fr. Rogalsky  
Jakob H. Enns  
Jakob H. Thiessen  
Jakob J. Dyck  
Jakob J. Harder  
Jakob J. Rogalsky  
Jakob J. Siebert  
Jakob Joh. Siemens  
Jakob Martens  
Jakob Neufeld  
Jakob Pet. Siemens  
Jakob Wiebe  
Johann D. Klassen  
Johann D. Sperling  
Johann Dav. Koop  
Johann Hamm  
Johann J. Riediger  
Johann J. Wiens  
Johann Jak. Boldt  
Johann Mertens  
Johann P. Warkentin  
Johann Paetkau  
Johann Reimer  
Johann Unger  
Johannes J. Janzen  
Katharina Koop  
Katharina Kroecker  
Katharina P. Boldt  
Kornelius Fast  
Kornelius Neustaedler  
Kornelius Wall  
Lena Friesen

Maria Pankratz  
Nicolei Hübert  
Peter A. Isaak  
Peter Goerzen  
Peter Hamm  
Peter J. Dyck  
Peter J. Harder

Peter K. Heinrichs  
Peter Quapp  
Peter Redekopp  
Susanna Toews  
Susanna W. Dyck  
Wilhelm Berg  
Wilhelm Neufeld

Naturais das planuras do Volga onde haviam sido proprietários de grandes fazendas comunitárias equipadas com modernas máquinas para trabalhar a terra, pouca aptidão mostraram para enfrentar a floresta. Acostumados com a cultura do trigo, lutaram em vão no desbravamento da mata, construção de casas, igreja e escola. Após cinco anos de trabalho frustrado, a maioria já havia se mudado para o Estado do Paraná onde, na proximidade da cidade de Castro, montaram um estabelecimento agrícola nos moldes de sua terra de origem.

Em 1937 começaram a chegar as primeiras famílias italianas do sul do Estado, da região de Criciúma e Içara. Estabeleceram-se no Caminho Pinhal no planalto da serra em volta do Vale do Rio Dona Emma e que hoje compreende as localidades de São Donato, Rio Caçador, Alto Caminho da Paz, Caminho do Morro, Caminho Alto e Caminho Pinhal propriamente dito.

Os primeiros colonizadores chegaram à localidade de Caminho Pinhal, via São Donato e pelo Alto Rio Krauel, via Rio Caçador, numa época em que toda a região era mata virgem, encontrando-se vastas florestas de araucária, donde originou-se o nome de Caminho Pinhal.<sup>15</sup>

As famílias pioneiras de origem italiana foram:

a) Em São Donato:

Atílio Daltoé, Lucas Daltoé, Líbero Vavassori, Atílio Dagostin, Benjamin Benedetti.

---

<sup>15</sup> RIZZIERI, Joventino. *Caminho Pinhal*. S.l. p. 3.

Os colonos teuto-russos que haviam se estabelecido em 1927 em Caminho Pinhal não se acostumaram com a terra e o clima. As famílias italianas que aí se estabeleceram compraram as propriedades dos teuto-russos. Os teuto-russos eram protestantes e não haviam construído igreja; apenas uma escola. Os italianos trouxeram consigo seu padroeiro, São Donato. Em pouco tempo construíram uma capela e em homenagem ao santo venerado na capela, o povoado passou a denominar-se São Donato.

b) Em Rio Caçador:

Modesto Lázzaris

Miguel Vittoria e Annunciata Doneda

Fioravante Lázzaris e Laura Remor

Vitório Vittoria e Maria Lazzaris

Adão Vissovatti. (Natural de Tubarão)

Em Rio Caçador estabeleceram-se, nesta mesma época, várias famílias de origem polonesa. Eram também originárias do Sul do Estado de Santa Catarina.

Cazemiro Chocowski

João Crachewski

José Crachewski

c) Em Alto Caminho da Paz:

Guilherme Sachetti

Marcos Scussel

d) Em Caminho Alto: Nesta localidade estabeleceram-se no ano de 1940 as famílias:

Abel Biff

Abramo Biff

Gilda Biff

Osório José Alves

e) Em Caminho do Morro:

No ano de 1941 o pioneiro Ângelo Favero fixou moradia próximo do lugar que mais tarde recebeu no nome de Caminho do Morro. No ano seguinte foi seguido pelas famílias:

João Torretti  
Hercílio Cândido  
Russo Bardini  
José Perdona  
José Manarin  
Joaquim Delcent

Estes últimos se fixaram no Caminho do Morro propriamente dito.

f) Em Caminho Pinhal

João Rizzieri é considerado o pioneiro em Caminho Pinhal quando em 1938 comprou os primeiros 8 lotes de terra e fez o primeiro desmatamento e primeira plantação. No ano seguinte, em 1939, seguiram-nos as famílias:

Pedro Recco  
Vicente Recco  
Arcângelo Manarin  
Ângelo Gerônimo da silva  
Frederico Tramontin  
Santo Macarini  
Guilherme Matiola (Tifa do Araçá)  
Em seguida vieram as famílias de:  
Constantino Manarin  
Jacomo Gislon  
Antônio Bardini  
Francisco Matiola.

Em meados da década de 1940 estabeleceram-se também em Dona Emma famílias procedentes das colônias italianas de

Rodeio, Ascurra e Rio dos Cedros. Entre elas destacam-se as famílias de:

Aléssio Gadotti  
Benjamim Chiminelli  
José Ventura  
Manoel Marchetti  
..... Basani

A família ítalo-brasileira que mais se notabilizou entre a população alemã e teuto-brasileira foi a de Manoel Marchetti. Além da exploração e industrialização da madeira era também proprietário de uma venda e um salão de festas onde os colonos se congregavam para fins econômicos e de lazer.

Por fim, na década de 1940, vieram de Antônio Carlos e Biguaçu as famílias de:

Eliseu Schmitt  
Vendelino Rohden

Antigos moradores de São Pedro de Alcântara haviam se mudado para o Vale do Itajaí e fundado a cidade de Gaspar e Belchior. Também destas localidades se estabeleceram algumas famílias em Dona Emma na década de 1940. De lá vieram as famílias de:

Donato Decker  
Florian Gesser  
José Hoffmann  
Rafael Petri

Estas últimas famílias de origem alemã eram descendentes dos primeiros imigrantes alemães do Hunsrück, estabelecidos em Santa Catarina no ano de 1829.



Família de Floriano Gesser e Anna Oeclsler

Outras famílias oriundas de outras localidades também se estabeleceram em Dona Emma. Aqui foram registradas aquelas que imigraram em grupos, pois o registro da imigração individual é menos perceptível e de resgate mais difícil. Se o número dos imigrantes isolados é menor, não é inexpressiva sua participação econômica e cultural para o desenvolvimento do município.

Quando a Empresa Colonizadora pôs à venda as terras em Dona Emma, muitos compraram lotes sem jamais tê-los ocupado, vendendo-os a terceiros.

Albert Ax que vivenciou os primeiros anos da colonização e observou as atitudes e reações dos imigrantes, deixou escrita a seguinte impressão:

Interessantes são as atitudes e reações de cada imigrante: um está em seu rancho sentado com sua mulher na cama tosca lamentando-se e queixan-

do-se porque não há escola superior para sua filha; outro saía com grande picareta à procura de ouro com que naturalmente não poderia por muito tempo manter aceso o fogão. Prometia-se fortunas com contos de fadas. Porém este sonho também se foi. Outras situações como estas poderia citar.<sup>16</sup>

Não queremos negar que também vimos lágrimas, lágrimas de saudade<sup>17</sup>

Numa colônia nova onde se constrói uma nova sociedade com pessoas de diferentes origens com costumes e interesses diversos, a convivência nem sempre é de paz e harmonia.

Com o passar dos anos aconteceram também muitos desentendimentos porque onde há muitas cabeças há também muitas idéias.<sup>18</sup>

Todo começo é sempre difícil, principalmente em se tratando de desbravar florestas onde é necessário o dispêndio de muita energia para derrubar imponentes árvores com machado, construir casa e ranchos, preparar pastagem, esperar um ano pela colheita de cujos resultados não se tem certeza. Muitos se frustraram e foram tentar a sorte em outro lugar. Outros voltaram. A maioria ficou, lutou e venceu.

### 3 Nomes de lugares

- a) **Dona Emma.** Desde 1919 quando os agrimensores da Sociedade Colonizadora Hanseática denominaram o rio que deságua no Krauel com o nome de Dona Emma, os moradores estenderam este nome a toda a região banhada por este rio e seus afluentes.

Cedo formaram-se pequenos núcleos em torno de alguma “venda”, escola ou igreja. O povoado que se formou no lugar onde se localiza a atual cidade de Dona Emma teve como pri-

---

<sup>16</sup> AX, Albert. Die Entwicklung der Kolonie Dona Emma in 12 Jahren. *Blumenauer Volkskalender*. Blumenau : Editores Nietzsche & Hömke, 1933. p. 77

<sup>17</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 11 jul. 1983, n. 1206, p. 9.

<sup>18</sup> AX, Albert. *Ibidem*, p. 77.

meira denominação oficial o nome de “Vila Konder”,<sup>19</sup> em homenagem a Adolfo Konder, governador do Estado de 1926 a 1930. No entanto, para o povo continuou prevalecendo o nome original. Para os evangélicos, que eram a maioria dos moradores, sua comunidade localizava-se em “Dona Emma” ou, quando muito, Dona Emma Central. Mais tarde, em 2 de abril de 1934, Dona Emma foi elevada à categoria de Distrito com o nome de “Gustavo Richard”<sup>20</sup> em homenagem ao ex-governador de Santa Catarina e em 31 de março de 1938 o Distrito passa para categoria de Vila. Também desta vez prevaleceu entre o povo a denominação “Dona Emma”, constando apenas nos documentos oficiais o de Gustavo Richard. Quando em 15 de maio de 1962 foi criado o município, este recebeu, por vontade do povo, o nome de DONA EMMA.

- b) **Ribeirão Dona Helena.** Afluente da margem esquerda do Rio Dona Emma. O ribeirão recebeu este nome em homenagem à senhora Helena, esposa de Werner Weber, agrimensor da Sociedade Colonizadora Hanseática. As terras de ambas as margens do ribeirão foram medidas no ano de 1919.<sup>21</sup>
- c) **Ribeirão Dona Anna.** Afluente da margem direita do rio Dona Emma. Chamava-se primeiro Ribeirão da Fazenda. Por desejo de Albert Koglin que tinha aí suas terras, mudou-se o nome para Anna que era o prenome de sua mulher.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> Adolfo Konder foi um dos mais expressivos políticos das décadas de 1920-40. Nomeado, por Hercílio Luz, Secretário de Estado da Fazenda, viação, Obras públicas e Agricultura, exerceu também os cargos de Deputado Estadual, Deputado Federal e Governador. Fundou, em Santa Catarina, com Aristiliano Ramos e Henrique Rupp Júnior, a União Democrática Nacional (UDN) em 1945.

<sup>20</sup> Gustavo Richard, filho de pais franceses, é natural do Rio de Janeiro onde nasceu em 29.08. 1847. Fez estudo em Paris (França). De volta ao Brasil, fixou-se em Desterro (Florianópolis) onde exerceu o magistério. Ingressou na vida política exercendo vários cargos públicos como Deputado Estadual, Senador da República e Governador do Estado (1906-1910). Faleceu em Florianópolis em 19.10.1929.

<sup>21</sup> DEEKE, José. *Die Kolonie Hamonia*. Blumenau, Typ. Baumgarten, 1922. p. 22.

<sup>22</sup> *Ibidem*. p. 22.

- d) **Ribeirão do Estreito.** Afluente da margem direita do rio Dona Emma. Recebeu este nome porque entre as nascentes deste ribeirão e as nascentes do Ribeirão da Onça encontra-se o lugar mais estreito do divisor de águas no Stolzplateau.<sup>23</sup>
- e) **Stolzplateau (Stolzplatô).** Planalto da serra do Mirador entre o rio dos Índios, ribeirão da Onça e rio Dona Emma. O nome foi dado para honrar Hermann Stolz<sup>24</sup>, Senador de Comércio de Hamburgo e membro do Conselho da Sociedade Colonizadora Hanseática.

---

<sup>23</sup> Ibidem. p. 22.

<sup>24</sup> Hermann Stolz era membro do Kommerzienrat de Hamburgo. Fez uma substancial doação à comunidade evangélica de Hamônia (Ibirama) para a construção da igreja. Com o dinheiro foi comprada a madeira para a torre do templo. No jornal *Hansa Bote* de 12 de novembro de 1904, na p. 2 lê-se o seguinte verso:

*Zum Turme das Holz  
Das triftet Herr Stolz  
Das Dach hat geblecht  
Her Kommerzienrat Sp.*



## VI

### Vida e atividades econômicas

*André C. Werle\**

Antes de apresentar a história do desenvolvimento econômico do município de Dona Emma é preciso compreender o que é "economia". "A economia, à primeira vista, consiste em duas zonas: a produção e o consumo. Aqui tudo se destrói, ali tudo começa e recomeça".<sup>1</sup> São, portanto, dois grandes campos que formam a economia. Um é o da produção que consiste na agricultura, no artesanato, nas indústrias, enfim, tudo o que resulta em bens materiais necessários ao progresso humano. Outro campo é o do consumo, isto é, o que as pessoas compram, como gastam o seu dinheiro e como pagam aquilo que adquirem. Mas entre estes dois campos existe um terceiro, que é o das trocas, a circulação das mercadorias, enfim, o comércio. O "jogo das trocas" é determinado pela situação monetária, pelo dinheiro. Desta forma, a economia de um município é aquilo que é ali produzido, comercializado e consumido.

Um produto passa normalmente por diversas etapas até ser consumido. O trigo pode ser um bom exemplo. Primeiro a terra deve ser preparada, arada e adubada para que o grão nela semeado possa germinar. Para crescer e produzir os grãos, o trigo necessita ainda muitos cuidados até a colheita. Uma vez colhido, é

---

\* WERLE, Ansdre C. é aluno da 5ª fase do Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Colaborou na pesquisa e elaboração deste capítulo.

<sup>1</sup> BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo século XV-XVIII*. Vol 2. Os jogos das trocas. São Paulo : Martins Fontes, 1996. p. 11.

vendido, armazenado e, posteriormente, transformado em farinha, com a qual é feito o pão. O pão é novamente comercializado e, finalmente, consumido. Desta forma, a matéria-prima passa por diversas mãos até ser transformada em produto de consumo, sendo várias vezes comercializada. É isto o que denominamos economia, ou seja, o que e como as pessoas produzem, trocam e consomem os seus produtos. Em nossa sociedade, especialmente nas cidades, estas tarefas são realizadas por pessoas diferentes. No processo de produção e comercialização cada pessoa realiza uma etapa e, no final, a soma do trabalho das diversas pessoas envolvidas é o produto acabado, pronto para ser consumido. Um planta e colhe o trigo, outro se ocupa do transporte e um terceiro o transforma em farinha. Este faz o pão, aquele vende-o. Todas estas atividades são intermediadas pelo dinheiro.

No entanto, nem sempre foi assim. Nem sempre aquilo que é consumido passa por tantas mãos até chegar ao consumidor. Existe também a economia de subsistência, a economia familiar, que não obedece às leis do mercado. Neste caso, a unidade familiar é produtora e consumidora dos bens necessários às suas necessidades básicas. Na economia familiar as atividades produtivas, o trabalho, são realizadas pelos membros da família que são também aqueles que consomem o que produzem, sem intermédio de outras pessoas. Esta economia ocorre principalmente no meio rural, onde o camponês, segundo o exemplo citado, planta o trigo, colhe-o e o leva ao moinho onde é transformado em farinha com a qual se faz em casa o pão que é consumido pela família. Neste caso, o próprio produtor consome o que produz. Mas, nem tudo o que ele consome ele próprio produz em sua propriedade como também não consome tudo o que produz. Vende o excedente da produção e compra produtos industrializados que ele não tem condições de produzir ou que é mais cômodo ou econômico adquirir do que produzir. No entanto, via de regra, a maior parte dos produtos que o colono consome, ele mesmo produz.

São estes os aspectos que formam a vida econômica de um município. A economia de subsistência, a vida material por uma parte, e a economia propriamente dita, a economia de mercado.

Mas, estes aspectos não podem ser analisados separadamente pois um complementa o outro, um influencia o outro. A trajetória das mercadorias, desde a sua produção até o consumo, passando pelo “jogo de trocas”, forma o conjunto da vida econômica. O estudo deste conjunto nos ajuda a compreender a vida das pessoas e suas relações sociais na história do município.

O município de Dona Emma divide-se em duas áreas: a urbana e rural. A área urbana compreende os bairros da sede até Nova Esperança. Nesta área vivem 985 pessoas distribuídas em 258 famílias. Mesmo morando na área urbana, muitos se dedicam à agricultura.

Este número é bem inferior ao da área rural onde residem 667 famílias, somando um total de 3.616 habitantes.<sup>2</sup> Os números dão uma idéia da distribuição espacial da população. A grande maioria das pessoas vive, portanto, no meio rural e se dedicam a atividades econômicas relacionadas com o cultivo da terra.



Henrique Scheele com a esposa Emma, a filha Emmi e uma visitante.  
Primeira “residência” na Tifa Dona Helena. 1924

<sup>2</sup> PLANO Municipal de Desenvolvimento Rural (PMDR). 1996-1999.

## Agricultura

A população de Dona Emma tem sua vida intimamente ligada à agricultura. Desde a chegada dos primeiros imigrantes até os dias atuais, a principal atividade sempre esteve relacionada com a terra. Se não todos, pelo menos a maior parte dos imigrantes tinha familiaridade com o cultivo da terra e criação de gado. No entanto, o vale e a serra estavam cobertos de densa floresta. Era preciso derrubar, amainar a terra e preparar o solo para o plantio. Tudo isto representou muito esforço, suor e sacrifício.



Henrique Scheele com a esposa Emma e a filha Emmi.  
Tifa Dona Helena. 1925.

Toda a área que constitui o atual município de Dona Emma eram terras de propriedade da Sociedade Colonizadora Hanseática que as dividiu em lotes medindo em média 25 a 30 hectares, ou seja, 200 metros de frente por 1250 a 1500 metros de fundo denominados "colônias". Eram, portanto, minifúndios,

pequenas propriedades unifamiliares onde o marido, a mulher, os jovens e as crianças trabalhavam segundo suas possibilidades. Nesta propriedade predomina a policultura, isto é, cultivava-se de tudo para a subsistência, embora predomine um ou outro produto. Grosso modo, pode-se dizer que em Dona Emma predominou, desde o início até hoje, a criação de gado leiteiro e, desde a década de 1950, principalmente na serra, o cultivo do fumo.

Quanto à divisão do espaço, a colônia pode ser visualizada da seguinte forma: a casa, junto à estrada; próximo à casa ficam também os ranchos que servem para estábulo, para guardar os apetrechos agrícolas e como depósito; um local cercado para criação de galinhas; um chiqueiro e a horta. Para além deste conjunto de edificações, localizam-se as pastagens cercadas para o gado bovino e cavalos e as roças com as culturas de gêneros agrícolas como milho, feijão, mandioca, batata, arroz, etc., e trato complementar para o gado como aveia e cana.



Henrique Scheele com a esposa Emma, a filha Emmi e o filho Rudolfo.  
Tifa Dona Helena. 1929.

“Em geral as terras em Dona Emma não eram muito férteis. Nos vales laterais e em direção à serra, elas eram melhores”.<sup>3</sup> Por muitos anos foi adotada a prática da coivara, isto é, o mato era derrubado e depois de seco era queimado e, na roça preta, plantado o milho. Porém, antes da queimada, a madeira melhor era retirada e transportada para os engenhos de serra onde era transformada em tábuas. O restante era queimado ou apodrecia. Nos últimos anos, graças a inovações técnicas, são feitas correções do solo mediante aplicação de calcário e adubos orgânicos ou químicos.

A renda do colono provinha da venda do excedente da colheita e da comercialização de animais domésticos e seus derivados como leite, manteiga, ovos, banha, etc. No entanto, nem sempre a comercialização dos produtos era fácil. Além da distância dos mercados consumidores, havia os intermediários que consumiam parte dos lucros. Este era um dos maiores problemas para o desenvolvimento econômico. Havia muitas vezes excedente de produção ou capacidade de produzir algum excedente mas a ausência de mercado consumidor bem constituído fazia com que a produção se perdesse ou que os agricultores não se motivassem a produzir muito além do que consumiam. Segundo o economista Celso Furtado, “a vida econômica das colônias era extremamente precária pois, não havendo mercado para os excedentes da produção, o setor monetário logo se atrofiava, [...] e a colônia regredia a um sistema econômico rudimentar de subsistência”.<sup>4</sup> Esta situação reproduziu-se também em Dona Emma nos primeiros anos quando os colonos não conseguiam dinheiro para saldar as prestações do lote junto à Sociedade Colonizadora Hanseática e trabalhavam na construção de estradas em troca do pagamento da dívida. A situação melhorou depois da construção da estrada de ferro ligando Ibirama até Blumenau e Itajaí podendo a produção ser comercializada nos centros maiores do Brasil e no exterior.

<sup>3</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 28 maio 1983, n. 1204, p. 4.

<sup>4</sup> FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo : Editora Nacional, 1989, p. 125.

Aproximadamente em 1921 o pioneiro Andreas Schwarz abriu uma “venda”. Referindo-se a este estabelecimento comercial, Wilhelm Schorer diz em sua crônica:

*Assim como o colono começou primitivamente, assim a venda se desenvolvia. No início as mercadorias oferecidas eram feijão, farinha de mandioca, carne seca, sal, pratos e colheres de lata, algumas enxadas e machados. O vento, como em todos os outros ranchos, tinha entrada e saída livre por entre as tábuas rachadas de palmitos.<sup>5</sup>*

Com a crescente produção dos colonos, cresceu também a “venda” de Andreas Schwarz. Depois de 10 anos, tendo ele já amealhado bom patrimônio com os recursos provenientes do comércio, construiu um prédio em alvenaria que, ampliado mais tarde, existe ainda atualmente. Instalou também um matadouro e uma fábrica de laticínios.



Casa comercial de Andreas Schwarz

Nova Esperança tornou-se também em poucos anos um forte centro econômico. A região se destaca desde os primórdios pela

<sup>5</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 28 maio 1983, n. 1204, p. 4.

produção de leite. Cedo foi aí aberta uma casa comercial<sup>6</sup> onde os colonos vendiam a produção de leite e outros produtos.

Quem tinha bons porcos de engorda no chiqueiro recebia muita visita dos compradores. Após a pesagem o comprador sacava o dinheiro do bolso e pagava à vista.<sup>7</sup>

Com a abertura da estrada para São Donato e Caminho Pínhal a população da serra também vendia sua produção para o comércio em Nova Esperança e aí fazia suas compras. A localidade conheceu um período de grande prosperidade econômica. Além de uma agricultura e pecuária forte e comércio dinâmico, João Hamm abriu também uma fábrica de bolachas com aproximadamente 30 operários.

Para contornar os problemas com a comercialização da produção, alguns colonos e comerciantes como Albert Ax, Heinrich Stern, Alfred Koesteke e outros fundaram, em 1928, a “Sociedade Cooperativa Dona Emma”, para animar os colonos na produção e comercialização dos produtos agrícolas.

A comercialização principal está nas mãos da Sociedade Cooperativa Dona Emma (Cooperativa de Compra e Venda) que sobrevive exclusivamente dos colonos aqui domiciliados. Nas instalações da Cooperativa o colono pode vender todos os seus produtos e comprar todos seus mantimentos. Encontra de tudo o que necessita, desde um dedal até a máquina de costura e máquina agrícola. Todos os víveres e tecidos... tudo é encontrado lá.

O laticínio da Cooperativa transforma o leite entregue pelos colonos em manteiga e queijo que é vendido nas cidades. No açougue, os porcos dos colonos são transformados em banha, toucinho, lingüiça e carne defumada que, da mesma forma, são transferidos para as cidades<sup>8</sup>.

Pelas informações orais obtidas junto a pessoas mais idosas, a “Sociedade Cooperativa Dona Emma” chegou a contar com 42 sócios.

<sup>6</sup> O primeiro dono da casa comercial foi Emil Blum. Mais tarde pertenceu a Josef Hoffmann que a vendeu para João Hamm.

<sup>7</sup> SCHORER, Wilhelm. *Dona Emma. Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 28 maio 1983, n. 1204, p. 7.

<sup>8</sup> AX, Albert. *O desenvolvimento da colonização alemã na floresta da região sul do Brasil (1920-1930)*. Manuscrito traduzido por Renaldo Ax. 1992. p. 6.

No entanto, por má gestão e desvio de recursos a cooperativa foi se endividando e, em 1933, encerrou suas atividades. O fechamento representou um abalo muito grande nas atividades econômicas dos moradores de Dona Emma. Os sócios perderam muito dinheiro, pois a maioria dos credores que eram grandes firmas fornecedoras de Blumenau, cobraram todas as dívidas. Este, por exemplo, foi o caso da firma Schrader. Outros credores, graças a intermediação da justiça, aceitaram negociar a dívida participando da socialização dos prejuízos.

Um pesado golpe para Dona Emma em desenvolvimento foi a falência da Cooperativa. Somente devido à bondade e vontade do juiz de Blumenau, sr. Amadeu da Luz, de ajudar os colonos, é que eles foram protegidos de conseqüências desastrosas. Naquele mesmo tempo, também, o Embaixador da Alemanha visitou a nossa região e ajudou a pôr em ordem esta situação fatal, e comerciantes blumenauenses de caráter fora do comum mostraram a sua maior compreensão.<sup>9</sup>

Segundo o PMDR (Plano Municipal de Desenvolvimento Rural) de 1996-99, a atividade leiteira é uma das mais importantes fontes de renda da área rural. No município, “o gado bovino dispõe de um plantel de 4.750 cabeças com uma produtividade de 4,6 milhões de litros por ano”.<sup>10</sup> Desta produção, 50% é absorvido pela CRAVIL (Cooperativa Regional Agropecuária do Alto Vale); 20% pela “Lactícínios Dona Emma”; 5% pela venda direta ao consumidor; e 25% é vendido para outras usinas de beneficiamento de leite da região.<sup>11</sup> No entanto, a situação da atividade de produção leiteira não foi sempre assim. Embora a produção de leite e comercialização de seus derivados fosse a atividade prioritária da maioria dos colonos do Vale de Dona Emma, houve ao longo dos anos inúmeros problemas e dificuldades que foram superados pela tenacidade dos próprios colonos. No começo o plantel de vacas leiteiras era pequeno e não havia onde adquirir matrizes. Havia também a dificuldade na for-

<sup>9</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 11 julho 1983, n. 1206, p. 9

<sup>10</sup> Plano Municipal de Desenvolvimento Rural (PMDR), 1996-1999.

<sup>11</sup> Plano Municipal de Desenvolvimento Rural (PMDR), 1996-1999.

mação e cercamento de pastagens bem como no atendimento veterinário. Mas o clima e natureza favoráveis e a familiaridade que a maioria dos colonos tinha com esse tipo de atividade econômica fez com que a produção de leite se tornasse a base de subsistência dos colonos. Desde os primeiros anos da colonização alguns colonos instalaram desnatadeiras (*Molkerei*) que funcionavam da seguinte maneira: o colono trazia o leite que era desnatado e levava de volta para casa o “soro” (leite sem a gordura) que era tratado aos animais. O colono vendia somente a nata, que o proprietário da desnatadeira, por sua vez, transportava para Presidente Getúlio ou Ibirama, onde era comercializada junto aos fabricantes de manteiga. Entre os que instalaram desnatadeiras e laticínios citam-se: Andreas Schwarz, Rudolf Eskelsen, Emil Blum, João Hamm e a Associação Cooperativa Dona Emma.

Havia preocupação com a qualidade do gado em vista da produção de leite. Neste sentido foram adquiridos animais reprodutores da raça holandesa e incentivada a participação em exposições de gado. Por ocasião da exposição de 1928 ou 1929, um colono de Dona Emma obteve o 1º prêmio com uma rês. Segundo Wilhelm Schorer, dois jovens formaram-se em agronomia num curso com dois anos de duração na “Escola de Agronomia de Indaial” onde também havia sido fundado um posto de reprodução animal com gado leiteiro holandês e cavalos da raça Oldenburg.<sup>12</sup> Tudo isto deu grande impulso à produção pecuária e agrícola.

Outra atividade agropecuária dos colonos do Vale de dona Emma era a criação de porcos. Sua criação se dava em função da banha usada na cozinha para fritura e a carne. Criava-se também porco para comercialização, principalmente a raça “macau”, em vista da banha e também por ser mais resistente e mais fácil de alimentar. Os proprietários de desnatadeiras acima citados tinham também abatedouro e dos colonos compravam porcos gordos

---

<sup>12</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 04 jul. 1983, n. 1205, p. 7

bem como derivados de suínos. Havia também compradores de Ibirama, dada a facilidade de exportar o produto por via férrea para centros maiores como Blumenau e Itajaí. O período de maior produção de suínos foi durante os anos da Segunda Guerra Mundial, ou seja, de 1939 a 1945.



Agricultura mecanizada. Colheita do milho para silagem

A par da atividade leiteira e criação de porcos, destacava-se também o cultivo da mandioca, popularmente chamada “aipim”, que encontrou aí solo e clima favoráveis e era amplamente consumido sob a forma de farinha, ou era cozido e frito. Da mandioca extrai-se também o polvilho com que se faz a “rosca” ou “coruja”, consumida com nata ou queijo branco. Em certas épocas, dependendo da oscilação do mercado, a mandioca era comercializada por um bom preço para extração do amido. Para esta finalidade instalaram-se em Dona Emma várias fecularias, entre as quais citam-se a “Fecularia Fey S.A.” fundada pelos irmãos Wotmeyer e localizava-se em Dona Emma Central.

Em 1939 os Wotmeyer mudaram-se para a Alemanha e venderam a feccularia para Emílio Fey que a transferiu para outra localidade, próximo do estabelecimento de Andreas Schwarz. A feccularia de "Antônio Pfiffer" em Nova Esperança. A primeira encerrou suas atividades em 23 de dezembro de 1969 enquanto que a de Antônio Pfiffer deixou de funcionar em 1971. O encerramento das atividades destas feccularias não significou o abandono da cultura da mandioca, mas sua comercialização foi reduzida e o produto passou a ser vendido para feccularias existentes em municípios vizinhos.

Uma das atividades econômicas de maior destaque do município é a cultura do fumo que já vem sendo plantado desde o início da década de 1950. Inicialmente em pequena escala, ocupa atualmente o primeiro lugar na renda do município em termos de ICMS e emprego de mão de obra. Para sua introdução as condições eram favoráveis: pequena propriedade familiar, mão de obra abundante, zelo e laboriosidade dos colonos e clima e solo adequados.

Enquanto a população de origem alemã localizada no vale dedicava-se tradicionalmente à criação de gado leiteiro, a população de origem italiana, na serra, optou pela cultura do fumo. Esta realidade persiste, em parte, até hoje, se bem que também muitas famílias do Vale tenham aderido à cultura do fumo. A cultura do fumo garante bom rendimento ao colono que tem de antemão o preço do produto assegurado e a venda garantida.

Na década de 1970, as indústrias fumageiras, em sintonia com o "milagre brasileiro", deram grande impulso a esta atividade econômica mediante intensa propaganda, atraentes ofertas de preço, financiamentos e outras vantagens, o que levou à adesão de grande número de plantadores. Centenas de famílias construíram estufas e galpões e destinaram a melhor área de sua terra para o plantio do fumo que tomou o lugar de outras lavouras como milho, mandioca e feijão. Para os colonos que, além do fumo, plantam também outros gêneros, principalmente os de

subsistência, a cultura do fumo representa uma considerável melhora no nível de vida; no entanto, para aqueles que têm no fumo sua única fonte de renda, seja proprietários seja rendeiros, esta cultura oferece poucas perspectivas econômicas. A cultura do fumo constitui também uma sobrecarga de trabalho, principalmente nos meses de verão, quando acontece a colheita do produto. A jornada de trabalho começa ao amanhecer e se prolonga noite adentro incluindo, não raras vezes, domingos e feriados. Esta atividade econômica comprometeu o meio ambiente com o uso de fortes agrotóxicos usados sem os devidos cuidados e o grande consumo de lenha na secagem, provocando grandes desmatamentos. Por exigência do IBAMA, as empresas fumageiras têm desenvolvido programas de reflorestamento, porém unicamente com eucalipto, uma árvore que, além de exótica, não produz nutrientes para a fauna e por isso concorre também para o comprometimento do equilíbrio ecológico.

Dados estatísticos das indústrias fumageiras que atuam no município de Dona Emma revelam o seguinte para a safra de 1996<sup>13</sup>:

Quadro 1: Produção fumageira no município de Dona Emma em 1996

Empresa	nº estufas	Volume (kg)	Valor (R\$)	Área (ha)
Dimon	118	391.430	817.306,00	201.0
Souza Cruz	102	383.158	777.750,00	201.0
Souza Cruz	19 (galpão)	32.259	62.905,00	17.0
Universal	50	201.000	402.000,00	95,0
Outras	52	234.780	493.038,00	91.5
Total	341	1.242.627	2.552.999,00	605.5

<sup>13</sup> O número total de estufas não corresponde ao número de famílias envolvidas nesta atividade econômica pois muitas famílias tem mais de uma estufa. Os dados do quadro estatístico foram fornecidos pelos instrutores das respectivas empresas fumageiras que atuam na área correspondente ao município de Dona Emma: João Sebastião Bergenthal (Souza Cruz), Wilson V. Rex (Dimon do Brasil Tabacos) José Avelino da Silva (Universal Tabacos Ltda).

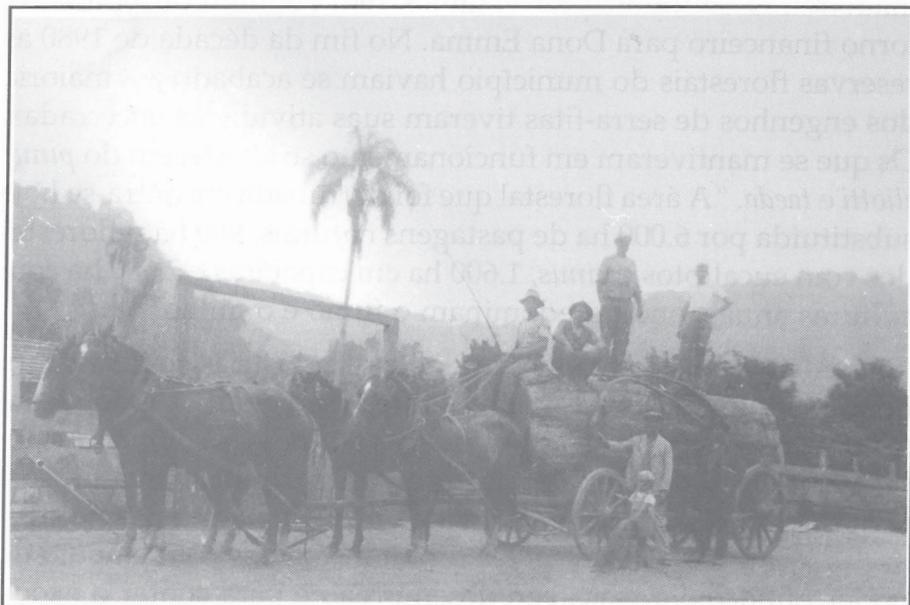
## Indústrias

Desde os primeiros anos da colonização surgiram em Dona Emma pequenas indústrias em resposta às necessidades imediatas dos imigrantes. Tendo erguido um rancho de ripas coberto de palha e feito as primeiras lavouras, o colono preocupou-se cedo com a construção de uma casa melhor, feita com tábuas serradas e coberta com tabuinhas. Muitos colonos serravam a madeira à mão. Mas este trabalho era penoso e demorado. Em atendimento à demanda por madeira para construção, surgiram logo serrarias em Dona Emma. A matéria-prima era abundante e de ótima qualidade. Os lotes estavam cobertos de floresta com madeiras nobres de diversas espécies: pinheiro araucária, cedro, canela, tarumã, entre outras. Muitos colonos pagavam as prestações do lote com a extração e venda de madeira. A madeira destinada ao comércio era serrada e transportada de carroça até Ibirama, de onde, por ferrovia, seguia até o porto de Itajaí onde era embarcada em navios para exportação. Parte da madeira era utilizada para confecção de móveis. O cedro tinha particular destino: era utilizado na fabricação de caixas de charuto cuja fábrica se localizava em Timbó.

Para o imigrante a madeira era de fundamental importância, pois servia como matéria-prima para a construção de sua residência, ranchos para os animais, móveis da casa e fonte de renda para saldar outras despesas.

A primeira serraria construída em Dona Emma foi de iniciativa de Albert Koglin e seus filhos Paulo e Otto. Localizava-se na foz do Ribeirão Anna. Em 1927 o engenho foi vendido para Andreas Leitis. Desfazendo-se da sociedade com o pai, Paulo e Otto Koglin construíram outra serraria não muito distante da casa de comércio de Andreas Schwarz. Em Nova Esperança Josef Hoffmann montou também importante engenho de serra. Por fim, registra-se ainda a serraria de Antônio Pfiffer e a dos irmãos Rudolf, Edwald e Amin Walter.

Cortava-se a árvore com o machado e a tora com a “traçadeira”. O transporte era feito em carroça puxado por cavalos. As primeiras serrarias eram movidas à força hidráulica mediante represamento dos rios. Em locais, como na serra, onde não havia cursos d’água, utilizava-se o “locomóvel”, máquina a vapor cujo combustível eram os restos de madeira.



Serraria em Nova Esperança. 1935.

Nos primeiros anos de colonização a derrubada da mata era uma necessidade tanto para o consumo de madeira como também para o preparo da terra em vista de pastagem e plantações. A partir da década de 1960-70, com a adoção de modernas máquinas de beneficiamento de madeira, instaurou-se em Dona Emma, como em muitas outras regiões de Santa Catarina, um verdadeiro “ciclo da madeira” provocando uma generalizada e indiscriminada devastação das florestas para fins comerciais sem nenhuma preocupação com reflorestamento de árvores nativas. O antigo sistema de beneficiamento se dava com machado, serra “traçadeira” e o engenho “pica-pau” que serrava em torno de 5 a

7 dúzias de tábuas por dia. O novo maquinário consiste em motosserra, trator com guincho munido de cabo de aço e a “serra-fita” que pode produzir mais de 50 dúzias de tábuas por dia. No município de Dona Emma instalaram-se 19 serra-fitas de pequeno e médio porte, propiciando emprego para centenas de operários.<sup>14</sup> No entanto, a maior parte das florestas foi devastada por madeireiras de municípios vizinhos sem nenhum ou pouco retorno financeiro para Dona Emma. No fim da década de 1980 as reservas florestais do município haviam se acabado e a maioria dos engenhos de serra-fitas tiveram suas atividades encerradas. Os que se mantiveram em funcionamento se abastecem do *pinus eliotti* e *taeda*. “A área florestal que foi derrubada encontra-se hoje substituída por 6.000 ha de pastagens naturais, 900 ha reflorestados com eucaliptos e *pinus*, 1.600 ha em capoeiras e 2.600 ha com culturas anuais onde predominam o fumo e o milho”.<sup>15</sup>

Além do setor madeireiro, outras indústrias se instalaram no município de Dona Emma. Algumas são de instalação recente. Outras remontam-se aos primeiros tempos da colônia. As antigas surgiram de forma mais espontânea, da iniciativa pessoal com mão de obra familiar para atender à demanda das necessidades locais. As mais recentes foram instaladas com o apoio do poder público em reação ao desemprego e para conter o êxodo rural.

## Outras indústrias

### Olarias

Nos primeiros anos as vivendas dos imigrantes eram de madeira, pois esta era a solução mais fácil e mais barata. Com o

---

<sup>14</sup> As serra-fitas são: Irmãos Barth Ltda, Alvino Scussel, Heinz Henschel, Antônio Pfiffer, Artur Weidmann, Antônio Darolt, Bertholdo Wilhelm & Cia. Ltda., Karl Kulhemann, Ingebert Grammer, Madeireira Agro Pastoril Delco Ltda., Keske & Becker Cia. Ltda., Santos Macarini, Alfredo Debatin, Hans Sporrer, Serraria Dona Emma, Mário Antônio Sachetti, Marcenaria Kramer Ltda., M. L. Herwig, João Simoni.

<sup>15</sup> Plano Municipal de Desenvolvimento Rural (PMDR). 1996-1999.

passar dos anos e na medida em que as condições financeiras o permitiam, os colonos construíaam casas de material, isto é, de tijolos, cobertas com telhas. Em alguns casos a família mesma fabricava os tijolos e comprava as telhas. Em atendimento a esta necessidade, Heinrich W. Peters fundou, por volta de 1926, a primeira olaria que, passando por vários proprietários, encontra-se em pleno funcionamento e é a única olaria no município. Atualmente pertence a Floriano Gesser, que a adquiriu em 1947 de Heinrich Wegner que foi o segundo proprietário.

Existiu também uma pequena olaria na Tifa Dona Ana cujos proprietários foram sucessivamente Arnold Goll e Paulo Fey. Esta olaria não existe mais.

### **Marcenaria**

A primeira marcenaria em Dona Emma foi a Fábrica de Móveis e Esquadrias “Hans H. Sporrer” fundada em 1929 e que existe ainda hoje. A fábrica, que no período de maior prosperidade chegou a contar com 25 empregados, está equipada atualmente com modernas máquinas e fornece móveis sob encomenda para os maiores centros urbanos de Santa Catarina e de outros estados.



Fábrica de móveis e esquadrias “Hans H. Sporrer”

Face ao crescente êxodo rural e evasão de mão de obra principalmente da população jovem do município, a atual administração municipal procurou atrair indústrias para Dona Emma em troca de vantagens como doação de terreno para instalação, pagamento de aluguel, incentivos fiscais e outras. Tais propostas possibilitaram a implantação de algumas indústrias no município. Entre elas:

#### **a) Laticínio**

Fundada em junho de 1995 por Franz Katzer<sup>16</sup> e Christa Bahr, a Laticínio Dona Emma fabrica queijos e transforma em média 3.500 litros de leite/dia o que significa a produção de 350 quilos de queijo/dia. São produzidos os queijos: Prato, Mussarela, Provolone, Parmeson, Estepe ou Gouda, Frescal e Ricota. Conta com 12 funcionários, e o produto destina-se precipuamente ao mercado de Blumenau.

#### **a) Indústrias Têxteis**

Recentemente instalaram-se em Dona Emma três indústrias do ramo têxtil. Duas trabalham em sistema de facção como a “Valtex Indústria e Comércio de Malhas” com matriz em Gaspar donde recebe a matéria-prima. Os seus 97 empregados trabalham alternadamente em três turnos produzindo cerca de 15.000 peças por dia. A “Jeanema Confecções Ltda.” recebe a matéria-prima da matriz de Blumenau e conta com 60 funcionários que produzem em média 1.000 roupões felpudos por dia. A “Texema Indústria Têxtil Ltda.” é uma tecelagem filial da “Têxtil Gaspar”. Iniciou suas atividades em Dona Emma em 1993. Para os 24 teares conta com 35 operários e produz cerca de 18 toneladas de felpa/toalhas por mês. As três empresas, juntas, empregam aproximadamente 200 pessoas e a sua instalação solucionou, no começo, o problema do desemprego no município.

---

<sup>16</sup> Franz Katzer é ex-funcionário aposentado da Mercedes Benz. Graças ao seu amigo e vizinho Mário Meneguelli, sócio da empresa fabricante do “Queijo Bom”, com sede em São Paulo e Minas, interessou-se por esse ramo de atividade, fixando residência em Dona Emma.

### **c) Metalúrgica**

O município de Dona Emma conta também com uma significativa indústria metalúrgica, a "Iadel Implementos Agrícolas", que produz máquinas para plantio direto, máquinas industriais e implementos para a fumericultura, sobretudo canos para estufas de secagem de fumo. A empresa teve seu início em Nova Esperança sendo posteriormente transferida para Dona Emma. Atualmente pertence a José Beltrame e está instalada em moderno edifício, na Tifa Dona Ana, a um quilômetro do centro da cidade.

### **d) Comércio e serviços**

Uma das primeiras atividades econômicas desenvolvidas em Dona Emma foram as casas de comércio denominadas "vendas", onde o colono vendia seus produtos e comprava objetos de utilidade doméstica e de trabalho. À medida que a população cresceu e as comunidades se multiplicaram, as vendas também aumentaram. As "vendas" localizam-se em lugares próximos de concentração de pessoas como igrejas ou em lugares de convergência como entroncamento de estradas e de fácil acesso a um maior número de pessoas. Além de bares e restaurantes nos bairros e comunidades, há no município um supermercado, uma padaria e diversas lojas com sua respectiva especialidade.

No passado já houve dois hotéis no município. Atualmente, em virtude da facilidade de deslocamento para centros maiores, não há mais hotel em Dona Emma.

No que diz respeito à prestação de serviços, há no município um cartório, uma agência do Correio e uma agência do Banco do Estado de Santa Catarina (BESC).

Fator importante para o desenvolvimento econômico é o regular fornecimento de energia elétrica feito pela CELESC que atende todo o município com 628 consumidores rurais e 467 consumidores urbanos.

As famílias da área urbana têm à disposição água tratada pela CASAN, cujo abastecimento com água de um poço artesiano atinge todo o perímetro urbano com cerca de 250 ligações.

Desde 1978 o município conta com serviço de comunicação por telefone pelo sistema de micro-ondas cuja torre se localiza na Serra do Uru. No início era apenas um posto de serviço (PS). Posteriormente a TELESC, responsável pelo serviço, instalou uma mesa com cerca de 120 ligações. Além disso, há, nas principais comunidades, serviço de atendimento pelo sistema celular fixo.

## VII

### Escolas, educação e cultura

As primeiras escolas do município de Dona Emma eram comunitárias, mantidas pelos pais dos alunos. Surgiam da iniciativa da comunidade religiosa e o prédio escolar servia também como templo aos domingos. O apreço e a importância que os colonos davam à escola era uma herança da tradição alemã desde o século XIX e que os imigrantes trouxeram consigo para a nova pátria.

Para os colonos, isolados em seus lotes e ocupados com o trabalho diário na lavoura, a escola era sentida como uma necessidade não só para o aprendizado das primeiras letras, mas também como meio de socialização e de formação geral para a vida. A escola era considerada como o espaço onde a criança saía do seu pequeno ambiente familiar para se relacionar com outras pessoas e se integrar numa sociedade maior. A escola era vista como uma entidade que possibilitava a abertura de novos horizontes. As escolas comunitárias eram confessionais, porque eram organizadas e vinculadas a uma igreja:

As igrejas [...] assumiram a questão escolar como seu principal ponto de apoio para a ação continuada e estruturada nos núcleos coloniais. Em contrapartida, as sanções para quem não se comprometesse com a escolarização dos filhos e manutenção da escola e do professor também eram religiosas. Os possíveis infratores seriam excluídos do solene cerimonial da primeira eucaristia (católicos, ou confirmação (evangélicos), celebrações densas de simbolismo, equivalentes a ritos de iniciação.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> KREUTZ, Lúcio. Escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica. In: *Os alemães no Sul do Brasil: Cultura, etnicidade e história*. Canoas : ULBRA, 1994, p. 151.

As famílias imigrantes que se estabeleceram em Dona Emma tinham boa formação escolar e preocuparam-se, desde o primeiro instante, com a educação dos filhos.

A cada ano chegavam novos imigrantes de todas as partes da Alemanha. Igualmente chegavam imigrantes das antigas colônias. Uma questão delicada se fez então perceptível: o que seria de nossas crianças sem escola? Reunimo-nos por isso e já em 1921 diligenciamos no sentido da fundação de um conselho escolar e para a construção de um prédio escolar. Até a conclusão do mesmo, o colono Albert Koglin colocou uma sala à disposição e uma dedicada professora [a sra. Braun] também foi logo contratada. O terreno da escola, igreja e cemitério foi colocado à disposição pela Sociedade Colonizadora Hanseática.<sup>2</sup>

Sem auxílio externo, os colonos construíram um prédio escolar com recursos próprios. Embora contando com a colaboração de todas as famílias que tinham crianças em idade escolar, a primeira escola é fruto da iniciativa da comunidade evangélica em cujo terreno também se localizava. O ensino era em alemão e o prédio, concluído em 1922, servia ao mesmo tempo como sala de aula durante a semana e, aos domingos, como templo para a celebração do culto. Desta forma constituiu-se a primeira *Gemeinde Schule*, escola da comunidade, em Dona Emma.

Em substituição à sra. Braun, assumiu a escola o senhor Hermann Hagen que, por sua vez, foi seguido por Hans Stern. Estes professores lecionaram pouco tempo. O professor que mais se notabilizou nos primeiros anos foi Johannes Sporrer, que colaborou também na organização da primeira escola em Nova Esperança. O professor Sporrer lecionou dez anos, isto é, de 1925 a 1935, quando foi substituído por Paul Schulz que, por sua vez, lecionou até 1938 quando, por motivo da guerra, a escola foi fechada.

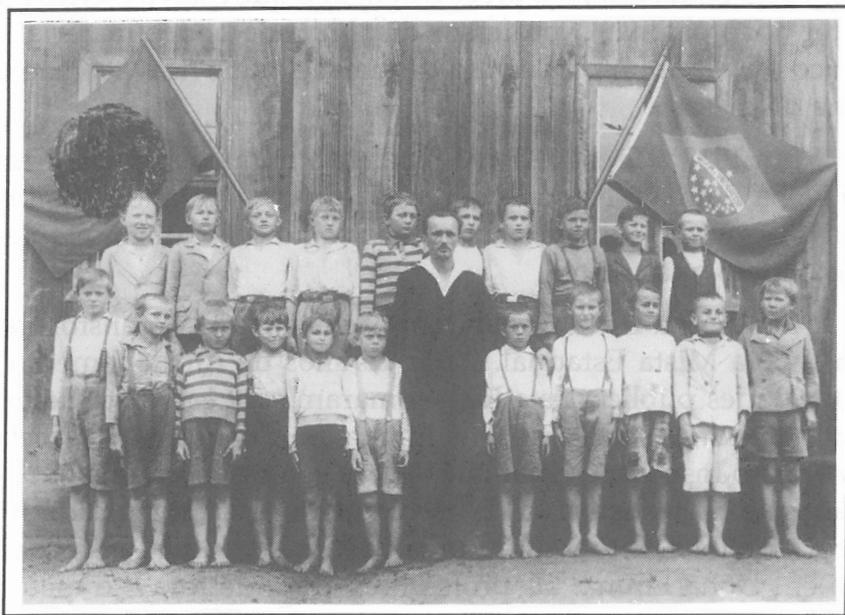
Os pais contribuíaam com uma taxa mensal para o salário do professor cujo montante nem sempre alcançava o suficiente

---

<sup>2</sup> AX, Albert. *Die Entwicklung der Kolonie Dona Emma in 12 Jahren. Blumenauer Volkskalender.* Blumenau : Editores Nietzsche & Hömke, 1933. p. 78.

para uma remuneração condizente. “Os professores lecionavam mais por ideal que pelo parco salário que a comunidade lhes pagava”.<sup>3</sup>

A população foi crescendo e se espalhando pelos vales adjacentes. As famílias eram de prole numerosa, o que significa a existência de muitas crianças em idade escolar. “Hoje [1933] existem aqui duas escolas com muito bons professores, de sorte que a formação da juventude está assegurada”.<sup>4</sup>



Escola Alemã professor Paul Schulz

A educação como dado cultural foi preocupação fundamental dos colonos imigrantes em Dona Emma. Nesta tarefa destaca-se sobremaneira o Pastor Aldinger que, além de organizar a escola em Dona Emma e Nova Esperança, manteve pessoalmente por alguns anos uma escola noturna. Pode-se imaginar o apreço dado à cultura pelo sacrifício que as pessoas faziam para fre-

<sup>3</sup> SPORRER, João. Entrevista concedida no dia 21.07.1996

<sup>4</sup> AX, Albert. *Crônica*. p. 5. As duas escolas a que o autor se refere são as de Dona Emma e Nova Esperança.

qüentar a escola à noite, considerando que muitos dos caminhos eram simples picadas e que a luz para iluminar a sala de aula era um lampião a querosene.

O único material escolar de que as crianças dispunham era a lousa, *Schifertafel*, uma tabuinha de pedra ardósia com meio centímetro de espessura e com moldura de madeira, medindo 20x30 cm. Nesta lousa escrevia-se com um estilete também de pedra. O inconveniente era que a lousa tinha apenas uma “página”. Preenchida esta, era preciso apagar o que estava escrito para se ter nova página. O professor dispunha de pouco material didático e a disciplina era a vara de marmelo que ficava à mão em cima da mesa.

Em 1933 a Escola Alemã recebeu o nome de Escola Primária Dona Emma I. Naquele ano estavam matriculados 64 alunos dos quais 18 no primeiro ano, 19 no segundo ano, 9 no terceiro ano e 18 no quarto ano.

Em 1937 a Escola Alemã foi nacionalizada e transformada em Escola Mista Estadual. Após 15 anos de funcionamento as autoridades públicas estaduais tomaram conhecimento da existência de uma escola em Dona Emma, pois naquele ano recebeu a visita do Inspetor escolar que deixou sua assinatura no livro de matrícula. O fechamento da escola alemã e a abertura de uma escola nacional representou uma profunda mudança na educação em Dona Emma. Os professores eram de fora e o material didático até então utilizado foi substituído por aquele fornecido pelo Estado que consistia principalmente na “Série Fontes”, organizado por Henrique da Silva Fontes sob a inspiração de Orestes Guimarães, que havia sido convidado pelo governo do Estado para realizar a reforma do ensino em Santa Catarina.

De 1937 em diante a escola e todo o sistema de ensino em Dona Emma enfrentou grandes dificuldades sendo que o maior problema era o idioma. Foi proibido o uso da língua alemã e as crianças não compreendiam e não sabiam se expressar em português. Por outro lado, ao nacionalizar a escola, o Estado tirou

dos pais a responsabilidade pela educação, levando-os a um re-  
traimento, quando não omissão, no que diz respeito à vida e or-  
ganização da escola.

No período da guerra e imediatamente após a guerra até o  
início da década de 1950, os professores alemães ou de origem  
alemã foram afastados e substituídos por professores de origem  
lusa entre aos quais citam-se Maria de Oliveira e Maria do Carmo  
Magalhães.

A população cresceu e houve a necessidade de ampliar as  
instalações, aumentando o número de salas de aula. Em atendi-  
mento à esta necessidade, o prefeito de Ibirama, Ivo Müller, fi-  
cou autorizado pela Lei n. 36 de de 1948 a adquirir uma área de  
13.000 m<sup>2</sup> da Sociedade Colonizadora Hanseática para doá-la ao  
governo do estado para a escola.

## Colégio Estadual “Lindo Sardagna”

Construído o novo prédio, foi criado em 1951 o Grupo Es-  
colar “Lindo Sardagna”<sup>5</sup> com início de suas atividades em 2 de  
maio de 1952. Como primeiros funcionários foram nomeados os  
professores Alcino Francisco da Costa (diretor), Luísa Chiminelli,  
Diva Costa, Guido Chiminelli, José Tramontin e Genoveva dos  
Santos.

Em 1958 a Secretaria da Educação autorizou o funcionamen-  
to do “Curso Ginásial”, o qual em 1971 foi encampado pelo atual  
ensino de 1º grau denominando-se “Escola Básica Lindo  
Sardagna”.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Lindo Sardagna foi um soldado catarinense da Força Expedicionária Brasileira (FEB), partici-  
pou da Segunda Guerra Mundial. Nasceu em Rodeio, no dia 14 de maio de 1919. Passou a  
residir em Ibirama, no então distrito de José Boiteux. Embarcou para além-mar no dia 20 de  
setembro de 1944. Morreu em campo de batalha na Itália no dia 12 de dezembro de 1944 e foi  
sepultado em Pistóia no cemitério militar brasileiro. Lindo Sardagna recebeu várias homenagens  
pós-morte. Em 10 de março de 1948 foi inaugurado em Ibirama o “Jardim Expedicionário  
Lindo Sardagna” e em 1951 foi dado seu nome ao grupo escolar de Dona Emma.

<sup>6</sup> Decreto n. 10.413/71

Tendo em vista a implantação do segundo grau e havendo necessidade de maior número de salas de aula, foi construído nos anos de 1979-1980 novo prédio e a escola passou a denominar-se “Colégio Estadual Lindo Sardagna”. O segundo grau habilita para Auxiliar de Administração.

Desde a implantação do Grupo Escolar muitos professores se sucederam. Alguns por pouco tempo, outros por alguns anos. Neste período exerceram o cargo de diretor:

1951 - Alcino Francisco da Costa

1959 - Maria Madalena Schmitt

1963 - Lindomar Poffo

1965 - Maria Madalena Schmitt

1970 - Ivo Adam

1981 - Ivo Adam (diretor geral)

Marina Lisette Schmitt (diretora do 1º grau)

Aloísio Gesser (diretor do 2º grau)

1988 - Margid J. Gehrke

1993 - Ivo Adam

1995 - Nádia E. M. Salvador

1996 - Zenite W. Schwaz

O Colégio Estadual “Arlindo Sardagna” conta atualmente com 330 alunos.

## **Escola Básica “Profª Maria Angélica Calazans” - Caminho Pinhal**

A escola de Caminho Pinhal teve seu começo com a vinda dos imigrantes italianos do sul de Santa Catarina em 1939. Sendo famílias com prole numerosa, e muitos filhos em idade escolar, os colonos logo se preocuparam com a educação dos mesmos. Resolvidos os problemas básicos de cada família como racho próprio, desmatamento e primeira plantação, os colonos logo se

juntaram e construíram uma simples casa de madeira onde funcionou a escola de 1940 até 1953. A escola era particular e o professor pago pela comunidade, isto é, pelos colonos que tinham crianças na escola. O professor era o jovem Luís Dagostin que muito se esforçou para transmitir algo de seus conhecimentos. Em 1943, por causa do movimento de nacionalização do ensino, a escola passou para o Estado e o professor "italiano" foi substituído sucessivamente por luso-brasileiras. A primeira foi Arlete Sales, que se manteve no cargo por um ano, sendo substituída por Maria Lopes. Em 1948 Maria Lopes se transferiu para o interior de Timbó e a escola de Caminho Pinhal ficou sob os cuidados de Gregório Borgha e Dona Rosinha para os quais a comunidade construiu uma casa de moradia. Em 1951 o professor se retirou e deixou o lugar para as Irmãs Catequistas, sendo as primeiras professoras as Irmãs Teodora Fuzinato e Ana Maria Peterno. No ano de 1952 deu-se início à construção de duas salas de aula em alvenaria no local em que se encontra hoje. Em 1955 a até então Escola Mista Estadual foi transformada em Escola Reunida. Foi sugerido o nome de Santa Terezinha mas a Secretaria da Educação houve por bem homenagear uma benemérita professora chamada Maria Angélica Calazans.<sup>7</sup> A professora nunca lecionou em Caminho Pinhal, mas a comunidade escolar tem grande apreço pela patrona de sua escola.

A comunidade sempre acompanhou e demonstrou interesse pelo bom andamento e estado de funcionamento da escola bem como de suas instalações. À medida que o número de alu-

---

<sup>7</sup> Poucos dados se têm da professora Maria Angélica Calazans. Pela fotografia que se encontra na escola de Caminho Pinhal, sabe-se que ela era negra. Pela resolução de 9 de fevereiro de 1906, foi nomeada professora efetiva de 3ª classe na Escola Feminina de Campo Alegre. Conforme telegrama do delegado escolar, entrou em exercício a 2 de abril do mesmo ano. A 18 de janeiro de 1909 obteve licença, na forma do regulamento com todos vencimentos e matriculou-se na Escola Normal. Três anos mais tarde, a 17 de janeiro de 1912, apresentou o seu diploma como documento de conclusão de curso. Naquele mesmo ano, a 26 de janeiro, foi removida de Campo Alegre para a Escola Mista Estadual de Tijuquinhas, no município de Biguaçu. No período em que lecionou em Tijuquinhas sofreu várias repreensões e suspensões pelo não cumprimento de normas escolares. Em 7 de abril de 1922 foi removida da Escola de Tijuquinhas para a Escola do Canto dos Ganchos, atual município de Governador Celso Ramos. Em agosto do mesmo ano de 1922, tendo em vista o que dispõe o artigo 101 da Constituição do Estado e de conformidade com a letra a do artigo 1.119 de 15 de outubro de 1918, Maria Angélica Calazans foi aposentada.

nos foi crescendo, a escola foi ampliada com salas de aula, secretaria, cozinha para merenda escolar e depósito, banheiros e corredor coberto.

Durante 4 anos foram feitas negociações junto à Secretaria da Educação para implantação do primeiro grau completo cuja resposta favorável veio em 1975 com a autorização de funcionamento da 5ª série e demais séries nos anos seguintes.

Em virtude do êxodo rural, especialmente dos jovens, e da diminuição do número de filhos por família, a escola apresenta um gradativo decréscimo no número de alunos.

## **Escola Reunida “Irmã Luiza Venturi” – Nova Esperança**

A primeira escola como unidade educacional em Nova Esperança foi fundada em 1923 pelos imigrantes teuto-russos com auxílio e sugestões de Johannes Sporrer. Funcionava numa estrebaria e a primeira professora foi a senhorita Gerda Reuter. Ela falava bem o português e era paga pelo Pastor Aldinger de Hamônia, atual Ibirama. Pouco depois foi construída uma escola de madeira com um anexo para moradia do professor. Esta escola situava-se perto de uma serraria tocada com caldeira. Mais tarde foi construída outra cujo prédio ainda existe e que é ocupado para escola dominical e pela juventude dos membros da “Igreja de Deus”.

De 1923 até 1937 as aulas eram dadas em alemão e os professores, mantidos pelas famílias. Herbert Reimche, que tinha 8 meses de idade quando seus pais imigraram para Nova Esperança e frequentou a escola de 1930 a 1935, presta o seguinte depoimento:

Quando entrei na escola, era professora a senhora Öster Wivind que lecionou até 1931. Depois veio o sr. Feldmann que ficou pouco tempo e foi demitido porque era alcoólatra, e a escola ficou fechada meio ano por falta de professor. Depois veio o professor Alexandre Rosenfeld que ficou

de 1932 a 1937. Não havia caderno. Usava-se como caderno uma pequena lousa de pedra ardósia. O lápis era também de pedra ardósia. Quando a lousa estava muito suja, o professor mandava lavar no ribeirão Estreito.

As provas anuais eram feitas por Johannes Sporrer.

O sistema de ensino naquele tempo era simples: o professor procurava transmitir aos alunos o que ele mesmo sabia. Ensinava em alemão com caracteres da escrita latina. Ensinava também uns rudimentos de português. As principais disciplinas eram história, geografia, desenho e, na quarta série, geometria, as quatro operações e frações. Muitas vezes levava os alunos até a serraria onde dava aula prática sobre cálculo cúbico, ou até o rio para medir a largura sem atravessá-lo.

Os castigos eram diversos: Ficar num canto da sala de costas para os alunos, permanecer na sala após o horário escolar, surrar com vara de pessegueiro.

Muitos alunos moravam longe e vinham a cavalo, que era solto na grande área de pasto junto à escola cujo terreno havia sido doado pela comunidade.



Professor Alexandre Rosenfeld e seus alunos. 1935

Em 1937 foi fechada a escola alemã em Nova Esperança. Foi então criada, pelo Estado, nova escola com o nome de “Escola Mista Estadual de Nova Esperança”.<sup>8</sup> Foi instalada a 12 de setembro de 1938 pelo inspetor escolar Adolptes da Silveira. A professora designada foi Júlia Vieira e foram matriculados 53 alunos. Dado significativo é que muitos alunos que já haviam concluído os estudos na escola alemã, matricularam-se novamente e freqüentaram a nova escola em português. Com a proibição do uso da língua alemã, certamente era o melhor meio de aprender o português.

Em 1957-1959 foi construída a escola em alvenaria cuja inauguração se deu a 14 de novembro de 1959 quando era inspetor escolar Hercílio de Faveri. No ano seguinte a escola passou a chamar-se Escola Reunida “Irmã Luiza Venturi”.<sup>9</sup>

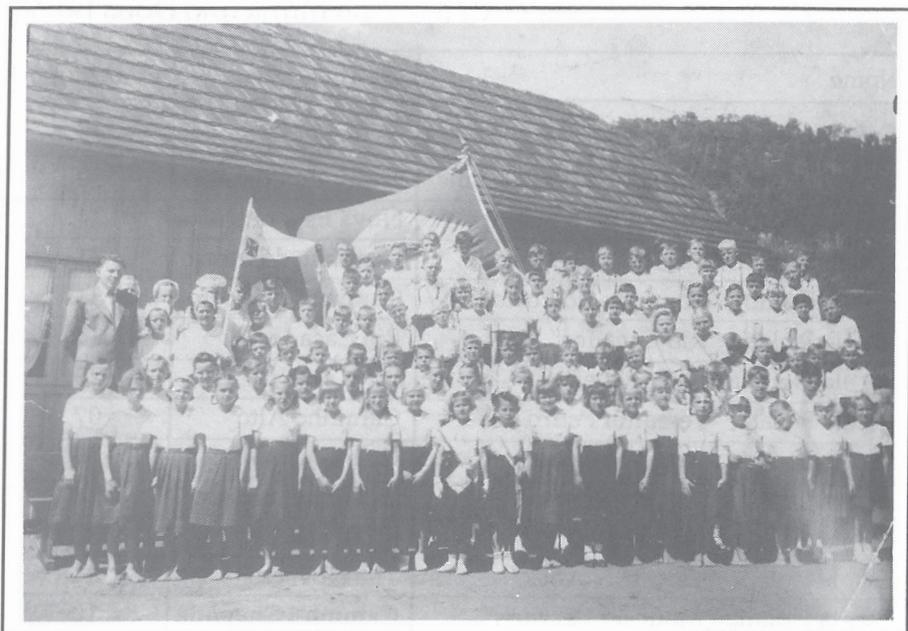
O número de alunos cresceu muito oscilando sempre em torno de uma média de 100 até o ano de 1975. A partir desta data o número decaiu progressivamente em decorrência do êxodo rural, falência da indústria de bolachas e queda no número de filhos por família que, de uma média de 8 a 10 filhos por família, passou para 2 a 3 filhos.

O professor que mais atuou nesta escola foi Paul Richard Eltermann. Foi professor durante 26 anos. O magistério foi sua vocação. Procurou conscientizar os pais sobre o valor do estudo para os filhos. Os que o tiveram como educador dele guardam a mais grata e positiva recordação. Sabia dialogar com os alunos, brincar, rir e ser sério quando necessário. Seu método era levar os alunos a pensar e não dar as soluções prontas.

---

<sup>8</sup> Decreto n. 486 de 03 de agosto de 1938.

<sup>9</sup> Irmã Luiza Venturi era natural de Rodeio onde nasceu aos 29 de março de 1895 e onde também faleceu aos 4 de março de 1947. Órfã aos 13 anos de idade, foi criada pelo tio que lhe deu boa formação religiosa. Com a idade de 25 anos entrou para a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Trabalhou como professora estadual em Rodeio, Timbó, Nova Trento, Rio do Sul, Joaçaba e, por um ano, em Paula Freitas, no Paraná. Como irmã catequista, muito se empenhou pelo ensino religioso nas escolas onde lecionava.



Escola Mista Estadual de Nova Esperança. 1956

Também a comunidade sempre teve a escola e os professores e alto apreço acolhendo e prestigiando os professores de fora. A maioria morou em casa de Carlos Fleming que não só fornecia hospedagem como também se dedicava à comunidade escolar.

Localizada num espaçoso terreno, a escola conta com boa estrutura material. Estão matriculados 34 alunos, em duas turmas, no período vespertino, tendo como professoras Rainilde Hellmann Klann e Nadir F. Bachmann.

O município de Dona Emma conta com boa rede escolar. O quadro a seguir indica o número total de estabelecimentos.

Além destas escolas de primeiro e segundo graus, há no município de Dona Emma e mantidos pela prefeitura 9 jardins de infância com um total de 148 crianças.

Quadro II: Estabelecimentos de ensino no município Dona Emma

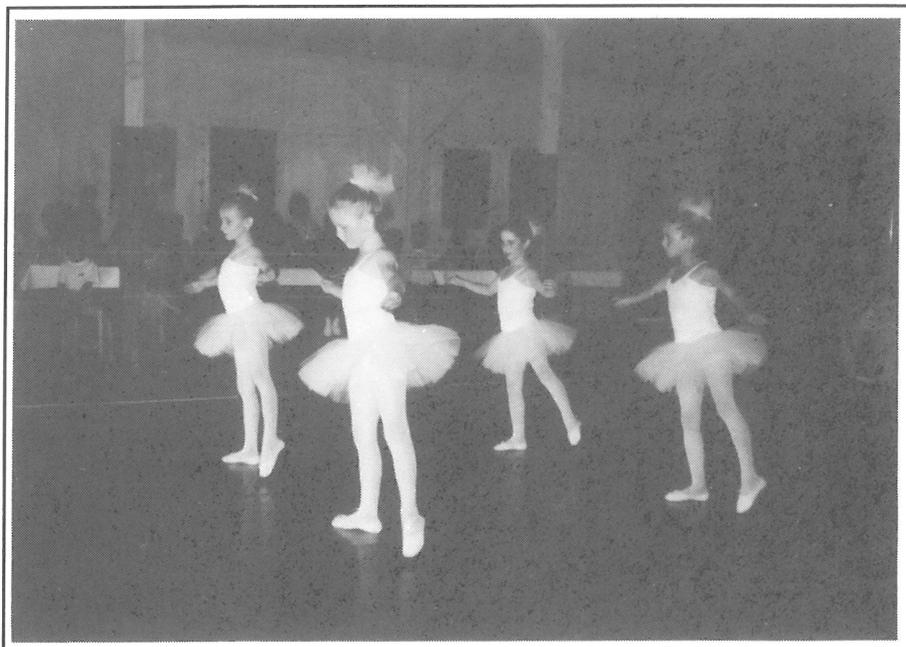
Nome	Localização	nº de alunos
Colégio Estadual "Lindo Sardagna"	Dona Emma	330
Escola Básica "Profª Maria A. Calazans"	Caminho Pinhal	150
Escola Reunida "Irmã Luiza Venturi"	Nova Esperança	34
Escola Isolada "Caminho do Morro"	Caminho do Morro	31
Escola Isolada "Caminho do Posto"	Caminho do Posto	31
Escola Isolada "Rio Caçador"	Rio Caçador	13
Escola Isolada "Stolz Plateau"	Serra do Uru	23
Escola Isolada "Vereador Pedro Biff"	Caminho Alto	07
Escola Isolada "Augusto Geisel"	Caminho da Paz	08
Escola Isolada "Castelo Branco"	Caminho da Paca	28
Escola Isolada "Karl Schlag"	São Donato	22
Escola Isolada "Vicente Novack"	Tifa Novack	11
Escola Isolada "Modesto Lázzaris"	Caminho Chapada	10

O município dispõe de 11 escolas na zona rural, com 19 salas de aula, onde atuam 22 professores. Na zona urbana dispõe de 2 escolas, com 9 salas de aula, onde atuam 17 professores. Existem em todo município, a nível de primeiro grau, 698 vagas e a nível de segundo grau, 44 vagas. Dado o êxodo e a estabilização do crescimento populacional, não se tem necessidade de criar novas vagas. É insignificante a evasão escolar e o número de crianças em idade escolar.

Além da atividade escolar em sala de aula, a administração municipal, preocupada em resgatar, preservar e promover a cultura do município, implantou e está mantendo um Programa Cultural para o qual contratou uma professora de dança que ministra aulas de dança folclórica e balé clássico.

Da mesma forma, foi contratado um professor e maestro que ministra aulas de canto e dirige o coral infanto-juvenil, coral jovem, coral municipal, coral de Caminho do Morro e coral de Caminho Pinhal. Também foi contratada uma professora de mú-

sica que ministra aulas de violão, flauta e de teclado. A comunidade municipal conta também com um grupo de dança folclórica alemã que se apresenta em ocasiões especiais no município e, a convite, em localidades de municípios vizinhos.



Dança de Balé clássico



## VIII

### Igreja, religião e religiosidade

As pessoas quando migram levam consigo não somente seus pertences materiais mas também seus valores, crenças e costumes. Não raro a religião se constitui no elo mais forte de união entre as pessoas no trabalho de desbravamento e formação da nova comunidade. A religião é a base de sustentação para preservação dos valores que constituem a identidade do grupo sociocultural.

As inúmeras levas de imigrantes trouxeram consigo cada qual seu credo religioso. Uns eram protestantes e outros católicos. Os protestantes, que no começo e por muito tempo eram a maioria da população, pertenciam à "Igreja Evangélica de Confissão Luterana" (IECLB), ligada à Igreja Evangélica Alemã. Estes são os que até hoje conservam a denominação de **Evangélicos**. Havia também **Luteranos** que constituem a "Igreja Evangélica Luterana do Brasil" (IELB) ligada ao Sínodo de Missouri. Um grupo de imigrantes teuto-russos fundou em Nova Esperança a *Gotteskirche* (Igreja de Deus) e a última leva de teuto-russos que se estabeleceu em Stolzplateau eram menonitas. Mais adiante especificaremos cada uma das denominações religiosas

A Sociedade Colonizadora Hanseática ficava obrigada a ajudar na construção de igrejas e escolas, a contratar médicos e providenciar os remédios necessários, a organizar junto com os colonos a defesa contra incursões dos índios.<sup>1</sup> No entanto, na práti-

---

<sup>1</sup> RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Jonville e Blumenau*. Florianópolis : Ed. da UFSC. Blumenau : Ed. da FURB, 1986. p. 28

ca isto não ocorreu. Efetivamente cada comunidade encontrou seus líderes, organizou-se e, com recursos próprios, construiu suas escolas e templos. Os colonos sustentavam seus pastores e padres que, além do conforto espiritual, eram tidos como os verdadeiros assistentes e auxiliares da comunidade.

Desde o início da colonização a convivência entre as comunidades era regida por um espírito ecumênico. No relatório da G.K.R., de 24 de julho de 1934, consta que os representantes da comunidade evangélica admoestaram o Pastor Schuttkus por haver pregando contra os católicos. O Pastor defendeu-se alegando haver dito somente: "O que o Padre Franz pediu para seus católicos, eu peço como Pastor Evangélico também para a Igreja Evangélica". É compreensível tal atitude das lideranças evangélicas para com seu pastor pois na lista de contribuintes da construção da igreja evangélica constam também nome de católicos e, para a construção da igreja católica, a ajuda dos evangélicos foi significativa dado o pequeno número dos católicos.

## 1 Igreja Evangélica<sup>1</sup>

A história da formação da comunidade Luterana de Dona Emma acompanha a própria história da colonização do município, feita por imigrantes alemães organizados em um núcleo na região após o ano de 1919.

Existe uma valiosa documentação sobre a comunidade luterana de Dona Emma, uma parte antes da construção da igreja e outra durante a construção da mesma. É muito escassa a referência à comunidade de Dona Emma depois de 1938.

Um dos mais importantes documentos históricos da comunidade é o *Urkunde der Grundsteinlegung der evangelischen "Friedens-Kirche" in Dona Emma* [Documento de lançamento da pedra fundamental da igreja evangélica "Igreja da Paz" em Dona Emma],

---

1 VOIGT, André, aluno da 6ª fase de História da Universidade Federal de Santa Catarina, escreveu esta parte que trata da comunidade evangélica luterana.

datado em 23 de setembro de 1934. Com efeito, seu conteúdo expõe claramente os passos da formação da Igreja Luterana do município.

Conforme o relato, o primeiro culto em Dona Emma se deu em 1921, sob a coordenação do Pastor Grimm de Hamônia (Ibirama), no rancho de Albert Koglin. Posteriormente, as reuniões eram feitas no rancho de Otto Koglin e desde 1923 os cultos eram realizados na escola alemã.

Em reunião do dia 26 de julho de 1925 se decidiu pela constituição de uma comunidade independente em Neu-Breslau (Presidente Getúlio), a partir da comunidade de Hammonia. Desde 1º de janeiro de 1926 a nova comunidade iniciou suas atividades.

De acordo com as *Satzungen der evang. Kirchengemeinde Neu-Breslau* [Estatutos da comunidade evangélica de Neu-Breslau], datadas de aproximadamente 1926, a comunidade luterana de Neu-Breslau era composta de uma diretoria (*Vorstand*) e um conselho eclesiástico da comunidade (*Gemeinde Kirchenrat*). Estes dois órgãos determinavam os rumos da comunidade, inclusive a eleição do pastor.

Ocorria também a divisão em paróquias (*Sprengelgemeinden*), as quais eram dirigidas por sua respectiva diretoria, formada por 3 membros eleitos entre todos da paróquia. Assim se formou a paróquia de Dona Emma, pertencente a Neu-Breslau.

A primeira diretoria da paróquia de Dona Emma era representada por:

Carl Molzahn	-	Presidente
Theodor Renter	-	Secretário
Otto Koglin	-	Tesoureiro

No entanto, na primeira reunião geral decidiu-se por uma troca na diretoria: Heinrich Stern foi eleito Presidente em 23 de janeiro de 1927.

Em 13 de março de 1927 foi mencionado pela primeira vez o Pastor Brannies, e Rudolf Walter foi nomeado como secretário. E ainda, no ano de 1930, a diretoria obteve nova mudança: Ludwig Walter como tesoureiro e Alfred Koesteke, secretário.

Alfredo Koesteke propôs, na reunião anual realizada em 22 de fevereiro de 1931, a construção de uma igreja em Dona Emma, proposta esta apoiada pela comunidade.

Em 27 de novembro de 1932, o diretor da escola, Carl Molzahn anunciou à comunidade evangélica de Dona Emma a proposta encaminhada à diretoria da escola, cujo teor expõe que o prédio da escola fosse ampliado através da comunidade, para que este servisse tanto à comunidade quanto à escola. Para a execução deste requerimento, a escola contribuiu à igreja com uma ajuda de construção de 450\$000<sup>3</sup>.

No dia 1º de fevereiro de 1933, depois de um longo debate sobre a reforma da escola, as dúvidas dos sr. e sra. Thomsen e de Andreas Leitis não foram levadas em conta. Houve várias divergências entre a comunidade, levando esta situação a uma nova votação. Para a diretoria foram eleitos: Leopold Fey – Presidente; Carl Raffel – Tesoureiro e Hermann Albert – Secretário. No dia da eleição, 21 de maio de 1933, o sr. Albert Koglin propôs a construção de uma igreja de pedra. A idéia foi discutida em reunião do dia 5 de junho de 1933, em longo debate e Albert Koglin organizou uma *Sammelliste* [lista de contribuições] com os membros e suas respectivas contribuições, totalizando 2:845\$500. A lista foi lida e foi realizado o desejo dos membros da comunidade para a construção de uma igreja de pedra com torre.

Na reunião do dia 6 de agosto de 1933 iniciaram-se os trabalhos de alicerce da igreja. E, no domingo, dia 23 de setembro de 1934 foi lançada a pedra fundamental da igreja luterana de Dona Emma. Para a construção do templo foram encaminhados pedidos de ajuda a pessoas, empresas, entidades do Brasil e da Alemanha. A construção da igreja representou um esforço muito

---

<sup>3</sup> Lê-se: quatrocentos e cinqüenta Milréis.

grande da comunidade. Sua inauguração, em 1938, coincidiu com o período de maior prosperidade da comunidade evangélica pois, a partir desta data, deu-se o movimento de nacionalização forçada e foram feitas severas restrições ao uso da língua e manifestações da cultura alemãs.



Igreja Evangélica. Construção iniciada em 1934

A guerra representou um grande golpe para a comunidade evangélica de Dona Emma. Muitas famílias alemãs voltaram para a Alemanha ou se mudaram para outras localidades no Brasil. A proibição da língua alemã desorganizou a comunidade. Grande parte das pessoas não entendia o português e também não sabia expressar-se neste idioma. A comunidade tinha dificuldade de celebrar o culto pois os livros para o ofício religioso tais como bíblia, hinários e outros eram em alemão e tiveram que ser destruídos ou cuidadosamente escondidos. Sobre a dinâmica e animada comunidade de 1934 abateu-se o silêncio e o desânimo que não mais foi recuperado integralmente.

Até 1938 a maior parte dos imigrantes de Dona Emma eram evangélicos de confissão luterana<sup>4</sup>. A partir de 1938, além da emigração de muitas famílias luteranas e com a imigração de descendentes de italianos vindos de Rodeio, Ascurra e do sul do estado, da região de Criciúma, que eram todos católicos, os evangélicos deixaram de ser a maioria do município de Dona Emma.

Atualmente existem dentro do Município de Dona Emma somente duas comunidades: Dona Emma (sede) e Nova Esperança, totalizando algo em torno de 180 famílias. Algumas famílias evangélicas, moradores no Município, participam nas comunidades de Uru Baixo e Krauel Central, com sede em municípios vizinhos. A partir de 1996 a comunidade evangélica conta com um pastor residente em Dona Emma.

Em questões de natureza política e cultural a comunidade teve, através de seus membros, um importante papel no passado. Este papel não é tão relevante na atualidade.

Na opinião do Pastor Rosemar Ahlert, que reside em Dona Emma e assiste a igreja desde o início de 1996, a comunidade se apresenta atualmente assim:

Entre parte do povo evangélico de confissão luterana se faz uma clássica separação entre fé e vida. Ou entre sacro e profano. Isto naturalmente não se pode fazer assim tão claramente, mas produz uma certa alienação. Deus não fala somente na Igreja, mas fala em todas as circunstâncias da vida.

Mesmo assim a Comunidade continua a ter sua importância em todos os aspectos da vida comunitária. Há problemas evidentemente, mas aos poucos se descobre o aspecto do serviço e se passa a ter uma maior participação na vida comunitária. Naturalmente é muito importante respeitar a tradição sem, no entanto, escravizar-se pelo conservadorismo e tradicionalismo.

Existe um grande potencial a nível de trabalho com senhoras e jovens, que tende a aflorar e encontrar seu espaço na sociedade.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Em Dona Emma, **Evangélico** é o termo usado para denominar o fiel da "Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil" (IECLB), ligada à Igreja Evangélica Alemã, e **Luterano** designa o adepto da "Igreja Evangélica Luterana do Brasil" (IELB), também conhecida como Igreja Luterana do Sínodo de Missouri.

<sup>5</sup> AHLERT, Rosemar. Pastor da Comunidade Evangélica de Dona Emma.

## 2 Igreja Católica

A comunidade católica teve seu começo modesto. Os fiéis reuniam-se em casa do imigrante Alfons Ax. Este pioneiro empenhou-se por muitos anos e com dedicação incansável na organização da primeira comunidade católica.

A missa era celebrada primeiro num rancho, depois na residência de Alfons Ax. [...] Quanto sacrifício ele fazia! O padre se hospedava em sua casa. Nós outros trazíamos lama e pó para dentro de sua casa. A primeira missa foi celebrada pouco antes do natal de 1921. Um padre italiano, já velhinho, falou do Menino Jesus e, sendo italiano, teve dificuldade para dizer seu sermão em língua alemã.<sup>6</sup>

Até a criação da paróquia de Presidente Getúlio, a capela de Dona Emma era atendida pelos padres da paróquia de Ascurra. Entre eles destacam-se os Padres Paulo Hesse, Stanislaw Tycner, Leão Muzzarelli, Stanislaw Baniz, Olívio Giordano. No dia 15 de outubro de 1922 o Padre Paulo Hesse realizou o 1º batizado naquela comunidade. A criança batizada foi Catharina Ax, filha de Albert Ax e de Clara Weber Ax. O primeiro casamento foi de Guilherme Schorer e Thereza Krum a 24 de janeiro de 1924.

Sempre sob a liderança de Alfons Ax, a pequena comunidade católica, formada por aproximadamente 10 a 12 famílias, iniciou em maio de 1933 a construção de sua primeira igreja com o lançamento da pedra fundamental.

Na segunda feira de Páscoa, 17 de abril, em Dona Emma, se colocou a primeira pedra para a construída Capela de Cristo Rei. Tomou parte a povoação inteira, sem distinção de religião.<sup>7</sup>

Entre as famílias católicas que se destacaram na construção da igreja, além do benemérito Alfons Ax que, no dizer de Wilhelm Schorer, “sacrificou 60 dias de trabalho” na realização da obra,

<sup>6</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama, n. 1.204. 21 maio 1983, p. 4. O padre italiano a que o autor se refere foi provavelmente o Padre Leão Muzzarelli SDB, residente em Ascurra.

<sup>7</sup> Livro Tombo da paróquia de Presidente Getúlio. n° 1, p. 42.

citam-se as famílias de Gottfried Debatin (natural de Guabiruba, SC), Wilhelm Schorer, Antônio Pfiffer, Ludwig Erlinger, João Cecado, Franz Hochstein, Hermann Klein, Heinrich Blaul, Josef Hoffmann, Raulino Leite e outras.



Primeira comunhão, em casa de Heinrich Ax. Neocomungantes (esquerda para direita e com vela na mão): Alfred Hochstein, Francisca Hochstein, Geraldo Ax. Padre Franz Eigmann. c. 1927.

Passado menos de um ano, a capela estava pronta para ser inaugurada no dia da festa do patrono. O evento foi motivo de grande festa para o povo de Dona Emma. No livro Tombo da paróquia de Presidente Getúlio encontra-se colado um recorte de jornal onde está registrado o evento.

Domingo, dia 29 do passado, festa de Cristo Rei, foi pelo Exmo. Snr. Bispo Diocesano solenemente benta e inaugurada a capela de Dona Emma, núcleo colonial do distrito de Hammonia, paróquia de Nova Breslau.

Os atos religiosos eram feitos até esta data, na casa da excelente e exemplar família Ax, que tinha como subida honra hospedar o sacerdote e destinar o belo salão da casa para a santa missa.

Foi na páscoa deste ano que o Revmo. Vigário, Padre Francisco Eigmann lançou a idéia: Façamos uma igreja! Idéia que parecia impraticável por enquanto naquela colônia que começou há 12 anos e conta com 20 famílias católicas.

Mas a idéia foi adotada com fervor por 10 dessas famílias que a levaram a termo. A Igreja seria dedicada a Cristo Rei, e devia estar pronta para ser inaugurada no dia de sua festa, fim de outubro.

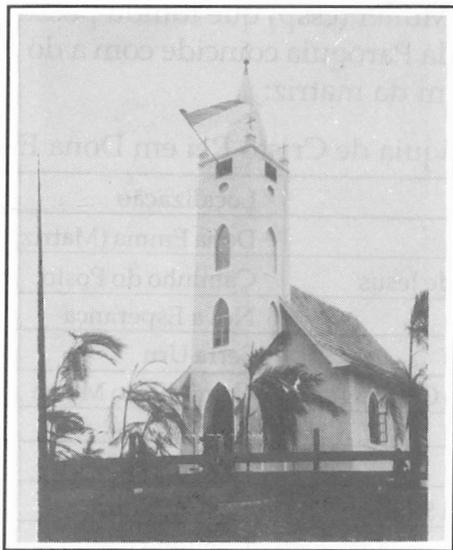
E assim foi! Neste dia lá estava a igreja de materiais, esbelta, apontando para o céu sua torre de 21 metros.

Quando o cristão ama a seu Deus, não há sacrifício que lhe custem para manter o seu culto.

A festa de inauguração foi brilhante. A ela concorreram todos os elementos da colônia e muitos do distrito, sem distinção de crenças. Foi um dia de animação e alegria no lugar, e permanecerá indelevelmente gravado na memória de todos os que se acharam presentes.

Ao Exmo. Snr. Diretor da Colônia Hammonia, e representante da Sociedade Colonizadora Hanseática de Hamburgo, muito deve a paróquia por toda a sorte de favores que lhe tem prestado. [...].

Também lá estava na festa, como elemento de mais destaque, acompanhado de seus auxiliares, o sr. Engenheiro e o sr. Secretário da Colônia, emprestando o relevo de sua presença e aceitando convite para paraninfo no solene ato”<sup>8</sup>.



Primeira capela católica em Dona Emma

<sup>8</sup> Livro Tombo da paróquia de Presidente Getúlio. n° 2, p. 16

Em 1954 a comunidade começou a construção da atual igreja. O Padre Jacó Feldhaus relata que em setembro de 1962 a nova igreja, bela e espaçosa, já estava servindo às sagradas funções. O mesmo Padre Jacó, vigário da paróquia de Presidente Getúlio, atendeu a capela até 1966. Em janeiro do ano seguinte o Padre Lírio Luiz Volpi assumiu a paróquia de Presidente Getúlio e, conseqüentemente, atendia também à comunidade de Dona Emma.

Em atendimento ao desejo e ao insistente pedido do povo da comunidade católica de Dona Emma, Padre Lírio Luiz Volpi tomou a iniciativa de encaminhar ao Bispo Diocesano requerimento para criação da Paróquia de Cristo Rei de Dona Emma. Na exposição de motivos Padre Lírio considera em primeiro lugar as distâncias a percorrer através de estradas difíceis dificultando um apostolado mais eficiente e profícuo; considera também o número demasiado elevado de capelas para atender e que, em virtude disso, o atendimento se limita apenas à sacramentalização em detrimento da evangelização e educação da fé.

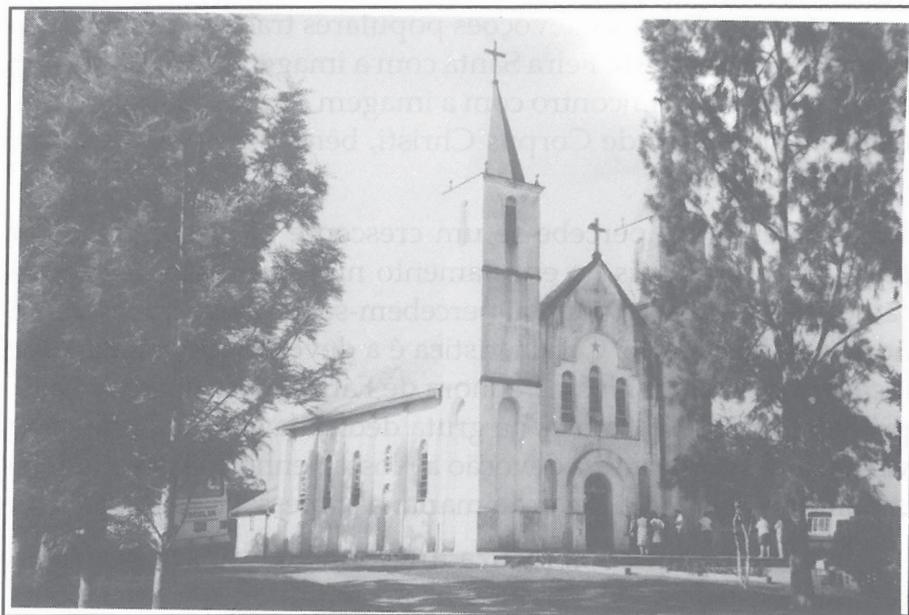
Em atendimento a este requerimento deu-se a criação da Paróquia a 3 de fevereiro de 1968 tendo como primeiro pároco o Padre Siegfried Müller (cssp) que tomou posse no dia 28 de abril de 1968. A área da Paróquia coincide com a do município e conta com capelas, além da matriz:

Quadro III: Paróquia de Cristo Rei em Dona Emma.

Nome da igreja	Localização	Nº de famílias
Cristo Rei	Dona Emma (Matriz)	182
Sagrado Coração de Jesus	Caminho do Posto	17
Santo Antônio	Nova Esperança	49
Bom Jesus	Serra Uru	37
Nossa Senhora do Caravaggio	Caminho do Morro	55
São Donato	São Donato	41
São Rafael	Caminho Pinhal	87
Nossa Senhora da Saúde	Rio Caçador	59
Nossa Senhora Aparecida <sup>9</sup>	Caminho da Paz	18

<sup>9</sup> A comunidade de Nossa Senhora Aparecida não tem capela. Serve-se de uma escola como espaço para reunião da comunidade e celebração do culto divino.

Apesar de criada a paróquia, esta nem sempre teve pároco residente, sendo atendida por alguns períodos pelos Padres da Paróquia de Presidente Getúlio. O atual pároco é o Padre Wilson Moraes, do clero diocesano, que tem sob seu pastoreio 545 famílias.



Capela Nossa Senhora do Caravaggio. Caminho Pinhal

## Organização e religiosidade<sup>10</sup>

As comunidades conhecidas também como capelas organizam-se à sua maneira e do seu jeito tendo como fonte básica de inspiração as diretrizes da paróquia e da diocese. Em cada comunidade existe o CPC (Conselho Pastoral da Comunidade) que, junto com o pároco, organiza os trabalhos pastorais. No início do ano cada comunidade estabelece seu calendário de atividades que consta de reuniões, cursos e visita mensal do Padre. As comunidades maiores contam com a visita do Padre duas vezes ao

<sup>10</sup> As informações básicas referentes à organização e religiosidade da comunidade católica da paróquia de Dona Emma foram fornecidas por escrito pelo atual pároco, Padre Wilson Moraes.

mês. Algumas comunidades ainda não bem estruturadas encontram dificuldades para se organizar.

Constata-se na comunidade católica da paróquia de Dona Emma uma religiosidade tradicional. Não ocorreu por parte do clero responsável um processo de renovação e a inovação não tem aceitação. Entre as devoções populares tradicionais citam-se as procissões de Sexta Feira Santa com a imagem do Senhor Morto, a procissão do Encontro com a imagem de Nossa Senhora das Dores, a procissão de Corpus Christi, bênção de casas e outras bênçãos em geral.

No entanto, percebe-se um crescente indiferentismo por parte de muitos fiéis no engajamento num processo de renovação e revitalização. Todavia, percebem-se também traços genuínos de religiosidade. Característica é a devoção mariana: a nível local, é a devoção à Nossa Senhora de Fátima com missa em cada primeiro domingo do mês na gruta dedicada em sua honra; a nível nacional destaca-se a devoção a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Na devoção mariana sobressai a reza do terço.

Cada comunidade realiza a festa anual de seu padroeiro organizada pelo CPC. Em algumas comunidades a festa do padroeiro é precedida por uma novena onde se dá ênfase ao sentido religioso da festa. Não raro o aspecto monetário é o objetivo principal da festa pois esta é a principal fonte para angariar recursos para manutenção das obras e serviços da comunidade. O ponto alto da festa é a missa solene com a presença dos festeiros na parte da manhã.

A participação dos fiéis nas atividades da comunidade é mais significativa no interior que na cidade. Apesar de certa "acomodação", existe um bom número de líderes sobretudo de jovens que trabalham na construção da comunidade e nas celebrações litúrgicas.

Desde os primeiros anos da colonização é significativo o bom relacionamento entre católicos e evangélicos. No entanto,

ao longo dos anos não se realizou nenhum trabalho de natureza ecumênica oficial, mesmo porque até data recente não havia Pastor residente na Paróquia Evangélica. Constata-se tanto por parte de católicos como de evangélicos certa resistência a um trabalho conjunto. Todavia tal atitude pode mudar mediante uma catequese de ambas as partes.

### 3 Igreja Luterana<sup>11</sup>

A Igreja Luterana com a denominação de Congregação Evangélica Luterana "Concórdia" de Nova Esperança atua em Dona Emma desde a década de 1940. Com a imigração para esta região, a Igreja procurou os luteranos e outras famílias. Inicialmente as atividades cúlticas foram realizadas nas casas dos membros, principalmente na casa de Fritz Doose, e sob a liderança do Pastor Martim Hellmann.

A primeira capela luterana construída em Dona Emma data de mais ou menos do ano de 1945. Alguns dos membros fundadores são Fritz Doose, Ervin Lindner, Rudolf Lindner, Arthur Lindner, João Stacholski, Heinrich Butzke, Ervin Kuhn e Heinrich Priest.

A atual capela foi construída em 1965 quando a Congregação era atendida pelo Pastor Adriano Litting. O terreno foi doado por Meinrath e Artur Lindner.

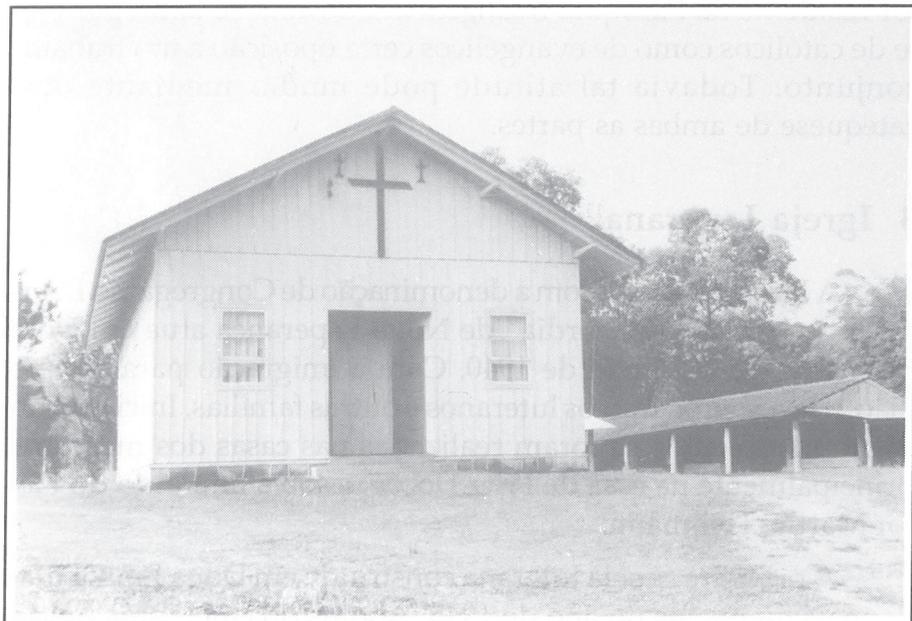
A Congregação foi atendida pelos Pastores ou estagiários: Martim Hellmann, Walter Wilde, Emílio Hüller, Jorge Raschke, Edgar Krick, Johannes Gedrat, Adriano Litting, Hermann Zeuch, Benjamim Glienke, Néelson Linhaus e, atualmente, pelo Pastor Edegar Lindemann Müller.

Neste ano de 1996 a Congregação conta com 60 membros batizados. Os cultos são celebrados duas vezes ao mês e os De-

---

<sup>11</sup> As informações referentes à Comunidade Luterana foram fornecidas por escrito pelo Pastor Edegar Lindemann Müller, residente em Witmarsum.

partamentos que exercem suas atividades são o das crianças e senhoras.



Capela da Comunidade Evangélica luterana “Concórdia” de Nova Esperança

#### 4 Igreja de Deus<sup>12</sup>

Quando nos últimos dias do mês de dezembro de 1922 as 18 famílias de imigrantes teuto-russas da região do Cáucaso se estabeleceram em Nova Esperança, trouxeram consigo e plantaram na clareira da selva a semente de uma nova religião. Eram membros de uma variante da igreja batista denominada Igreja de Deus (*Gotteskirche*) e seus membros denominam-se Filhos de Deus (*Kindergottes*) e sua congregação “Comunidade de Deus” ou “Igreja de Deus”. Seu líder religioso era Adolf Weidmann.

Na Páscoa de 1923 a comunidade da Igreja de Deus realizou seu primeiro culto em Nova Esperança no rancho de Michel

<sup>12</sup> As informações referentes a Igreja de Deus foram extraídas de WEIDMANN, Adolf. *Bericht von den Kaukasischen Flüchtlingen in Brasilien*. [S.l., 1968?], p. 72.

Meglin. Nesta ocasião ficou estabelecido que haveria reunião todos os domingos antes e depois do meio-dia. Depois de alguns meses as reuniões foram transferidas para o rancho da família de Heinrich Gillung e mais tarde para Gustav Weidmann, irmão de Adolf Weidmann. No ano de 1924 foi construída uma pequena capela da “Comunidade de Deus”. Era de madeira e coberta com tabuinhas e situava-se num terreno da comunidade quase no centro do povoado. Num domingo, a 14 de dezembro de 1924, foi inaugurada esta primeira capela da “Comunidade de Deus” no Brasil. Foi também organizada uma Escola Dominical para as crianças, um coral a quatro vozes foi fundado e foram realizados encontros da juventude. A festa principal da “Comunidade de Deus” é a Festa da Colheita (*Erntedankfest*).

Fato significativo para a “Comunidade de Deus” em Nova Esperança foi a realização, em 1929, da Primeira Conferência da Igreja de Deus no Brasil a que compareceram e participaram muitos fiéis de perto e de longe, inclusive de Rio das Antas do Rio Grande do Sul.



Igreja da “Comunidade de Deus” de Nova Esperança

O bairro Nova Esperança cresceu e se desenvolveu extraordinariamente. No ano de 1946 a 1947 a “Comunidade de Deus” construiu uma bela igreja de material que ainda está atualmente em uso.

No entanto, muitos imigrantes de Nova Esperança mudaram-se para outros Estados e a “Comunidade de Deus” perdeu seus principais líderes, o que levou a um processo de decadência. Atualmente conta com poucas famílias.

## 5 Igreja Menonita

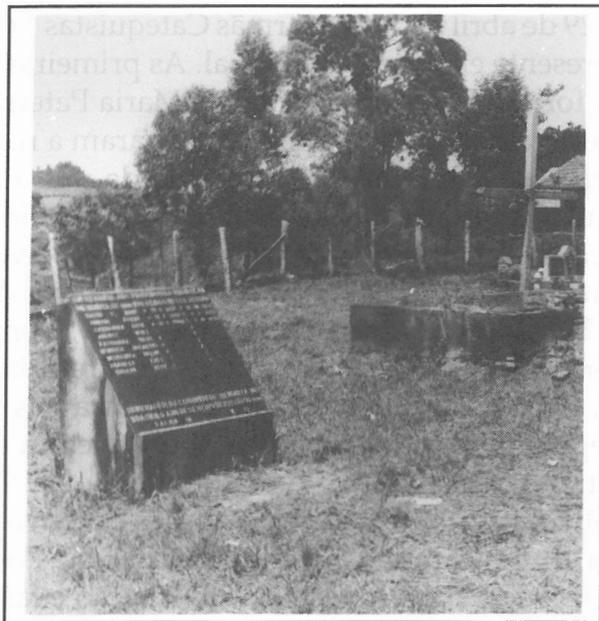
A origem dos menonitas remonta aos primórdios do século XVI, no tempo em que Lutero e Zwinglio começavam a reforma na Alemanha e na Suíça. O século dezesseis foi na Europa, um período de grande fermentação religiosa em todas as camadas sociais envolvendo autoridades e o povo em geral.

O movimento menonita tem sua origem mais remota na Suíça, nas pregações de Ulrich Zwinglio. As idéias religiosas de Zwinglio chegaram até a Holanda. Em 1536, Menno Simons, um padre católico, aderiu ao movimento e, em pouco tempo, tornou-se o principal líder nos Países Baixos e norte da Alemanha.

Os menonitas são uma vertente do movimento anabatista, conhecido na Holanda como “batizados por intenção”. Como característica de seu credo, admitem que a Eucaristia é apenas um símbolo e não presença real de Cristo, que o “batismo” é só para adultos, que na difusão da religião não se pode usar a força e que não se deve matar ninguém, inclusive na guerra. Este preceito os proíbe de participar de ações bélicas e foi este o principal motivo de serem perseguidos em vários países. Os adeptos vivem em comunidades fechadas com vida social e econômica própria. Não fazem proselitismo e, por isso, não tiveram novas adesões em Dona Emma. Enquanto existiu a comunidade menonita de Stolzplateau (Uru), alguns teuto-russos de confissão evangélica localizados na atual localidade de São Donato fre-

qüentavam a igreja menonita dada a dificuldade de se deslocar até a igreja evangélica em Dona Emma.

A comunidade menonita de Dona Emma se extinguiu quando seus membros emigraram para outras localidades, principalmente o Paraná, onde formaram a Comunidade Menonita de Witmarsum.



O monumento num cemitério em ruínas é a única lembrança dos menonitas no Stolzplateau.

## 6 Irmãs Catequistas Franciscanas<sup>13</sup>

As Irmãs Catequistas Franciscanas têm, na sua origem, como prioridade atender as comunidades isoladas do interior onde não acontece uma assistência rotineira por parte de sacerdotes. Ao se estabelecer numa comunidade, assumem a escola, onde trabalham de acordo com as diretrizes do Estado, e a organização da

<sup>13</sup> As informações referentes às Irmãs Catequistas Franciscanas provêm do REGISTRO DE CASA nº 14 (036) e nº 3 (103). Arquivo central das Irmãs Catequistas Franciscanas. Rodeio, SC.

capela, onde coordenam a catequese e demais atividades pastorais e de culto.

As Irmãs Catequistas Franciscanas se fizeram presente em duas comunidades no município: Caminho Pinhal e Dona Emma (cidade).

#### a) Caminho Pinhal

Desde 29 de abril de 1952 as Irmãs Catequistas Franciscanas se fizeram presente em Caminho Pinhal. As primeiras irmãs que lá chegaram foram: Theodora Fusinato e Maria Paterno. O povo as recebeu festivamente. Ali chegando, passaram a residir numa casa da igreja local, construída em terreno da mitra diocesana. Para conseguir a presença das Irmãs em Caminho Pinhal, várias pessoas da comunidade e da paróquia foram a Rodeio formular o pedido. Entre essas pessoas citam-se: Padre Bernardo Fuchter, os senhores Hercílio De Faveri (inspetor escolar), Domingos Salvador, Abramo Zago, Fioravante Lazzaris e a diretoria da igreja e escola local. O povo depositou muita esperança nas Irmãs. Assim que chegaram, os alunos da vizinhança vieram em grande número matricular-se na escola de Caminho Pinhal. Havia bom entendimento e entrosamento entre as Irmãs e o povo. Em âmbito de igreja, fundaram a Cruzada Eucarística, Congregação Mariana, Filhas de Maria, Apostolado da Oração e faziam reuniões com os pais. Em sintonia com as orientações do Concílio Vaticano II, deram-se ao trabalho de preparar catequistas leigos.

Em 1970 a direção da escola foi entregue a Iselda Lázzaris Dematé, continuando, no entanto, elas com os serviços da secretaria e orientação pedagógica. Junto à comunidade o trabalho das Irmãs consistiu prioritariamente na formação de lideranças cristãs no sentido de encaminhá-la à uma vida autônoma. Cumprido o objetivo primordial, as Irmãs retiraram-se de Caminho Pinhal a 14 de fevereiro de 1988.

b) A segunda comunidade de Irmãs Catequistas Franciscanas tem sua sede na cidade de Dona Emma onde se encontram desde o dia 3 de março de 1974.

O vigário da paróquia, Padre Siefried Müller, a diretoria da igreja e outras lideranças solicitaram a presença das Irmãs na comunidade.

As primeiras Irmãs foram Graciema Bet e Erotides Maffezzolli. No começo moraram por algum tempo com a família da sra. Anni, da religião menonita, até que arrumaram casa própria para elas. “Ela foi uma verdadeira mãe para as Irmãs. Tudo era partilhado. Foi uma experiência muito boa”.<sup>14</sup>

O trabalho assumido pelas Irmãs foi a orientação da catequese, da liturgia na matriz e comunidades. Assumiram também a orientação do ensino religioso nas escolas dos municípios de Dona Emma, Presidente Getúlio e Witmarsum. Em parceria com a prefeitura, as Irmãs organizaram o serviço de assistência social aos pobres e doentes e lutaram pela implantação de Jardim de Infância na cidade e nas comunidades do interior. Em 1983, através da Comissão Municipal da Saúde, as Irmãs implantaram a Pastoral da Saúde realizando treinamentos de pessoas para atuar nesta área. Recentemente, sob sua orientação, implantou-se também a Pastoral da Criança.

## 7 Crenças e superstições

A par da religião “oficial” há também crenças populares. Muitas dizem respeito à doenças e visam recuperar a saúde. No passado, sendo muitas vezes difícil o acesso aos recursos médicos e farmacêuticos pela distância e dificuldade de comunicação, o povo recorria, com freqüência, a benzimentos. Atualmente, as dificuldades financeiras levam pessoas a recorrer às mesmas práticas. A maior parte das crenças e superstições difundidas entre a população do município de Dona Emma não é exclusivo das pessoas desta região. São crenças comuns às existentes em outros lugares e que foram trazidas pelos imigrantes. O

---

<sup>14</sup> REGISTRO de Casa. nº 03. Arquivo central das Irmãs Catequistas Franciscanas. Rodeio, SC

registro de crenças e superstições não significa que são predominantes mas que são conhecidas pela população. Uns depositam nelas mais fé, outros menos. Entre as crenças mais conhecidas citam-se:

- Benzedura para susto: lançar 3 brasas num copo de água e em seguida beber esta água e o susto desaparece.
- Benzimento para fazer desaparecer verrugas: conta-se o número de verrugas e pega-se igual número de grãos de milho que devem ser jogados para trás. À medida que as galinhas os comem as verrugas desaparecem.
- Para bebê que não dorme à noite. Há várias soluções pois crê-se que a criança não dorme porque está enfeitiçada por bruxa. Como solução para afugentar as bruxas recomenda-se depositar uma tesoura aberta sob o colchão onde a criança dorme, confeccionar um macinho com 9 ervas diferentes ou vestir a criança com camiseta de avesso.
- Mulher grávida não deve passar por baixo de cerca de arame, pois se o fizer, a criança nascerá com o cordão umbilical enrolado no pescoço.
- Mulher menstruada não deve entrar em lavoura de batatinha e tomate. Se o fizer, a lavoura adocece.
- Guardar o pão virado, isto é, da parte da forma para cima, atrai miséria.
- A visita deve necessariamente sair pela mesma porta por onde entrou para não levar consigo a sorte.
- Para “despachar” visita indesejada basta deitar uns grãos de sal no fogo ou colocar vassoura atrás da porta.
- Tudo o que o marido de gestante planta, brota com mais facilidade.
- Arruda plantada na entrada da casa afasta maus fluidos.

- Queimar casca da cebola traz dinheiro.
- Quebrar espelho é motivo de sete anos de azar.
- Matar gato provoca sete anos de atraso.
- Para que descasquem bem, deve-se incubar os ovos sempre em número par.
- Para obter bom resultado, deve-se incubar os ovos em tal dia para que os pintinhos nasçam na lua cheia.



## Política e cidadania

Nos primeiros anos da colônia os moradores de Dona Emma pouco se envolveram nas questões de política. Viviam isolados em seus lotes e pouco contato tinham com as autoridades municipais e menos ainda com as estaduais e federais. Ocupados nas lides diárias, não lhes sobrava muito tempo para este tipo de atividade. Além disso, muitos colonos eram imigrantes estrangeiros e, como tal, não gozavam de plenos direitos como os demais cidadãos brasileiros. Estavam mais preocupados com o começo na nova pátria e por isso não pretendiam, por motivo de prudência, envolver-se na política.

Uma vez bem estabelecidos, os contatos com as lideranças do distrito Itajaí-Hercílio (Hamônia) tornaram-se mais freqüentes. Muitos deslocavam-se até a cidade de Hamônia para saldar as prestações de seus lotes; outros para buscar junto à Sociedade Colonizadora a solução de algum problema. Este ia para freqüentar o comércio; aquele por motivos de saúde. Em casos especiais o colono se dirigia à cidade de Blumenau que, além de ser a sede do município, era um centro maior com toda a sorte de recursos. A viagem era relativamente cômoda pois a ferrovia era, para a época, um meio de transporte seguro e barato.

O contato com as autoridades políticas teve início e se desenvolveu a partir das necessidades concretas dos colonos e o primeiro e maior problema eram as vias de comunicação. O colono necessitava de estradas em qualquer época do ano para o seu deslocamento e escoamento de produtos. Nos primeiros anos

os próprios colonos fizeram este trabalho às suas custas, pois o compromisso da Sociedade Colonizadora Hanseática era abrir as estradas gerais, mas os caminhos secundários, bem como sua manutenção, acabavam se transformando em tarefa dos colonos.

As passagens sobre o rio eram “pinguelas” de troncos de árvore difíceis de passar para quem não estava habituado [...]. As estradas eram construídas pelos colonos pagando uma parte de suas dívidas com esta prestação de serviço. Pá, picareta, enxada, foice e machado eram as ferramentas usadas pelos colonos.<sup>1</sup>

Com o passar dos anos os colonos julgaram-se no direito de pleitear certos benefícios pois pagavam impostos.

Sendo bem necessário o concerto de diversas pontes e bueiros, fica o senhor secretário encarregado de fazer imediatamente as necessárias comunicações ao conselho municipal.<sup>2</sup>

Os políticos cedo se aperceberam das necessidades dos colonos e as aproveitaram para envolvê-los politicamente tendo em vista os votos em época de eleição.

Na organização da sociedade surgem sempre líderes com aspiração a cargos para ocupar espaços no poder. Líderes políticos de Blumenau e de Hamônia estabelecem contatos com representantes da comunidade.

Os colonos, por sua vez, ao se dirigirem às “vendas”, ficavam sabendo das últimas novidades, pois também lá se conversava sobre política.

Na década de 1930 despontaram no cenário estadual e mesmo nacional influentes lideranças políticas de origem alemã com forte influência no Vale do Itajaí. Entre estas destaca-se Adolfo Konder, fundador do partido da União Democrática Nacional (UDN). Na mesma época funda-se também no Estado o Partido Social Democrata (PSD). Considerável parte da população de

---

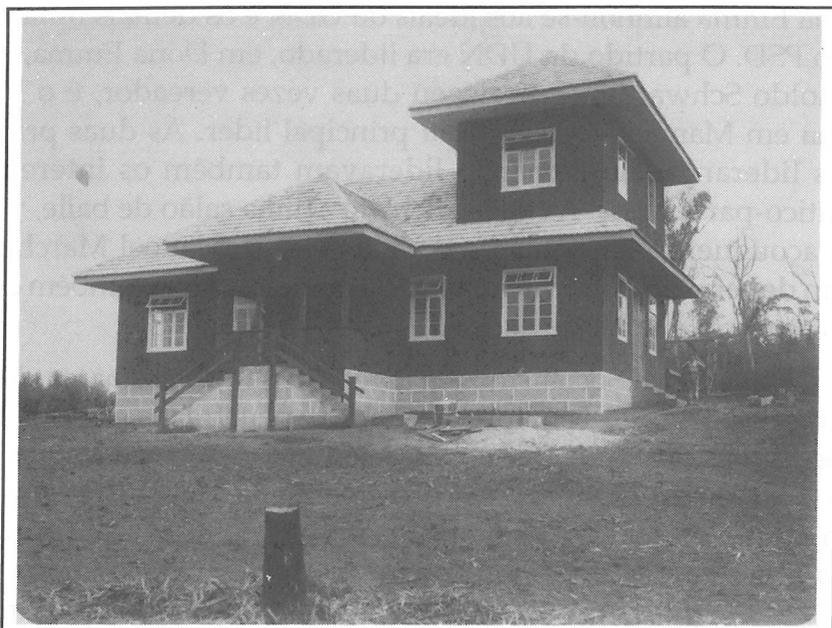
<sup>1</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 28 maio 1983, n. 1204, p. 4.

<sup>2</sup> Ata da Comissão Distrital de Gustavo Richard. 08 de abril de 1937.

Dona Emma alinhou-se aos ideais da UDN e os demais optaram pelo PSD. O partido da UDN era liderado, em Dona Emma, por Arnoldo Schwarz que se elegeu duas vezes vereador, e o PSD tinha em Manoel Marchetti seu principal líder. As duas principais lideranças no comércio lideravam também os interesses político-partidários. A família Schwarz tinha salão de baile, venda, açougue, beneficiamento de leite, etc., e Manoel Marchetti, além de serraria e beneficiamento de madeira, tinha também casa de comércio e salão de dança.

O Nacional Socialismo em ascensão na Alemanha na década de 1930 teve também forte aceitação e penetração entre os alemães e seus descendentes no Vale do Itajaí. Em Dona Emma ganhou adeptos a partir de 1934 principalmente com a presença de um agente do partido, de nome Ervin Kuchenbecker que organizou a juventude em torno dos ideais do Nacional Socialismo. Seus integrantes reuniam-se aos sábados à tarde para palestras, canto, marchas e instruções diversas. Nos dias de reunião os simpatizantes do Nacional Socialismo portavam uniforme especial: calça preta e camisa cáqui tendo no ombro do braço esquerdo a cruz suástica, símbolo do partido. Na década de 1930 verifica-se em Dona Emma um período de grande progresso econômico e cultural. Em 1935 a comunidade construiu a *Deutsches Haus*, Casa Alemã, que era um centro cultural de preservação da germanidade e que se tornou o principal centro de cultivo e de irradiação das idéias do Nacional Socialismo.

Neste ano de 1935 foi fundado também em Dona Emma o Partido Integralista inspirado nos ideais político-ideológicos pregados por Plínio Salgado. Seu fundador e líder principal foi João Sporrer. Com o golpe de Estado de Getúlio Vargas em 1937 houve a supressão de todos os partidos políticos entre os quais também o integralismo. Também o Nacional Socialismo foi proscrito e seus integrantes, que não abandonaram o movimento, foram presos. O agente e líder Ervin Kuchenbecker sumiu.



Casa da Cultura Alemã

Pelas entrevistas realizadas com pessoas idosas e que viveram o momento, percebe-se que o período de 1934 a 1938 foi de grande agitação política marcado por momentos de euforia e fortes tensões. Ao que tudo indica, o momento mais tenso foi quando ocorreu a queima da bandeira alemã em praça pública por ordem emanada de autoridades estaduais mas executada pelo delegado local, um cidadão de origem alemã cujo nome nos foi pedido manter em sigilo. Para a população de Dona Emma a queima da bandeira alemã significou a destruição do seu passado étnico-cultural. O temor de uma repressão impediu a eclosão de um conflito armado.

Com a instauração da ditadura de Vargas, estando já em curso o processo nacionalizador e acrescido da eclosão da Segunda Guerra Mundial, começou em Dona Emma um movimento de perseguição e repressão aos estrangeiros e seus descendentes com base no Decreto-Lei n. 383, de 18 de abril de 1938. Não só os alemães foram vítimas da repressão. Também os itali-

anos e poloneses vindos do sul do Estado, da região de Criciúma, e que se encontravam estabelecidos em São Donato, Caminho Pinhal, Rio Caçador e Caminho do Morro, foram denunciados e perseguidos no período da Segunda Guerra Mundial pelo fato de falarem língua estrangeira. Alguns foram presos e penalizados. Todos foram ameaçados e amedrontados. Foi proibido o idioma estrangeiro, inclusive em âmbito doméstico. Houve detenções e 11 pessoas foram levadas até Hamônia (Ibirama) onde estiveram presas durante 24 horas. Fotografias da época mostram os prisioneiros sendo vigiados por policiais. Um dos prisioneiros foi conduzido até Florianópolis e detido no “campo de concentração” existente naquela cidade no bairro Trindade.

A xenofobia, isto é, a perseguição aos estrangeiros, tornou-se tão crônica que em 15 de dezembro de 1938, o prefeito de Hamônia (Ibirama), Rodolpho Koffke, baixou um decreto nos seguintes termos:

Art. 1º - Ficam terminantemente proibidas inscrições nos túmulos, carneiras, mausoléus, lousas, cruzeiros ou quadros dos cemitérios, em línguas vivas estrangeiras.

§ único - As inscrições assim existentes devem ser, no prazo de 15 dias, vertidas para a língua nacional ou retiradas, sob pena de a Prefeitura o fazer, além da multa de 100\$000 que será aplicada aos infratores.<sup>3</sup>

Quando realizamos a pesquisa para este livro, encontramos sinais de execução desta lei nos cemitérios de Dona Emma. Entre outros, o túmulo de Wilhelm Rühl, de 1923, teve a lápide danificada, pois a inscrição em língua alemã foi parcialmente substituída por outra com inscrição em português.

Difundiu-se um clima de medo generalizado. Para deslocar-se para outra cidade era necessário o “Salvo Conduto”. Sem este documento ninguém podia viajar. Em Dona Emma muitas pessoas, que por algum motivo necessitavam viajar, requereram o documento pois o controle era muito rigoroso principalmente

---

<sup>3</sup> Decreto n. 26, de 15 de dezembro de 1938. Prefeitura Municipal de Ibirama.

quando as pessoas viajavam de trem, que era o meio de locomoção mais comum para se deslocar até Blumenau ou Rio do Sul.

Qualquer pessoa desconhecida que aparecesse em Dona Emma era motivo de suspeita e medo. Por isso, as pessoas fechavam portas e janelas diante da notícia de pessoa estranha no lugar.

Como alternativa às atividades político-esportivas próprias dos adeptos do Nacional Socialismo e Integralismo, as autoridades militares implantaram em Dona Emma o movimento escoteiro em 1938. Para esta finalidade foi enviado para Dona Emma o cabo Laércio, que fazia os treinamentos e exercícios. O escotismo foi adotado pelas autoridades militares como forma alternativa de formação da juventude. Participavam do movimento escoteiro rapazes de 12 a 16 anos de idade.

Havia também um rigoroso controle sobre a população com respeito ao idioma. Neste sentido, era terminantemente proibido a qualquer pessoa se expressar em língua estrangeira. Esta lei atingiu a todos, mas principalmente os alemães e italianos. Quem era flagrado falando outra língua diferente do português era preso, interrogado e, conforme o caso, penalizado. Pretendia-se e houve tentativas de levar esta proibição para a intimidade do lar, dentro de casa. As poucas famílias que tinham rádio tiveram seus aparelhos lacrados, pois temia-se que escutassem programas em língua estrangeira sobretudo a *Deutsche Welle*. Para dar conta do cumprimento da lei, as autoridades contratavam espões do lugar e geralmente alguém da mesma origem étnica. Assim, entre os italianos o contrato era feito com alguém de origem italiana e entre os alemães, alguém de origem alemã. Desta forma aumentava ainda mais o clima de insegurança e a desunião na comunidade. Em Dona Emma, havia um notório espião e delator cujo nome não declinamos aqui em respeito à pessoa que nos concedeu a entrevista e para não ser confundido com seu homônimo que ainda mora no município.

Até 1938 quando começaram a chegar os italianos de Criciúma, a população de Dona Emma era praticamente só ale-

mã ou de origem alemã. O povo não só falava alemão no dia-a-dia como também se nutria da cultura alemã na escola, no culto religioso, com leituras como jornais e revistas, etc. Tudo era em alemão e era natural que assim fosse, pois não se imaginava que pudesse ou devesse ser diferente. Havia uma afinidade cultural mais com a Alemanha que com o Brasil. Neste contexto compreende-se a revolta, o ódio e a mágoa que a população sentiu quando o intendente local ordenou queimar a bandeira alemã em praça pública, fato este ocorrido mais tarde da demolição da Casa alemã.

A guerra e a situação política na Europa e sua repercussão no Brasil afetou profundamente a vida em sociedade do povo de Dona Emma. Ocorreu uma desestruturação econômica e social: as atividades comerciais e industriais decaíram, clubes foram fechados, as igrejas controladas, e muitas famílias foram embora. Em 1940, a comunidade católica realizou sua tradicional “Festa de Cristo Rei” no último domingo de outubro. O vigário da paróquia de Presidente Getúlio, que atendia a capela de Dona Emma, assim se expressou sobre o estado emocional da população:

A festa popular foi péssima. O povo está muitíssimo ressentido com o modo indelicado com que certo elemento o tratou sob pretexto de nacionalizar. O povo vive um constrangimento e não ousa nem sequer manifestar a alma em festa nos seus dias tradicionais.<sup>4</sup>

Com o passar dos anos, a população superou os anos difíceis da guerra, e Dona Emma voltou a prosperar.

Muito antes de conseguir sua emancipação política em 1962, o atual município de Dona Emma era um distrito, primeiro de Ibirama e depois de Presidente Getúlio, sob a denominação de Gustavo Richard. O distrito compreendia os atuais municípios de Dona Emma e Witmarsum. Consta no documento de criação do distrito:

---

<sup>4</sup> Livro Tombo da Paróquia de Presidente Getúlio. nº 2, p. 42.

Aos dois dias do mês de abril do ano de mil novecentos e trinta e quatro, às 12 horas, na sala do prédio destinado à Intendência distrital [...] o sr. Leopoldo Monich, prefeito provisório deste município (Ibirama), declarou instalado este distrito de Gustavo Richard, criado pelo decreto n. 470 de 26 de fevereiro de 1934, do Governo do Estado, e, em seguida deu posse no cargo de Intendente deste distrito, ao sr. Ernesto Goemann.<sup>5</sup>

No longo período em que Dona Emma ficou com a prerrogativa de distrito formaram-se gradativamente lideranças políticas que procuravam atender as reivindicações dos moradores de Gustavo Richard junto aos órgãos municipais. Para as comunidades do interior é fundamental a conservação das estradas e abertura de novas vias de comunicação. Em época de eleições os candidatos, não raro, fazem desta necessidade a prioridade na plataforma de propaganda política. Em reportagem publicada no “Jornal da Semana”, o prefeito de Ibirama, Ivo Müller, dá ênfase aos trabalhos realizados em Gustavo Richard principalmente no que concerne à conservação de estradas.

... Coube ainda ao sr. Ivo Müller adquirir um moderno britador, que vem sendo utilizado na macadamização das estradas que servem o distrito [Gustavo Richard]...<sup>6</sup>

Os primeiros e mais claros sintomas de organização política aparecem quando se dá a criação e instalação da Comissão Distrital de Gustavo Richard a 11 de março de 1937. Estiveram presentes à solenidade o prefeito de Hamônia, Frederico Schmidt, e seis vereadores. A comissão eleita ficou assim composta:

Presidente: Udo Koepsel (suplentes: Henrique Wegner)

Secretário: José Machota Sobrinho (suplente: Germano Klemz)

Outros membros: Andreas Leitis (suplente: Leopoldo Fey)

Andreas Schwarz (suplente: Germano Bahr)

Ricardo Lindner (Suplente: Oscar Stein)

<sup>5</sup> Ata da instalação do Distrito de Gustavo Richard, exarado pelo Decreto n° 470, de 26 de fevereiro de 1934.

<sup>6</sup> Jornal da Semana. Rio do Sul (SC). 25 fev. 1950. n° 67, p. 4.

A Comissão Distrital tinha como tarefa estar atenta às necessidades da comunidade e encaminhá-las à prefeitura de Hamônia (Ibirama). Os membros desta comissão representavam sem dúvida nesta época as principais lideranças políticas do futuro município.

A 21 de maio de 1938 foi delimitada a zona urbana do distrito que compreendia a seguinte área: A partir do edifício da Intendência distrital, pela estrada dona Emma acima numa linha de 550 metros e, pela mesma estrada, abaixo, numa linha de 1.150 metros; a partir da mesma Intendência, pela estrada do Ribeirão Ana acima numa linha de 950 metros.

Na década de 1960 iniciou-se em todo o Estado de Santa Catarina um acentuado movimento de criação de municípios. Lideranças políticas de Dona Emma apoiadas por políticos estaduais se movimentaram no sentido da criação do município. Pelo Decreto Lei n. 826, de 17 de maio de 1962, Art. 2º, foi criado o município de Dona Emma com sede em Gustavo Richard. No entanto, por força da lei o nome da cidade-sede do município deve ter o mesmo nome que o do município, realizaram-se por isso negociações com os familiares descendentes da família de Gustavo Richard para trocar este nome pelo de Dona Emma, pois era manifesta a vontade do povo que a cidade e o novo município tivessem o antigo nome que tivera desde a chegada dos primeiros colonos. A substituição teve plena concordância da família Richard que para tanto foi representada nos interesses familiares por Gustavo Richard Neto.<sup>7</sup>

O primeiro prefeito, nomeado e provisório, foi Aléssio Gadotti, do PSD. Em seguida houve eleições, e o primeiro prefeito eleito pelo voto popular foi Erich Kuhel que tomou posse no dia 15 de junho de 1962 e governou até 31 de janeiro de 1963. Foram vereadores nesta primeira gestão: Alvin Schwarz (UDN),

---

<sup>7</sup> As tratativas pela mudança do nome de Gustavo Richard para Dona Emma foram procedidas desde 1960, em Florianópolis, por Hercílio Deeke, filho de Emma e José Deeke. Hercílio Deeke era, na ocasião, Secretário da Fazenda do Estado de Santa Catarina e Deputado Federal e, de 1961 a 1965, prefeito de Blumenau.

Ingebert Gramme (PSD), Júlio Rizzieri (PSD), Arnaldo Schwarz (UDN), Emílio Fey e Lourenço Buss.

O primeiro prefeito teve como principal tarefa a instalação de uma infra-estrutura mínima para o funcionamento dos trabalhos municipais tais como espaço físico, funcionários, algum maquinário para reparo de estradas e pontes.

No final do ano de 1962 houve novamente eleições e foi eleito Aléssio Gadotti que tomou posse no dia 31 de janeiro de 1963. Em 1964 aconteceu o golpe militar e profundas mudanças ocorreram na vida política e partidária em nível nacional. Os tradicionais partidos do PSD e UDN e demais partidos foram supressos e duas novas agremiações partidárias foram criadas: Arena e MDB. Em Dona Emma foi insignificante a participação popular no processo de transformações políticas. A fundação de novos partidos com seus respectivos líderes se deu no âmbito das próprias lideranças. Não se faziam reuniões para informar a população a respeito do que estava ocorrendo. Assim, foram fundados também em Dona Emma a Arena e o MDB, siglas adotadas em todo país em consequência do regime militar.

No prazo previsto para o término do mandato, não houve eleições e Aléssio Gadotti teve seu mandato prorrogado até 11 de janeiro de 1969. Foram vereadores neste período: Walter Zimmermann, Carlos Flemming, Paulo Richard Eltermann, Alvin Schwarz, Arnaldo Schwarz, Honório Marchetti, Pedro Biff.

Nas eleições de 1968 a disputa foi acirrada. Pelo partido da Arena era candidato Sido Schroeder contra duas chapas de oposição: MDB 1 (Alvin Schwarz e Alois Barth) e MDB 2 (João Matiola e Alvin Klemz). Foi vencedor Sido Schroeder. Durante a sua gestão (31.01.1969 - 31.01.1973) foram vereadores: Lauro Dagostin, Adelino Lázzaris, Bertoldo Robe, Artur Zilz, Dinda Plötz, Bertoldo Wilhelm, Joventino Rizzieri.

Na Gestão de Sido Schroeder foi dado início à construção da estrada da Serra do Uru, a escola Castelo Branco, em Caminho da Paca.

Nas eleições municipais de 1972 somente a Arena apresentou candidato na pessoa de Walter Zimmermann acompanhado de Waldemar Vanzuita como vice. O MDB, por razões internas da agremiação, não apresentou candidato ficando aquele pleito reduzido a um candidato único. Embora ele, Walter Zimmermann, não aspirasse à candidatura, o partido optou pelo seu nome em virtude do trabalho sério realizado enquanto Diretor de Obras.

O dinheiro era pouco e os problemas e necessidades do município eram maiores que os recursos disponíveis para saná-los. Eu mesmo endireitava pregos velhos...<sup>8</sup>

Walter Zimmermann tomou posse em 31 de janeiro de 1973 e governou até 31 de janeiro de 1977. Foram vereadores desta legislatura: Agenor Dematé, Henrique Heuser, José Poffo, Alvin Scussel, Arnaldo Schwarz, Kinda Plötz, Teodoro Biff.

Apesar das enormes dificuldades financeiras pelas quais passava o município, foi possível realizar inúmeras obras graças a convênios estabelecidos com órgãos públicos estaduais e federais. Entre outras obras, foi construído o poço artesiano com capacidade de 50 mil litros por hora financiado pela CASAN, a escola Augusto Geisel, no Alto Caminho da Paz, a estrada Caminho do Pinhal até à divisa com o município de Taió, obra esta que favoreceu principalmente os moradores de Rio Caçador.

O grande problema das prefeituras do interior são as estradas, sobretudo na região onde se localiza o município de Dona Emma cujo vale é circundado por íngremes peraus. Por isso a administração municipal adquiriu maquinário apropriado como carregadeira, caminhão, compressor para rocha, etc.

Desde o início da colonização a atividade econômica básica era a criação de gado e produção de leite. Neste sentido, Walter Zimmermann deu especial atenção aos colonos introduzindo a inseminação artificial sob a orientação de Heinz Fiedler, que du-

---

<sup>8</sup> Depoimento de Waldemar Zimmermann. Entrevista realizada em 17.10.1996.

rante dois anos estudara veterinária em Lages. Em atendimento às necessidades dos colonos, adquiriu também uma bomba motorizada para pulverizar árvores frutíferas, pois o clima do vale de Dona Emma se presta ao cultivo de árvores frutíferas como laranja, pêssego e uva.

Além destas realizações destacam-se neste período a criação da biblioteca municipal “Rui Barbosa”, construção da escola “Karl Schlag” em São Donato, criação do posto BESC com funcionamento na prefeitura

No final da gestão de Walter Zimmermann foram também liberados pelo governo do Estado, na pessoa do governador Konder Reis, os recursos para o atual prédio da prefeitura sendo a obra, no entanto, executada pelo prefeito sucessor.

A gestão seguinte foi de Erich Kuhel (Arena) que teve seu mandato prorrogado para seis anos (31.01.1977 - 01.02.1983) Seu vice foi Waldemar Jumes. Foram vereadores: Orlando da Silva, João Matiola, Antônio Darolt, Acesso Matiola, Egon Wilhelm, Elimar Eltermann, Irineu Lansnaster.

Durante seu mandato foi construída a atual prefeitura com recursos do Estado garantidos no final da gestão anterior.<sup>9</sup> Na década de 1970 houve uma grande expansão do sistema de telefonia em todo o Estado de Santa Catarina com a adoção do sistema de microondas o que propiciou levar este meio de comunicação aos lugares mais afastados. O sistema de telefonia por microondas (DDD) entrou em funcionamento a 20 de dezembro de 1978, facilitando a comunicação e incrementando o comércio e a indústria. O evento foi de significativa importância para a comunidade enquanto meio de comunicação da população com outras localidades. “A instalação do Posto Telefônico de Dona Emma, P.S. como é denominado pela Telesc, vem influenciar de modo decisivo no comércio e a na indústria do município”.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Na frente da Prefeitura existe uma praça que, a justo título, deveria chamar-se **Praça dos Imigrantes**. O monumento erguido neste logradouro público constitui uma afronta para os verdadeiros pioneiros e fundadores de Dona Emma.

<sup>10</sup> Dona Emma. *Suplemento do Jornal Vale do Norte*. Ibirama, 1978. p. 18

Seu sucessor foi Waldemar Jumes que governou o município de 1º de fevereiro de 1983 a 1º de janeiro de 1989. Foram vereadores: Mário Keske, Amândio Antônio Cândido, Isauro Iliseu Schmitt, Itálico Matiola, Haroldo Dorow, Joventino Rizzieri, Joaquim Pandini.

Uma das obras mais significativas realizadas durante a gestão de Waldemar Jumes foi a construção do complexo esportivo “Alfred Dahm”, que se compõe de ginásio coberto, pista de atletismo, pavilhão com canchas de bocha.

O prefeito sucessor de Waldemar Jumes foi Elimar Eltermann, que teve Aloísio Gesser como vice e como vereadores: Antônio Matos Ferreira, Hans Hermann Sporrer, Jair Schreiber, Orlando Cristóvão da Silva, Osvani José Vigarini, Paulo Amarante, Pedrinho Formentin Matiola, Roland Pfiffer, Valmir Nereu da Silva.

Uma das maiores preocupações da administração foi com a manutenção, ampliação e melhoria da malha viária municipal, com extensão de 200 km. Para esta finalidade a prefeitura adquiriu mais dois caminhões basculantes. Na gestão de Elimar Eltermann foi dada grande ênfase ao esporte. Além da construção da quadra polivalente na localidade de Rio Caçador, foram concluídos o ginásio coberto “Waldemar Jumes” com capacidade para 1.500 pessoas sentadas e o estádio municipal “Alfred Dahm”. “Incentivamos sobremaneira o desenvolvimento do esporte amador, dando total apoio à Comissão Municipal de Esportes, nas competições oficiais”.<sup>11</sup> Grande ênfase recebeu também a educação com a construção de novas salas de aula, bibliotecas, Jardins de Infância (Mônica, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Criança Feliz, Pingo de Gente). Foi desenvolvido o transporte escolar e aquisição de duas kombis e um ônibus. Outras obras: calçamento da rua Alberto Koglin e Dona Anna, no centro da cidade, ampliação da eletrificação e iluminação públi-

---

<sup>11</sup> A Notícia. 17 maio 1991. p. 21.

ca urbana. Na área da saúde, foi adquirida uma ambulância e contratado um médico clínico geral.

Em 1992 houve eleições municipais e foram eleitos:

Prefeito: Aloísio Gesser

Vice: Elimar Eltermann

Vereadores: Ademir Manarin, Airto Ferrari, Jair Rizzieri, Marlene Nadalete Schmitt Astoni, Nilton Brunner, Noraci Toretti, Osvani José Vigarini, Paulo Amarante, Ralf Wilhelm.

Uma das prioridades de Aloísio Gesser enquanto prefeito municipal foi solucionar o problema do êxodo da população, principalmente os jovens, para centros maiores à procura de oportunidades de trabalho, fator que prejudica sobremaneira a economia do Município.

Para amenizar esta situação, além do apoio dado à agricultura, a administração municipal estimulou e incentivou a implantação de novas indústrias, bem como a expansão das atividades daquelas já existentes, através da concessão de estímulos econômicos e incentivos fiscais.

Com os problemas advindos das últimas safras de fumo, esta administração tem desenvolvido ações junto aos agricultores mediante a implantação do Programa de Estímulos Econômicos para a Horticultura e Fruticultura, através da distribuição de sementes e mudas selecionadas. Ainda neste sentido de alternativas, a Municipalidade tem estimulado os produtores de leite, a implantação de silos e a melhoria da qualidade do plantel de gado leiteiro através da inseminação artificial.

No plano de amparo ao agricultor, a administração procurou manter em funcionamento a Patrulha Mecanizada Agrícola, composta de tratores e outras máquinas e implementos agrícolas, possibilitado ao agricultor maior rendimento de suas terras.

Na área da educação, o atual governo municipal tem se preocupado com a educação básica envidando todos os esforços para que nenhuma criança fique fora da escola. Para alcançar esta meta,

além de recursos para treinamento de professores, foi aperfeiçoado o sistema de transporte escolar, reforma, ampliação e construção de salas de aula e distribuição de material escolar.

O município de Dona Emma ainda não conta com hospital. Mas, a população tem seu atendimento garantido nos postos de saúde e transporte de pacientes para hospitais em centros maiores. A atual administração deu início à construção da Unidade Hospitalar do Município. No entanto, por falta de recursos a obra não pôde ser concluída.

Em continuidade às gestões anteriores, a administração tem apoiado e promovido atividades na área da cultura com a criação de grupos de dança folclórica alemã, coral de adultos, de jovens e infanto-juvenil. Incentiva também a prática do esporte amador promovendo competições esportivas e mantendo áreas de esporte e lazer.

É sempre difícil fazer uma pesquisa sobre a vida política dum município pequeno onde todas as pessoas são conhecidas por todos e por isso procuram não se manifestar para não criar atritos com aqueles que no dia-a-dia são amigos mas que em época de campanha eleitoral são adversários. Nas entrevistas realizadas, as respostas eram evasivas e resumidas: “um foguinho antes e durante as eleições, quando a agitação é maior”, ou comparam a política ao jogo de futebol onde cada time vai para seu lugar de origem depois de encerrada a partida.

Com a extinção da UDN e PSD em 1964, sua sequência foram respectivamente a Arena e o MDB. Na história política do município todos os prefeitos se elegeram pela sigla da Arena. Os correligionários do MDB sempre foram oposição. Na sequência das siglas partidárias sucedeu à Arena o PDS enquanto o MDB passou para PMDB. Com o término do período da ditadura em 1984, um grupo ligado ao PDS fundou o PFL. Isso na teoria significava mudanças, mas na prática continuou mantendo os laços políticos com o PDS. Cada vez mais fortalecido, o PFL manteve a administração do município de Dona Emma por vários anos.

Percebe-se na história de Dona Emma que o mesmo grupo político que assumiu o governo municipal em 1962 com a UDN, passando depois para a Arena, PDS e PFL se manteve no poder até as últimas eleições de 3 de outubro de 1996. Neste pleito as lideranças do PMDB em coligação com vários outros partidos como PPB, PTB, PDT derrotaram os que detinham a hegemonia no poder durante 34 anos.

As pesquisas e entrevistas indicam que nenhum prefeito se destacou sobre os demais uma vez que o crescimento e desenvolvimento acontece gradativamente mediante ajuda estadual dentro de um planejamento global. No entanto percebeu-se que o prefeito Sido Schroeder conquistou grande simpatia popular porque “tratava todas as pessoas de igual para igual”.

Verifica-se também, ainda que timidamente, a participação feminina na vida política do município. Pela terceira vez uma mulher ocupa o cargo de vereadora na câmara municipal. “Estamos vivendo em um país democrático onde as mulheres são eleitas com o voto do povo e tem tanta capacidade para solucionar as reivindicações do eleitorado quanto os homens”, diz um entrevistado.

## Tradições e costumes

É da natureza humana viver em sociedade, relacionar-se e conviver com outras pessoas. A convivência enriquece humana e culturalmente as pessoas, pois é no relacionamento com os outros que acontecem trocas de idéias e de experiências. No cotidiano, na convivência do dia-a-dia com outras pessoas e com a natureza onde as pessoas vivem, surgem costumes e criam-se tradições que, com o passar do tempo, se tornam permanentes e caracterizam o grupo social distinguindo-o dos demais grupos.

Quando alguém se retira do seu grupo social habitual e vai morar em outro lugar, leva consigo as experiências de vida vivenciadas em sua terra de origem. Leva consigo o idioma com seus dialetos, sotaques e gírias, suas crenças, seus hábitos alimentares, a maneira de se vestir e seu modo de ser, de pensar e agir. A pessoa leva consigo as marcas e as lembranças do convívio com parentes e amigos.

No entanto, o ato de migrar não é um simples transplante de pessoas de um lugar para outro. Toda migração acarreta um "desenraizamento", uma ruptura. Há ganhos mas também perdas culturais. O migrante deixa para trás um mundo que lhe era familiar e se insere em outro ambiente com outro clima, outra paisagem, outra natureza e, sobretudo, outras pessoas com as quais passa a se comunicar. Nessa interação surgem novos costumes e, no decorrer do tempo, estabelecem-se novas tradições.

A região que constitui o município de Dona Emma recebeu imigrantes das mais diversas procedências: alemães vindos di-

retamente de diferentes regiões da Alemanha; teuto-russos, isto é, alemães que haviam morado muito tempo na Rússia; “italianos”<sup>1</sup> cujos antepassados haviam emigrado do norte da Itália para Santa Catarina; poloneses e seus descendentes diretos e, por fim, descendentes dos imigrantes alemães das antigas colônias do Vale do Itajaí e de outras regiões de Santa Catarina.

Em poucos anos centenas de famílias, desconhecidas umas das outras e falando idiomas ou dialetos diferentes, passaram a conviver lado a lado como vizinhos, freqüentando a mesma igreja, a mesma sociedade, o mesmo comércio, as mesmas festas. Houve grupos que por motivos religiosos se mantiveram parcialmente isolados como os Menonitas e os membros da Igreja de Deus. Outros se mantiveram num certo isolamento pela dificuldade de comunicação. Os “alemães”<sup>2</sup> do vale e os “italianos” da serra não se entendiam por causa do idioma.

Rapazes italianos freqüentavam bailes dos alemães, mas não arrumavam namorada porque eles não sabiam falar alemão e as moças não entendiam italiano. Por isso dificilmente saía casamento entre italiano da serra e alemã do vale.<sup>3</sup>

## 1 As refeições e hábitos alimentares

Dada a procedência dos colonos de diferentes regiões da Europa e das antigas colônias de imigrantes europeus em Santa Catarina, a região do município de Dona Emma não apresentava uniformidade nos hábitos alimentares. Embora houvesse muitos aspectos em comum, principalmente no que diz respeito à alimentação básica como feijão, arroz e fubá, cada família mante-

---

<sup>1</sup> Usaremos o termo “italiano” para designar os ítalo-brasileiros descendentes dos imigrantes italianos porque assim eles se autodenominavam e porque falavam o idioma italiano e preservavam os costumes dos imigrantes ancestrais.

<sup>2</sup> Usaremos o termo “alemães” para designar os teuto-brasileiros descendentes de imigrantes alemães que ainda falam o idioma alemão preservam os costumes e tradições dos imigrantes ancestrais.

<sup>3</sup> RIZZIERI, Joventino. 63 anos. Entrevista oral concedida no dia 7 de outubro de 1996.

ve suas especificidades próprias quanto à maneira de preparar os alimentos. Com o passar dos anos, em virtude da convivência com vizinhos, visitas aos amigos e festas da comunidade, estabeleceu-se certa uniformidade no consumo de alimentos.

Para os imigrantes que da Europa vieram diretamente para Dona Emma houve uma mudança mais brusca quanto ao tipo de comida. A começar pelo pão, que na Europa era de farinha de trigo e aqui foi substituído pela farinha de milho, o fubá. Grande número dos imigrantes desconhecia o consumo de feijão e da farinha de mandioca, que aqui passou a ser o prato diário da refeição principal, o almoço. Ultimamente a vida moderna com seus supermercados, onde predominam os enlatados, leva ao abandono os costumes tradicionais referentes à comida.

Algumas comidas constituem prato típico entre a população germânica em Dona Emma. Assim, o *Pfefferkuchen* (bolacha com semente de anis (funcho), o *Salzgurken* (pepino em conserva) e a fruta seca (frutas cortadas em lasca e secadas ao sol sobre um pano).

Desde os primeiros anos da colonização os alemães se dedicaram à criação de gado leiteiro tanto para comercialização como para o consumo próprio. Por isso, na mesa das famílias de origem germânica figuravam principalmente os derivados do leite como o queijinho<sup>4</sup>, a nata e a manteiga que são consumidos com o pão de milho. Como bebida, era preferida a cerveja servida com abundância principalmente por ocasião da Festa dos Atiradores e festas de igreja.

Com a vinda e o estabelecimento de outros grupos étnico-culturais na região, novos hábitos alimentares foram também introduzidos e adotados. Assim, os italianos trouxeram o hábito

---

<sup>4</sup> O queijinho é feito da coalhada de leite que é derramada num saco de pano fino e permanece pendurado durante a noite para escorrer o soro. No dia seguinte é usado para o café da manhã e também para as outras refeições em que se consome pão. Misturam-se nata e se amassa o queijinho com um garfo. Preparado desta forma, é passado no pão sobre o qual se adiciona ainda algum doce como mousse, mel ou melado.

do consumo da polenta, do vinho e da *minestra*. Ao contrário dos imigrantes alemães, os italianos não consumiam muito pão. Seu alimento básico era a polenta. A refeição matutina consistia de polenta com queijo, ovos e lingüiça tomados com leite ou café. Ao meio dia consumia-se polenta com ovos. À noite o prato principal costumava ser a *minestra* que consistia numa mistura de feijão com arroz. Entre a população de origem italiana que se concentra no alto da serra que circunda o vale de Dona Emma desde São Donato passando por Caminho Pinhal, Rio Caçador, Caminho do Morro até Alto Caminho da Paz, ainda persiste o tradicional consumo de polenta e *minestra*.

O quadro abaixo mostra os componentes básicos da alimentação da população de Dona Emma desde os primeiros tempos e, em âmbito de muitas famílias, até os dias de hoje.

Quadro IV: As refeições diárias do colono

Horário	Denominação	Alimento consumido
1ª Refeição 6 horas	Café da Manhã	Pão de milho com queijinho branco e mousse de laranja ou melado, bolachas (Pfefferkuchen)
2ª Refeição 8 às 9 horas	<i>Frühstück</i> (lanche) – refeição tomada na roça	Os alimentos do café da manhã acrescidos de carne defumada ou lingüiça
3ª Refeição 12 às 13 horas	Almoço propriamente dito	Feijão, aipim, toucinho, carne defumada, charque, chucrute e <i>Salzgurken</i> (pepino com sal e folha de uva)
4ª Refeição 16 horas	Café da tarde	Mais ou menos os mesmos alimentos do café da manhã.
5ª Refeição 19 às 20 horas	Janta	Sopa de leite, sopa com pão, aipim frito com toucinho, ovos.

Entre os descendentes de italianos havia uma comida típica servida no café da tarde em dias de festas de casamento. Era o bolinho de trigo ou, na falta deste, de fubá cozido na banha e depois molhado no vinho. Nos primeiros tempos o consumo de bebida entre os italianos era reduzido, pois não estavam habituados ao consumo da cerveja e o vinho não era produzido em suficiente quantidade. Como alternativa para bebida alcoólica consumia-se a cachaça.

## 2 *Polterabend* ou Véspera de Núpcias

A *Polterabend* consistia numa alegre e descontraída confraternização na véspera da festa de casamento. Na sexta-feira acontecem os preparativos da festa de casamento: cozimento de bolos, tortas, abate de frangos, etc. À noite, terminados os preparativos, num clima de muita alegria e animação todos participam de uma janta que tem como prato principal a *Schwarzsauer*, sopa à base de miúdos de galinha temperados com vinagre. A sopa apresenta cor escura porque o ingrediente principal é o sangue dos frangos abatidos. Daí o nome: sopa “preta-azeda”. Os convidados trazem presentes, geralmente uma caixa com louça (velha) e, no momento da entrega do presente, deixam-no cair de sorte que as peças se fazem em pedaços. Num clima de muita alegria e animação os noivos devem recolher os cacos para com isto significar a união dos bens de ambos, que deve acontecer a partir do casamento, e também como sinal de bênção. Diz o ditado popular: *Scherben bringen Glück*, isto é, “cacos trazem sorte”.

A festa é barulhenta, com muita música, dança e foguetes e se prolonga noite adentro até a madrugada.

## 3 Festa de “Ação de Graças da Colheita

A comunidade batista de Nova Esperança (*Neu Hoffnung*) realiza no começo do inverno a *Ernte Dankfest*, a Festa de ação de

Graças da Colheita. Cada família de colono traz um donativo de algum produto agrícola alguns dias antes da festa. Tudo é posto em comum e preparado para ser consumido no almoço de confraternização. Os ingredientes que faltam são comprados. O programa do dia da festa consiste no seguinte:

10:00 horas, culto de ação de graças

12:00 horas, almoço de confraternização

13:30 horas, culto de ação de graças

15:00 horas, café especialmente para aquelas pessoas que moram mais distantes “para que não desfaleçam pelo caminho de volta para casa”.<sup>5</sup> No café da tarde são servidos doces, cucas e bolachas (*Pfefferkuchen*).

As refeições eram servidas gratuitamente. No entanto, de uns tempos para cá, para evitar abusos por parte de pessoas alheias à comunidade, cobra-se um pequeno valor para o almoço e café. No entanto, muitas recebem refeição gratuita.

#### 4 Festas de Igreja

As igrejas evangélica e católica realizam também sua festa. A festa dos evangélicos acontece no segundo domingo de março e a dos católicos no último domingo de outubro, pois é neste domingo que se celebrava, antes da reforma litúrgica, a Festa de Cristo Rei, padroeiro da Paróquia Católica.

A festa de igreja transcorre em dois momentos: a parte religiosa, que consiste na celebração do culto (igreja evangélica) ou da missa solene (igreja católica). Na festa da igreja católica os festeiros são solenemente introduzidos no templo ao som de uma banda musical e estampidos de foguetes. Após o culto ou missa, tem início a segunda parte, isto é, os festejos externos que, além do almoço, oferecem também aos convivas jogos e entretenimentos.

---

<sup>5</sup> Cf. Evangelho de S. Marcos, 8,3

A festa de igreja envolve toda a comunidade. Nos dias que precedem ao evento, pessoas encarregadas recolhem prendas (galinhas, dinheiro, ingredientes para bolos como trigo, açúcar, nata, etc.). A coleta das prendas termina na 4ª feira que precede à festa quando então se avalia o que falta para ser comprado no comércio.

Além da festa do padroeiro, a comunidade católica realiza também uma festa em honra a Nossa Senhora de Fátima, venerada na pitoresca gruta natural localizada uns dois quilômetros do centro da cidade. É a festa popular maior e mais importante que se celebra anualmente em Dona Emma e acontece no segundo domingo de maio.

Reveste-se de grande solenidade a Festa de Primeira Comunhão, para os católicos e a Festa de Confirmação para os evangélicos. Embora sendo de outra índole, esta festa chega a superar a do casamento.

## 5 Festa do Colono

A cada ano, no último domingo do mês de julho realiza-se a “Festa do Colono”. É uma festa tradicional, porém não exclusiva de Dona Emma. Em outras regiões de imigração alemã também se realiza esta festa, pois quer lembrar a chegada do primeiro contingente de imigrantes alemães ao Rio Grande do sul, ocorrido a 25 de julho de 1825.

A Festa do Colono se reveste de um caráter de ação de graças. Em primeiro lugar, o agradecimento pelo pedaço de chão onde o colono começou vida nova. Em segundo lugar, pela prodigalidade da terra que lhe fornece o sustento. Apesar das modernas técnicas que o ajudam a superar as adversidades da natureza, o colono reconhece que a colheita é uma dádiva de Deus. Por isso, durante o culto ou a missa os fiéis oferecem simbolicamente no altar produtos da roça em sinal de gratidão pela colheita.

Em Dona Emma a Festa do Colono é celebrada, alternadamente, um ano na comunidade evangélica e outro ano na comunidade católica.

## 6 O *Kinderkaffee*, o Café de Nenê

O nascimento de uma criança era sempre acontecimento importante e revela antigas tradições dos imigrantes e antigos moradores de Dona Emma. As famílias eram geralmente de prole numerosa<sup>6</sup> e os filhos eram vistos como uma bênção divina. O nascimento de uma criança era anunciado aos vizinhos e parentes convidando-os para o *Kinderkaffee*. A parturiente ficava de quarentena e na primeira semana permanecia acamada devendo alimentar-se de preferência com sopa de galinha. Neste período não aparecia em público. Nos primeiros domingos após o parto as mães vizinhas visitavam a nova mãe desejando-lhe *Viel Glück und Segen*, muitas felicidades e bênção divina. Levavam também uma oferenda, na maioria dos casos uma galinha, uma dúzia de ovos, farinha de trigo ou outro artigo semelhante para a cozinha do lar feliz. Em Dona Emma era costume somente as mães comparecerem ao *Kinderkaffee*. Não compareciam os homens e evitava-se levar crianças.

Com as mudanças econômicas e sociais ocorridas nos últimos anos, este acontecimento, outrora celebrado em âmbito doméstico com verdadeiro ritual sagrado, perdeu seu significado. Em parte, isto se explica pela facilidade de acesso a recursos médico-hospitalares que garantem um parto sem maiores complicações e também maior segurança para a saúde do recém-nascido.

## 7 A casa do colono

A moradia dos colonos em Dona Emma variou muito de família para família, de época para época. O modelo de habita-

---

<sup>6</sup> LENARD, Alexander. *Die Kuh auf dem Bast*. Stuttgart : Deutsche Buch-Gemeinschaft, 1965, p. 31. \_\_\_\_\_. *Das Tal von Dona Emma. Zeitschrift für Kulturaustausch. Institut für Auslandsbeziehungen*, Stuttgart, n. 2, 1963, p. 95.

ção diferencia-se também segundo a origem étnica. Vários pesquisadores já fizeram estudos sobre as habitações dos colonos.

Carlos H. Oberacker Jr., citando Roy Nash, diz que

Esses camponeses industriais do norte da Europa trabalham com os mesmos materiais que entram na construção da choupana brasileira - madeira e barro - mas o que lhes sai das mãos nem de leve se pode comparar à casinha de sapé..., a madeira é trabalhada em desenhos geométricos interessantes..., o barro fora moldado e queimado, nada mais.

E continua o autor:

Trata-se da casa alemã de alvenaria e enxaimel, adaptada às condições climáticas locais, e que por este motivo geralmente está assente sobre uma espécie de grade; e provida de avarandado. Nos seus pormenores mostra a residência rural, entretanto, que o colono teuto ambientou no Brasil grandes diferenciações. Apresenta-se, às vezes, como construção de enxaimel e alvenaria sem reboco, outras de alvenaria caiada e com enxaimel. Poderá ser coberta de tabuinhas, telhas ou chapas de zinco<sup>7</sup>.

Esta descrição é genérica e se refere a todas as colônias alemãs em Santa Catarina. No entanto vale ressaltar que em Dona Emma existiram e ainda existem estes modelos de construções.

Nos primeiros anos, quando os recursos eram ainda poucos, as casas eram simples ranchos fechados com paus rachados ou roliços e cobertos de palha de palmeira ou tabuinhas. Dona Emma conheceu um extraordinário progresso nos primeiros anos de colonização. As florestas deram lugar a lavouras e pastagens e os ranchos provisórios foram substituídos por casas de madeira ou de material.

O forasteiro que visita Dona Emma observa facilmente a diferença que existe entre o modelo habitacional dos descendentes de origem italiana no alto da serra e a população de origem germânica no vale.

Os alemães, estabelecidos há mais tempo no Vale do Rio Dona Emma, têm, na maioria, casa de material com cercado em

---

<sup>7</sup> OBERACKER Jr., Carlos H. *A contribuição teuta à formação da Nação Brasileira*. Rio de Janeiro: Presença, 1985.

volta e, no cercado, árvores frutíferas, pequena horta e jardim com flores. Em continuidade com os antigos imigrantes alemães ou seus descendentes, dedicam-se à criação de gado leiteiro, e a residência situa-se na pastagem, numa das extremidades do lote próximo da estrada. Nos fundos, próximo da residência, encontra-se a estrebaria, de madeira.

Observam-se diferenças de estilo arquitetônico entre as residências construídas pelos imigrantes alemães e aquelas dos teuto-russos. Apesar do grande número de imigrantes alemães radicados no Vale de Dona Emma, não se difundiu aí o estilo *enxaimel*. O imigrante preferiu adaptar-se à realidade da natureza local sem importar o modelo exótico.



Residência do imigrante alemão Heinrich Ax. 1924

As antigas residências contavam sempre com um sótão que servia de dormitório para os rapazes, pois de modo geral as famílias eram numerosas. Lenard afirma inúmeras vezes que as famílias em Dona Emma costumavam ter uma dúzia de filhos.



Residência do imigrante teuto-russo Wilhelm Meglin. 1927

Na serra a maioria das famílias é de origem italiana e se dedica à lavoura do fumo. É uma colonização mais recente que remonta aos anos de 1938-1940. O estilo habitacional é também muito diferente. Predomina a casa de madeira e, próximo a esta, a estufa de fumo e, nas imediações um rancho para o gado.

## 8 A língua

A língua alemã foi o idioma corrente em Dona Emma até a Segunda Guerra Mundial quando foi proibido falar língua estrangeira sob pena de prisão. Nas áreas de colonização italiana predominava o idioma italiano, o mesmo acontecendo com os imigrantes de origem polonesa. O movimento de nacionalização e a proibição de falar língua estrangeira levou a população a aprender o português de qualquer jeito. As escolas alemãs foram fechadas e as públicas que as substituíram eram de baixa qualidade. Além do mais, mesmo sendo proibido, o alemão era falado e cultivado em âmbito familiar.

A necessidade de se comunicar em sociedade levou as pessoas a envidar um esforço muito grande para aprender a se expressar em língua nacional. Daí surgiu aos poucos um idioma que Alexander Lenard denomina “língua teuto-catarinense”. A população germanizou centenas de palavras portuguesas. Os próprios imigrantes, no confronto com uma nova realidade para a qual não conheciam palavras na língua materna, germanizavam termos do português. Os imigrantes criaram um idioma, ou pelo menos uma terminologia, condizente com o *habitat* em que viviam. Assim foram germanizados nomes de pássaros, animais, plantas, acidentes geográficos, atividades econômicas, divertimentos, etc.<sup>8</sup>

Apesar da proibição, a língua alemã foi preservada e ainda hoje é praticada em âmbito doméstico por muitas famílias. Muitas pessoas, principalmente idosas, têm reais dificuldades de se expressarem em português.

A partir da década de 1970, quando se processou um acelerado êxodo rural e rápida urbanização, com a difusão generalizada do rádio e, em seguida, da televisão, a difusão e melhoria da rede escolar, sobretudo com a implantação dos cursos de primeiro e segundo graus, verificou-se um rápido abandono do uso do alemão e italiana por parte da população jovem.

---

<sup>8</sup> LENARD, Alexander. *Die Kuh auf dem Bast*. Stuttgart : Deutsche Buch-Gemeinschaft, 1965, p. 31. \_\_\_\_\_. *Das Tal von Dona Emma*. *Zeitschrift für Kulturaustausch*. Institut für Auslandsbeziehungen, Stuttgart, n. 2, 1963, p. 95. Note-se que o autor ironiza ao usar no título do livro o termo *Bast*, que é a forma germanizada de Pasto. O termo correto em alemão seria *Weide*.

## XI

### Lazer e vida social

Nos primeiros anos de colônia as opções de lazer eram poucas. A mata cobria a maior parte das terras e as famílias moravam isoladas em seus lotes ocupadas com as lides do dia-a-dia. No entanto, sentiam necessidade de se encontrar, sair da rotina, divertir-se. A solidão e o isolamento eram quebrados pelos encontros familiares, visitas aos parentes e amigos e promoção de festas. Conta Albert Ax:

Nosso trabalho prosseguia tranqüilamente, mas também dávamos livre curso ao nosso humor. Assim, por exemplo, festejamos agradavelmente a passagem de ano de 1921 nas dependências do colono Albert Koglin. Um garrafão de cachaça levantou o ânimo; os discos do gramofone de D. davam o ritmo para alegres danças. Na despedida formou-se um círculo e todos de mãos dadas se movimentavam, cantavam e riam de modo que os músculos do riso quase se rompiam. Festas como esta se realizaram muitas outras.<sup>1</sup>

Os encontros aconteciam principalmente aos domingos. Na parte da manhã, quem podia freqüentava o culto. Nem todos compareciam quer por motivo de distância, saúde ou dificuldade de transporte.

A Igreja era sempre um forte atrativo para encontro não só por motivo religioso, mas também social e econômico. Após o culto os fiéis se mantinham ainda por algum tempo nas proximidades da igreja para conversar ou para acertar seus negócios.

Outros se dirigiam à venda mais próxima para tomar uns goles de cachaça e falar sobre política.

<sup>1</sup> AX, Albert. Die Entwicklung der Kolonie Dona Emma in 12 Jahren. *Blumenauer Volkskalender*. Blumenau : Nietzsche & Hoemke, 1933. p. 77.



Confraternização de pessoas após o culto

Na parte da tarde, muitos homens, principalmente os mais jovens, tomavam a espingarda e se embrenhavam mata adentro para caçar. A caça era um esporte muito apreciado principalmente pelos descendentes de italianos.

### **Schützenverein "Dona Emma"**

Os imigrantes traziam consigo na sua bagagem não somente objetos materiais. Traziam também, incorporado à sua vida, a maneira de se divertir e realizar os encontros sociais. Aquilo que era fundamental para eles lá, recriaram aqui. Uma das instituições recreativas mais populares e mais difundidas na Alemanha era o *Schützenverein*, e foi esta também uma das primeiras entidades que fundaram aqui ao chegar no Brasil.

Quando os primeiros imigrantes chegaram à Colônia Blumenau, uma das festas mais populares da velha pátria era o *Schützenfest*, a festa dos atiradores, que celebrava as velhas tradições do tiro ao alvo, realizadas nos *Schützenvereine*. É compreensível que esta tradição tenha se desenvolvido nas áreas de colonização alemã no Brasil meridional. A tendência do povo alemão é viver em comunidade e formar associações. Foi através do associativismo que a população resolveu muitos problemas de ordem educacional, espiritual, econômica, recreativa e defensiva no meio agreste.<sup>2</sup>

A Sociedade de Atiradores tem origem muito remota na Alemanha. Lá, tinha finalidade de autodefesa contra assaltantes ou contra os abusos dos reis e senhores poderosos. Seus associados adestravam-se no manejo das armas que de início eram seteiras e mais tarde substituídas por armas de fogo. Em tempo de paz, por ocasião da primavera, os participantes destas corporações organizavam competições de tiro. Aos prazeres deste esporte intercalavam-se a sociabilidade e a inclinação para organizar grandes festas nas quais toda a população participava. Na época da imigração para o Brasil, na segunda metade do século XIX, as sociedades de atiradores já tinham perdido sua finalidade militar, ficando apenas os folguedos do *Schützenfest*. Sua importância maior consistia na arte e na destreza do tiro ao alvo. O atirador mais hábil era aclamado o “rei” dos atiradores.

Com a vinda dos imigrantes alemães para o Vale do Itajaí, a tradição da festa do tiro os acompanhou, por ser a festa mais popular da Alemanha e a que melhor se adaptou ao novo meio ambiente.<sup>3</sup>

Assim sendo, os pioneiros e principais líderes cedo se congregaram e fundaram o *Schützenverein “Dona Emma”*, Sociedade de Caça e Tiro “Dona Emma” com sede na Vila Konder. Nos estatutos da Sociedade consta que a mesma foi fundada em 1º de julho de 1923. Os estatutos foram assinados por Albert Koglin,

<sup>2</sup> PETRY, Sueli Maria Vanzuitta. *Os Clubes de Caça e Tiro na Região de Blumenau - 1859-1981*, p. 32

<sup>3</sup> PETRY, Sueli Maria Vanzuitta. *Os Clubes de Caça e Tiro na Região de Blumenau - 1859-1981*, p. 23-24

Alfred Kösteke, Karl Hajek, Karl Mohlzahn, Arthur Majunke, Fritz Wichmann e Otto Koglin. Além destes, subscreveram o documento os sócios: Andreas Schwarz, Hans Thomsen, Adolf Schnarbach, Andreas Leitis, Eugen Schaffner, Karl Kulmann.



Primeira sede da Schützenverein "Dona Emma"

Os estatutos determinavam que podia ser inscrito como sócio qualquer homem de boa reputação que tivesse pelo menos 18 anos de idade e que falasse o idioma alemão. Além disso, em caso de dissolução, os bens seriam entregues à escola central "Dona Emma".

Fundada a Sociedade, o número de sócios aumentou consideravelmente. Quando os estatutos foram registrados no Cartório Otto Abry de Blumenau a 9 de abril de 1926, o documento foi subscrito pelos membros da diretoria e grande número de sócios. Anexo aos estatutos devidamente registrados, segue a lista dos sócios: Fritz Zimmermann, Karl Molzahn, Alfred Kösteke, Andreas Schwarz, Hans Thomsen, Adolf Schnarbach, Andreas

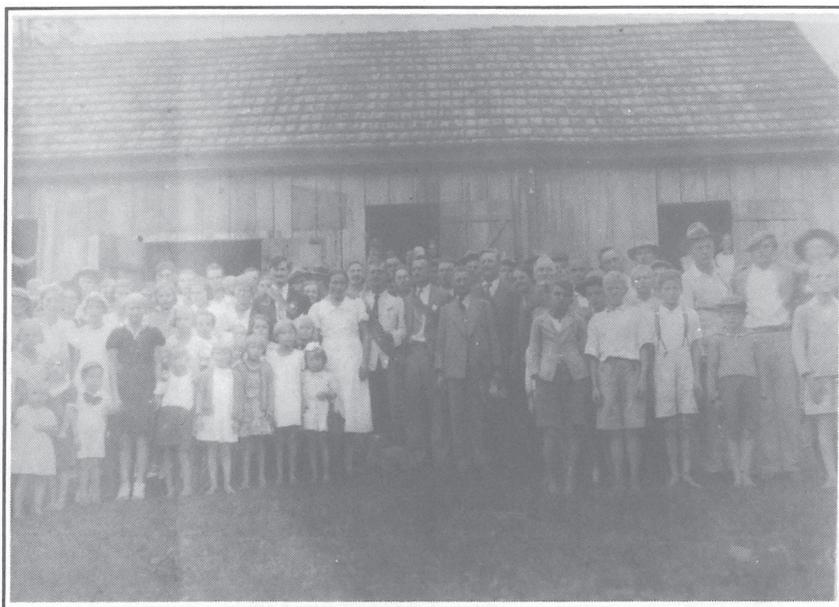
Leitis, Franz Westerkamp, Eugen Schaffner, Karl Hajek, Albert Koglin, Fritz Wichmann, Alfons Ax, Otto Koglin, Albert Ax, Kurt Becker, Oscar Stein, Karl Raffel, Karl Küter, Hermann Bahr, Heinrich Bertelmann, Emil Blum, Alfred Dahm, Albert Rühl, Paul Koglin. Nos anos subsequentes à fundação constam também nas atas da sociedade, como sócios, os nomes de Heinrich Wegner, Rudolf Leber, Richard Lindner, Arnold Goll, Emil Plötz, Jakob Krenkel, Ewald Kinas, Erich Koglin, Hermann Bressen, Gustavo Klug, Heinz Kuhlemann, Friedrich Kuhlemann, Heinrich Teubner, Victor Bahr, Victor Sutter, Ernst Biel, Ernst Eskelsen, Herbert Hajek, Heinrich Kerkhoff, Emil Fey, Emil Denzer, Sabino Ventura (!) e mais alguns, cujos nomes não foi possível identificar. A lista apresenta a assinatura de nomes masculinos e a prática do tiro era reservada aos sócios do sexo masculino. No entanto, o clube era freqüentado por mulheres, jovens e crianças, principalmente nos dias de confraternização e realização da *Schützenfest*.



Festa dos atiradores. Cerca de 1936

Assim como as *Schützenvereine* na pátria distante, a Sociedade de Atiradores “Dona Emma” tinha a finalidade de divertir, unir e manter as tradições através de manifestações recreativas e culturais. A principal promoção da Sociedade era a *Schützenfest*, a Festa do Tiro, realizada uma vez por ano, geralmente no mês de novembro. A festa era programada com esmero por uma comissão especialmente nomeada para esta finalidade, alguns meses antes, numa reunião da Sociedade.

A Sociedade de Atiradores “Dona Emma” tinha sede própria. No começo foi construído um galpão pequeno, de madeira, pois os sócios ainda não eram muitos e os recursos, poucos. Mais tarde, em 1931, o primitivo galpão foi demolido e, no mesmo lugar, construído um amplo salão de madeira com 13 metros de comprimento por 7,50 metros de largura e coberto com telhas de barro. Localizava-se nas proximidades da casa do sr. Jumes.



*Schützenverein* “Dona Emma”, em 1938

Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial em 1939 as organizações artísticas, culturais e esportivas de origem germânica tiveram suas atividades proibidas em todo o território nacional. A Sociedade de Atiradores “Dona Emma” também foi vítima da repressão e teve suas atividades proibidas e o clube suas portas fechadas. Pode-se observar na foto da página anterior, do ano de 1938, que o letreiro acima da porta já havia sido retirado por causa da nacionalização.

Em 1944, passados já seis anos desde a proibição de funcionamento, os membros da extinta sociedade abdicam da tradição germânica que a *Schützenverein* representava para eles e fundam uma nova entidade recreativa com o nome de **Sociedade Esportiva Avaí** adotando como esporte principal o futebol. Os sócios da extinta *Schützenverein* “considerando a impossibilidade de funcionamento da Sociedade, devido a várias circunstâncias, a fim de evitar o desmoronamento total da ‘Casa dos Atiradores’ de propriedade da Sociedade”, decide autorizar a transferência da casa do atual local para as propriedades de Andreas Schwarz e em seguida doá-la à Sociedade Esportiva Avaí, recentemente fundada nesta vila”. A extinta Sociedade de Atiradores, ao fazer a doação, estabeleceu uma condição: “Em caso de reorganização da “Sociedade de Atiradores ‘Dona Emma’, esta poderá dispor da casa para a realização de suas festas, reuniões, bailes, exercícios de tiros, etc.” A doação se constituiu num ato legal, pois o documento foi registrado no cartório do então distrito Gustavo Richard em 16 de novembro de 1944. Foi uma doação simbólica porque os sócios da ex-Sociedade de Atiradores “Dona Emma” e a nova Sociedade Esportiva Avaí eram os mesmos<sup>4</sup>. No entanto, se os sócios eram os mesmos, a prática esportiva era outra e o significado cultural completamente diverso. Se o tiro estava vinculado à tradição germânica, o futebol, de origem britânica, estava fortemente enraizado na cultura brasileira. A mudança de

---

<sup>4</sup> As informações referentes à doação e transferência da Sociedade de Atiradores “Dona Emma” para a Sociedade Esportiva Avaí encontram-se na DECLARAÇÃO de doação registrada no Cartório de Gustavo Richard (Dona Emma) e subscrita por 27 sócios da extinta sociedade.

prática esportiva foi uma forma de nacionalização daquela população que até então era considerada germânica, embora a maior parte dos sócios já eram nascidos no Brasil.

Passada quase uma década, a 24 de agosto de 1952, antigos e idosos membros da Sociedade de Atiradores “Dona Emma”, reuniram-se no salão da Sociedade Esportiva Avaí a fim de reorganizar a Sociedade de Atiradores “Dona Emma”. Os estatutos foram encaminhados para registro em cartório e uma comissão provisória foi escolhida para conduzir os trabalhos até a eleição da diretoria após o reconhecimento dos estatutos<sup>5</sup>. No entanto, ao que tudo indica, a tentativa de reorganização da Sociedade não obteve êxito e esta foi a última reunião oficial da qual se tem notícia.

A *Schützenverein* não foi a única entidade esportiva e recreativa que existiu em Dona Emma antes da guerra. Na década de 1930 multiplicaram-se em todo o território nacional associações com finalidade esportiva em vista da reconstrução social e moral da sociedade. Tais sociedades pautavam suas atividades sintetizadas no lema *Mens sana in corpore sano*, “espírito sadio num corpo sadio” e promoviam a prática de exercícios físicos de ginástica e atletismo visando proporcionar à pátria jovens fortes e saudáveis para o trabalho e construção da grandeza do Brasil. Os princípios da ordem e da disciplina propagados pela política do governo de Getúlio Vargas eram cultivados nos clubes e associações. Tais propostas tiveram muita aceitação em áreas de colonização germânica visto que já anteriormente o alemão Friedrich Ludwig Jahn defendia e propagava com muito êxito tais princípios. Inspirados nestas idéias, João Sporrer juntamente com Alex Drude, Evald Bahr, Joseph Barth e outros, fundaram em 1932 a *Turnverein*, Sociedade de Ginástica. Esta Sociedade teve também suas atividades interditas com a eclosão da guerra em 1939, pois foi considerada como entidade a serviço das idéias e práticas do Nacional Socialismo.

---

<sup>5</sup> Protokolle des Schützenvereins Dona Emma Central. p. 7-8.

A sociedade de ginástica, além da prática do esporte e recreação, oferecia também espaço e ocasião de sociabilidade. O fechamento da associação não intimidou e não levou ao desânimo os jovens praticantes do esporte. Alfred Dahm, Emil Blum, Johannes Sporrer e outros companheiros fundaram, em 1939, o "Tupy Futebol Clube". Seus sócios, com muito esforço, suor e trabalho, aterraram um banhado<sup>6</sup> e construíram o campo de futebol. Mais tarde a Sociedade mudou de nome e passou a denominar-se "Sociedade Esportiva Duque de Caxias", nome que conserva até hoje. O patrimônio do clube foi vendido por Udo Koepsel para Manoel Marchetti que transformou o terreno numa área industrial e comercial. Atualmente, não tendo campo próprio, utiliza as instalações do centro esportivo municipal.

As pessoas mais idosas lembram a forte rivalidade existente entre as torcidas dos dois times de futebol principalmente quando estes se defrontavam numa disputa em torneio. As duas torcidas constituíam-se em verdadeiros dois "campos de batalha" quando, no gramado, se digladiavam, qual Davi e Golias,<sup>7</sup> os dois valentes adversários.

As duas sociedades esportivas de futebol polarizaram gradativamente a população tanto no que diz respeito à prática de esporte e respectiva torcida como também às paixões e tensões políticas. Os sócios da "Sociedade Esportiva Havaí" eram do partido da UDN (União Democrática Nacional) e os sócios da "Sociedade Esportiva Duque de Caxias", do PSD (Partido Social Democrata). Dada esta identificação política com o respectivo clube, houve até troca de clube por parte de alguns sócios.

O atual complexo esportivo municipal foi construído entre 1983-1989, quando era prefeito Waldemar Jumes. O complexo denomina-se "Estádio Alfred Dahm" e compreende: um campo de futebol, um ginásio coberto e uma cancha de bocha.

---

<sup>6</sup> O campo de futebol localizava-se onde atualmente se situa o prédio da Cravil.

<sup>7</sup> I Samuel, 17

Além da prática do esporte havia outras formas de lazer. Bem cedo, quando os colonos ainda estavam se instalando e as famílias viviam isoladas em seus lotes na floresta, Andreas Schwarz já construiu um salão de baile. Pouco depois foi construído um outro que, depois de 30 anos, foi adquirido pela Prefeitura.<sup>8</sup>

Foi também fundada na década de 1930 a *Gesangverein*, Sociedade de Canto, que também teve suas atividades canceladas com a nacionalização.

Partindo da estaca zero em 1920, quando chegaram os pioneiros, os colonos foram se organizando e fundando associações: escola, igreja, Sociedade de Atiradores, de ginástica, de canto, etc. Tudo foi feito com muito esforço e espírito comunitário. Pode-se imaginar como era intensa e divertida a vida no seu aspecto social em Dona Emma. Que aventura a caminhada, em noite escura, pelas picadas da mata, na volta do baile para casa!

## CTG

Nos últimos anos têm se difundido em Santa Catarina os Centros de Tradições Gaúchas (CTG). No início os simpatizantes deste movimento freqüentavam os rodeios realizados em localidades da redondeza. Como o número de simpatizantes crescesse cada vez mais, os líderes do movimento fundaram em Dona Emma um centro próprio. No livro de atas consta como data da fundação o dia 11 de abril de 1996. É, portanto, uma agremiação recente, porém com muitos adeptos e simpatizantes. Em dia de festa usam o traje típico chamado Pilcha, mantêm uma escola de dança onde os interessados aprendem a dança típica realizada nos dias de festa dos rodeios<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> SCHORER, Wilhelm. Dona Emma. *Vale do Rio do Norte*. Ibirama (SC), 4 jul. 1983, n. 1205, p. 7.

<sup>9</sup> As informações sobre o CTG de Dona Emma foram fornecidas pelo médico veterinário Assis dos Santos Moreira Branco, um dos principais líderes do movimento e responsável pelo setor artístico-cultural do movimento.

Não seria o CTG uma superposição cultural? Não estaria o CTG destruindo antigas tradições culturais da comunidade? Tem-se a impressão que com a nacionalização levada a termo na década de 1930 e a proibição do uso da língua estrangeira bem como o fechamento das sociedades de tradição tipicamente germânica como a Sociedade de Atiradores, a população perdeu suas raízes culturais. O CTG veio preencher um espaço cultural vazio.

## **Clubes de futebol e de dança**

Atualmente a população, especialmente a juventude, tem maiores opções de lazer. Existe também maior facilidade de frequentar ambientes de lazer em comunidades de municípios vizinhos.

Em todas as comunidades, tanto no centro quanto no interior do município, há praças de esporte. Algumas, sobretudo as de futebol, foram construídas pela iniciativa da comunidade; outras, as quadras polivalentes, foram feitas com apoio financeiro ou pela iniciativa da Prefeitura. Há, no município, os seguintes clubes de futebol: "Esperança" (Nova Esperança), "Estrela D'alva" (Caminho Pinhal), "Estrela do Sul" (São Donato), "Juventude" (Serra do Uru), "Liberdade" (Caminho do Morro), "Palmeiras" (Rio Caçador), "Duque de Caxias" (sede). Através da Lei Municipal n. 414/79 de 25 de abril de 1979 criou-se a C.M.E (Comissão Municipal de Esportes) que gerencia todo desporto amador em Dona Emma. Entre outras atividades, promove campeonatos de futebol de campo, torneios de futebol de salão, de voleibol e de bocha a nível municipal e microrregional. A participação se dá por categoria de idade. A C.M.E. adotou como lema de suas atividades esportivas: "Crianças e jovens no esporte são elementos longe de outros caminhos". O município de Dona Emma possui uma das melhores infraestruturas para a prática de esporte em toda a região do Médio e Alto Vale do Itajaí.

Existem também, como opções para o lazer, os salões de dança. Nos primeiros anos da colônia as danças aconteciam na casa de alguma família que dispunha sala de dimensões maiores. Mais tarde, a partir da década de 1930, fundaram-se casas especiais para danças denominados salões.

Além dos bailes realizados em salões, também os casamentos eram ocasião de dança e muito divertimento. Até data bastante recente as festas de casamento eram realizadas na casa dos pais do noivo ou da noiva. A cerimônia religiosa acontecia na parte da manhã, e após o almoço tinha início a dança que se prolongava por toda a tarde até noite adentro ao som da música do “gaiteiro” convidado especialmente para esta finalidade. O instrumento de música preferido para as festas de casamento era o bandônio executado com muita habilidade por Paulo Fey e por Erich Schurt. Atualmente, por motivos de comodidade, as festas de casamento são realizados a noite, em locais apropriados como salões ou clubes, ao som de um conjunto musical.

Antigamente, quando ainda não havia automóvel, Leopoldo Fey realizava o transporte dos noivos com carro de mola, ricamente adornado para esta finalidade. Quando já idoso, seu filho Carlos deu continuidade à profissão do pai.

Nas festas da igreja católica promovia-se a dança, apesar das restrições impostas pelo padre. As festas da igreja evangélica transcorriam sem este divertimento.

## **A caça e jogos de cartas**

Os descendentes dos imigrantes italianos gostavam de caçar. Era seu primeiro e principal lazer nos fins de semana quando não também durante a semana. Uns caçavam para abater alguma ave ou animal de porte maior para alimento, pois nos primeiros tempos era a principal fonte para obtenção de carne. Outros, no entanto, caçavam por simples esporte e passatempo. Embrenhavam-se ao amanhecer mata adentro e só voltavam à

noite. Entende-se o gosto do imigrante pela caça quando se toma em consideração que este esporte era, na Europa, somente privilégio dos nobres. Uma vez no Brasil, o imigrante de origem humilde, podia praticar este esporte sem nenhuma restrição. Além disso, no Brasil o imigrante necessitava da arma de fogo para se defender contra animais selvagens.

Quem não praticava o esporte da caça tinha como alternativa de lazer o jogo de baralho. Vários tipos de jogos eram conhecidos e praticados: o “cinquilha”,<sup>10</sup> o “três-setes”,<sup>11</sup> o “trunfo”, a “morra” e o “truco”.

---

<sup>10</sup> **Cinquilha** (cinquilio): designação de um jogo de cartas. Dizem os italianos: “Il cinquilio è un bel gioco per gente matura (di una certa età)”.

<sup>11</sup> **Três-setes**: jogo de cartas em que o três de cada naipe é a carta de maior valor. Diz o ditado italiano (dialeto): “I conta che el tressete el ze stá inventá da tré muti”. Conta-se que o três-setes foi inventado por três mudos (portanto quem joga, não conversa).



## XII

### Um sábio desconhecido

Em nosso tempo, que se caracteriza pela massificação das pessoas, surgem ainda personalidades que procuram resguardar a individualidade e viver a própria vida para preservar sua identidade. Uma dessas pessoas foi Alexander Lenard nascido em Budapest a 9 de março de 1910 e falecido em Dona Emma a 13 de abril de 1972.

Com a idade de 8 anos deixou sua terra natal indo com seus pais para Viena onde fez seus estudos formando-se em medicina. A meta seguinte seria a Alemanha, mas o plano se frustrou quando o Nacional Socialismo chegou no poder. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a invasão da Áustria pelas forças nazistas em 1939, Lenard fugiu para Roma. Mais tarde ele escreve:

Eu vi a guerra chegar, resolvi fugir para Roma. Isto é, pensei ter fugido. Na realidade a guerra lançou-me para fora do meu mundo, lançou-me, sem dinheiro, sem amigos, num país cuja língua eu desconhecia. [...] Assim me tornei historiador da medicina e me abriguei e me escondi entre os muros das grandes bibliotecas, escrevi estudos sobre médicos da Renascença e os tratamentos hormonais na Antiguidade. Esta solução temporária tornou-se, aos poucos, habitual e a fuga na música e na arte tornaram-se cada vez mais essenciais para mim.<sup>1</sup>

Em 1942 encontrou-se com Andrietta Arbório de Gattinara, natural de Milão, que estudava filosofia em Roma e com quem se casou. Andrietta descreve o encontro:

---

<sup>1</sup> LENARD, Alexander. The Valley of the Latin Bear. In: Lenard, Andrietta, Em memória de Alexandre. *O Estado*. Florianópolis, 11 maio 1980.

Nesse ano, ele pesquisava sobretudo na Biblioteca Vaticana, mas vinha freqüentemente para a universidade onde eu cursava o segundo ano de filosofia. Estava [Lenard] traduzindo para o alemão um artigo de um professor meu, e este me pediu que entrasse em contato com ele para saber se o trabalho estava pronto. Foi assim que nós nos encontramos. Logo decidimos que não podíamos perder tempo; ninguém sabia se sairia com vida desta guerra, e assim decidimos enfrentá-la juntos.<sup>2</sup>

Terminada a guerra, procurou novamente reorientar sua vida. A guerra havia despertado nele o medo da bomba atômica que – segundo ele – pairava de agora em diante sobre a humanidade como uma ameaça permanente. Ele mesmo diz:

As guerras determinaram o rumo de minha vida". [...] Os húngaros me ofereceram uma cadeira de História da Medicina na Universidade de Budapest, mas eu tinha a impressão de que não me daria bem no papel de comunista. Os americanos me convidaram para a Coréia, mas eu já tinha manejado muitos ossos nos lindos arredores de Florença. O Brasil, no mapa, se apresentava grande e verde. Depois de girar muitas vezes o globo do mapa-múndi, optei pelo Brasil.

Era ainda operante, naquele tempo, a Organização Internacional de Refugiados. Carregava pobres europeus em velhos navios e os desembarcava em algum lugar qualquer. Fui descarregado no Rio de Janeiro, na Ilha das Flores. Lá fiquei dez dias esperando pela polícia para pegar minhas impressões digitais. A polícia não tinha tempo pois era carnaval. E assim, sedento, faminto, sujo tive tempo para pensar tranqüilamente: não havia fugido à História, simplesmente ela me havia jogado no litoral do Brasil".<sup>3</sup>

Da Ilha das Flores Lenard foi enviado, como enfermeiro, junto aos operários de uma mina de chumbo no Paraná. Tendo sido demitido daquele trabalho por conceder licença a todos os operários que se diziam cansados, dirigiu-se para São Paulo junto da comunidade húngara.

À vida agitada e inquieta da grande cidade preferiu um lugar silencioso em meio à natureza para dar continuidade, sem ser perturbado, suas pesquisas e dar sentido à sua vida. Foi en-

<sup>2</sup> LENARD, Andrietta. Em memória de Alexandre. *O Estado*. Florianópolis, 11 maio 1980.

<sup>3</sup> LENARD, Andrietta. Em memória de Alexandre. *O Estado*. Florianópolis, 11 maio 1980

tão à procura de um lugar tranqüilo onde pudesse em paz, escrever, pintar e viver em contato com a natureza. E a escolha recai sobre a localidade de Dona Emma. “Creio firmemente, diz ele, que neste vale brota e floresce a eterna paz”.

No tranqüilo vale de Dona Emma, Alexander tocava Bach no piano de nossa casa de madeira e no órgão da igreja da aldeia, aos domingos. Pintava aquarelas delicadas: flores e paisagens. Dava os primeiros socorros aos colonos doentes ou acidentados, mas só em caso de extrema necessidade.<sup>4</sup>

Em sua nova pátria - Dona Emma - para onde se mudou em 1953, ele se tornou pouco notório. Ficou mais conhecido nos países de língua inglesa e na Alemanha onde teve publicado muitos de seus escritos. Seus livros traduzidos para o inglês pertencem à literatura escolar nos Estados Unidos e Grã-Bretanha.

Para o senso comum Lenard não era cristão. No entanto, dificilmente um homem de fé poderia ter sido cristão melhor que ele enquanto médico e conselheiro dos simples colonos. Para quem conhecia o coração de Lenard, não era nenhuma surpresa saber que tenha pedido formalmente uma sepultura cristã e católica em reverência à pátria brasileira de tradição cristã, e que fosse tocada a missa clássica em lá bemol de Johann Sebastian Bach.

Como para os demais imigrantes, para Lenard foi penoso o começo em Dona Emma. Com os poucos recursos de que dispunha comprou um pequeno sítio na encosta do vale, no lado esquerdo da estrada em direção a Nova Esperança. Lá construiu uma casa simples, de madeira. Em 1956, respondendo sobre Johan Sebastian Bach no programa “O Céu é o Limite” promovido pela TV Tupi, ganhou um prêmio em dinheiro equivalente a dois mil dólares. Com esses recursos pode construir casa melhor, dando-lhe mais conforto para as atividades intelectuais e mais comodidade para atender as pessoas enquanto médico. Sua casa e seu sítio Lenard descreveu da seguinte maneira:

---

<sup>4</sup> LENARD, Andrietta. Em memória de Alexandre. *O Estado*. Florianópolis, 11 maio 1980.

Preciso respirar fundo quando escrevo sobre minha casa e tenho que me convencer disto para escrever, também desta vez, a pura verdade. A casa não é um sonho. Encontra-se a duzentos passos da estrada, com salgueiros em frente e laranjeiras em volta. Minha propriedade, incluído o mato até a encosta da serra, tem quatro hectares. O terreno já produziu bom aipim mas agora está coberto com uma dúzia de árvores oleoginosas, uma nogueira, um pequeno vinhedo, castanhas, damascos, caquis e macieiras. São quatro hectares à disposição do verde e para servir. Minha casa – digo-o com orgulho – tem mais cantos que todas as outras. Às vezes é casa para café onde estão à disposição, na mesa, manteiga e mel. Às vezes é uma casa triste; às vezes é minha terra natal.<sup>5</sup>



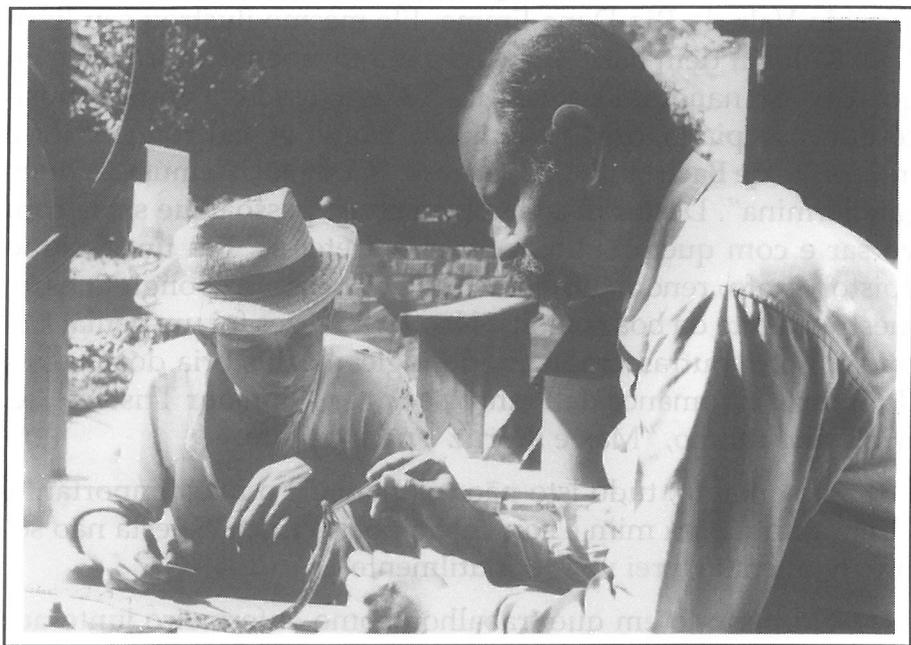
Sítio e Residência de Lenard em Dona Emma

Alexander Lenard estudara em Viena e pesquisara em Roma onde se aprofundou na cultura clássica. O gosto pelos livros era nele uma verdadeira obsessão. Ele mesmo diz: “Minha vida constituiu-se fundamentalmente a partir dos livros”.

<sup>5</sup> LENARD, Alexander. Apud HUNSCHKE, Carlos H. e SIGRID, Karin. Zum Gedächtnis von Dr. Alexander Lenard. *Serra-Post Kalender*. Ijuí, 1973, p. 94.

O escrito de sua autoria que até agora teve maior número de traduções e maior círculo de leitores foi o livro "Die Kuh auf dem Bast" (Stuttgart 1963). É uma colorida coletânea de histórias pitorescas que tem como pano de fundo personagens reais, porém com pseudônimos, e cenários do Vale de Dona Emma. Sobre sua composição escreve o próprio Lenard: "Fiz como os irmãos Grimm que se sentaram e tomaram fielmente nota de tudo que lhes contavam". Como exemplo pode-se citar a seguinte passagem referente a um jovem colono recém-casado a segunda vez:

"Ela tinha apenas 20 anos. Dia antes de ela adoecer, estava com perfeita saúde e nada lhe faltava. Primeiro parecia ser uma gripe mas deve ter sido outra coisa pois no dia seguinte ela estava morta". Lenard consolou-o dizendo: "É muito triste, tenho pena". Porém o moço lhe respondeu: "Tenho agora uma outra, ela também capina bem".<sup>6</sup>



Alexander Lenard, o cientista

<sup>6</sup> LENARD, Alexander. *Die Kuh auf dem Bast*. Stuttgart : Deutsche Buch-Gemeinschaft, 1965. p. 47.

O Dr. Carlos H. Hunsche narra que quando foi visitar Lenard pela primeira vez em Dona Emma, perguntou a um rapaz pelo seu endereço, ao que o jovem respondeu: “Não há como errar. É a casa que não se vê”.<sup>7</sup> Desta história que o Dr. Carlos narrou a Lenard, teve origem o título de seu último livro “Um dia numa casa invisível” (Stuttgart 1970). Nesta obra são postos em cena, quais figuras de cristal num caleidoscópio, seus mais felizes e singulares pensamentos, às vezes temperados com trágica ironia. Alguns temas da obra: o silêncio, a saudade, a arte de viver e a arte de morrer.

Não é fácil esboçar uma tão multifacetada personalidade como a de Alexander Lenard. A par de suas atividades de escritor, produziu também pequenas esculturas no período em que viveu em Roma, desenhou e pintou as flores e paisagens de seu querido Vale do Rio Dona Emma. Ele mesmo ilustrou seu livro “Die Kuh auf dem Bast” e sua casa era ricamente adornada com quadros em nanquim e aquarelas.<sup>8</sup> Além disso era grande músico e tocava piano, órgão e címbalo. Como genial conhecedor e intérprete de Bach cunhou esta frase: “Com Bach a música começa e termina”. Destacou-se também como pessoa que sabia conversar e com quem era agradável entreter-se. Era um assíduo epistológrafo, renomado homem de ciência, um poliglota e um mestre na arte da boa cozinha. Não raras vezes foi um genial tradutor. Entre outras, traduziu, do inglês “A história dos ursos”; do francês o romance de Françoise Sagan “Bonjour Tristesse” e, não como último, “Max e Moritz”, para o latim.

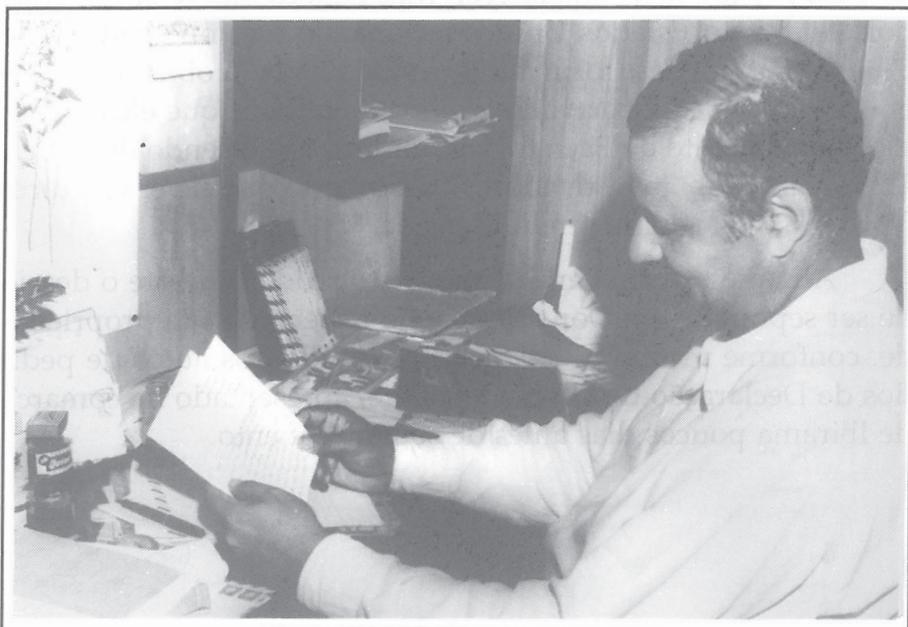
No entanto, tudo isto não era para ele o mais importante. “Importante para mim é somente a poesia lírica. Se esta não sobreviver, então terei vivido inutilmente”.

No período em que trabalhou como enfermeiro junto aos operários da mina de chumbo no Paraná, Lenard ministrava tam-

<sup>7</sup> HUNSCHE, Carlos; SIGRID, Karin. Zum Gedächtnis von Dr. Alexander Lenard. *Serra-Post Kalender*. Ijuí, 1973. p. 95.

<sup>8</sup> Os quadros e aquarelas de Alexander Lenard perderam-se todos por ocasião de uma das enchentes em Blumenau.

bém aulas para os filhos dos funcionários estrangeiros da empresa. Para interessar as crianças pelo latim traduziu para esta língua a história de A.A. Milne "Winnie the Pooh" sob o título de "Winnie Ille Pu". Esta obra chegou a ser "best-seller" no Estados Unidos onde já esgotou a 10ª edição, vendendo mais de 100.000 exemplares.



Alexander Lenard, o escritor

Entre 1967 e 1968 lecionou, como professor visitante, latim e grego na Universidade de Charleston, Carolina do Sul (EUA).

Alexander Lenard teve algumas desventuras na vida. Entre outras, quando se encontrava em Roma, foi vítima da censura da Igreja e um de seus escritos foi para o Index.<sup>9</sup> Outro incidente, se não fosse trágico seria cômico, aconteceu quando já residia em

---

<sup>9</sup> Index é um elenco de livros considerados pela Igreja Católica como prejudiciais à fé.

Dona Emma. Um jovem, de nome Erich Erdstein (sob este nome teria ele se apresentado), procedente do Uruguai e trabalhando para a polícia política em Curitiba, passava as férias nas cercanias de Dona Emma. Este agente que, segundo Lenard, era provavelmente assíduo leitor de James Bond, o denunciou como sendo o carrasco nazista Martin Bormann. Uma força policial motorizada e armada de metralhadoras cercou sua casa de madrugada para prendê-lo ao amanhecer. Mas Lenard não se encontrava pois estava nos Estados Unidos lecionando na universidade de Charleston. Sua Casa foi invadida e vasculhada. A obra de Goethe em 9 volumes confirmava, segundo os policiais, que ele era alemão e um retrato de Bach foi confundido como sendo de Hitler. Tendo ainda os “investigadores” descoberto que ele era médico, foi identificado como sendo Mengele.<sup>10</sup>

Ainda em vida, Lenard manifestou judicialmente o desejo de ser sepultado em Dona Emma, no terreno de sua propriedade. conforme mostra o documento extraído dos autos de pedidos de Declaração de Última Vontade, apresentado na comarca de Ibirama poucos dias antes de seu falecimento.

---

<sup>10</sup> LENARD, Alexander. Como cheguei a ser Bormann e Mengele. Um relatório da mata virgem. In: **Stuttgarter Zeitung**. Stuttgart, 9 abril 1968, nº 84. p. 3. Trad. de Edith Sophia Eimer. 1986. Neste artigo o próprio Lenard narra em detalhes como foi confundido com Bormann e Mengele, que outras pessoas foram envolvidas, os artifícios que o delator usou para incriminá-lo e como se livrou da acusação sem ser preso.

## Declaração de última vontade

Eu abaixo assinado, ALEXANDER LENARD, de nacionalidade indefinida, nascido na cidade de Budapest, Hungria, em data de 9 de março de 1910, escritor, casado com D<sup>a</sup>. ANDRIENTA LENARD, brasileira naturalizada, professora, residentes e domiciliados nesta cidade de Blumenau, à rua Coronel Vidal Ramos nº 340, porém, proprietário de um imóvel com benfeitorias, situado em Nova Esperança, Município de Dona Emma, Comarca de Ibirama, neste Estado, entretanto, tendo passado grande parte de meus últimos anos na referida localidade de Nova Esperança, por cuja terra tenho verdadeira admiração, é a razão pela qual venho expressar e declarar meu desejo de última vontade, qual seja o de vir a ser sepultado na referida propriedade, por ocasião de minha morte, para o que rogo às justiças deste país, façam cumprir este meu desejo, razão porque firmo esta declaração na presença de duas testemunhas, com a anuência de minha referida esposa, para todos os fins de cumprimento deste meu pedido e fins de direito.

Blumenau, 4 de abril de 1972.

Assina: Alexander Lenard.

Ciente, de acordo: Andrietta Lenard

Testemunhas: Gertha Koenig e Natalie Klein

O promotor ao apreciar o mérito do pedido, pronunciou-se nos seguintes termos:

Num acurado estudo dos preceitos ou determinações legais, chegamos à conclusão de que, embora seja implícita a obrigatoriedade do sepultamento em locais pré-estabelecidos, no caso, os cemitérios públicos, quase sempre a cargo das edilidades locais, há aqueles outros mantidos por associações ou credos religiosos, o que facilmente aqui em Ibirama, pode-se constatar, onde temos um cemitério "católico", um "protestante" e outro público ou municipal.

Desta sorte, a mim se me parece que, se aquelas pessoas puderam dispor de seus corpos e, através de, igualmente, "declarações de última vontade", escritas ou não, serem sepultadas onde bem lhes aprouvesse, não seria tão esdrúxulo assim que o ora requerente pudesse ter atendida a sua última vontade.

Afora isto, há um caso aqui registrado, o que é público e notório e que, se necessário for, seria de fácil constatação.

Ao que consta a crônica popular, não foi permitido um sepultamento, parece que naquele município já citado, em um cemitério lá existente, ao que dizem, católico, por não professar a defunta, quando em vida, aquela religião, estando sepultada em campo aberto, nas cercanias do citado cemitério.

Se tais aberrações são assim tão flagrantemente permitidas, não vejo razão forte pela qual esse renomado escritor, de fama internacional e que tanto ama esse rincão do belo e produtivo solo brasileiro, não possa ali querer sepultar-se, a continuar, sem dúvida, ao embalo dos sonhos e das realizações aqui vividos, em contato permanente e agora, o eterno, com a terra que tão bem o acolheu e sujeitando-se à transformação redundante nessa mesma terra que tanto ama.<sup>11</sup>

Com base em tais argumentos, o juiz deu sentença favorável e Alexander Lenard foi sepultado no jazigo que ele próprio mandara construir no terreno de sua propriedade, sob um cipreste, na encosta da colina, distante uns 100 metros de sua residência.

---

<sup>11</sup> O documento encontra-se, na íntegra, no arquivo José Ferreira da Silva, em Blumenau.

## XIII

# A saga dos Menonitas

## 1 O caminho para a Rússia

No capítulo VIII que trata da “Religião e Religiosidade” foi descrita a origem dos menonitas enquanto grupo religioso. Pretende-se apresentar aqui sua trajetória enquanto grupo étnico-cultural.<sup>1</sup>

No ano de 1786 a czarina Catarina convidou, para se estabelecerem na Rússia, colonos menonitas da região de Danzig. Ela oferecia-lhes terra, liberdade religiosa e proteção do Estado para o estabelecimento. Em resposta a este convite, chegaram à Rússia no ano de 1788 os primeiros colonos menonitas alemães. Os 50-60 primeiros anos foram de muitas dificuldades. Com suor e sacrifício trabalharam os campos, amainaram a terra e a prosperidade floresceu. Os povoados se multiplicavam.

“Não há certamente em todo o mundo colonização mais próspera que a dos menonitas no sul da Rússia”. Os anos de 1890 a 1914 foram de paz e de muita prosperidade para as comunidades menonitas.

Com a entrada da Rússia na guerra contra a Alemanha em 1914, a situação tornou-se para eles difícil. Sendo etnicamente alemães e tendo conservado os costumes da terra de origem, eram

---

<sup>1</sup> Este Capítulo sobre os menonitas está baseado em: PAULS, JR. Peter (Organ.). *Menoniten in Brasilien. Gedenkschrift zum 50 Jahr-Jubiläum ihrer Einwanderung. 1930-1980*. Witmarsum, 1980.

considerados espiões e possíveis colaboradores com a Alemanha. Um decreto do czar Nicolau II determinava o confisco das terras dos “alemães” e previa sua distribuição aos soldados como pagamento dos serviços militares quando voltassem da guerra. No ano de 1917 teve início a Revolução e o czar foi deposto. Lutas entre Brancos (exército fiel ao czar) e Vermelhos (exército revolucionário) provocaram a desordem total em muitas regiões. Os saques eram comuns e as mortes, freqüentes. Houve muito derramamento de sangue.

Em 1920, com a vitória do Exército Vermelho, as terras foram estatizadas e em 1929 a propriedade privada foi abolida e foram instituídas as fazendas coletivas. Para evitar a possibilidade de uma rebelião, o governo desterrou para a Sibéria os colonos mais prósperos. Aos remanescentes eram cobrados altos impostos. Muitos discordaram de tais procedimentos e por isso houve muitas prisões, sem distinção de nacionalidade. Iniciou-se então um movimento de fuga em massa para Moscou com a esperança de alcançar o Canadá para onde já havia se dirigido um grupo alguns anos antes.

O cônsul da Alemanha em Moscou, vendo as multidões de refugiados de língua alemã abandonados à beira das estradas sem teto e sem comida, iniciou um trabalho de remoção destes infelizes para o território alemão mediante ajuda de entidades de caráter humanitário como as igrejas católica e evangélica.

## **2 Da Alemanha para o Brasil**

Canadá, Paraguai e Brasil se dispuseram a receber refugiados camponeses de alemães-russos. Graças à intervenção do cônsul do Brasil na Alemanha, 1.245 menonitas migraram para o Brasil entre os anos de 1930 e 1932.

A partida: Hamburgo. No dia 10 de agosto de 1930 embarcaram no navio “Sierra Ventanta” da companhia Norddeutsch Lloyd os apátridas com destino ao distante Brasil. Era o início de

uma vida nova. Com este sentimento navegaram rumo ao desconhecido. Para as crianças e jovens era uma aventura; para os velhos, uma viagem cheia de preocupações.

Chegados no Rio de Janeiro após 19 dias em alto mar, permaneceram ainda nesta cidade, no abrigo dos imigrantes na ilha das Flores, durante 66 dias tendo como alimento feijão e carne seca e um pão francês por dia. A 3 de novembro de 1930 o navio costeiro "Aspirante Nascimento" rumou com os imigrantes para Itajaí. O comandante dum destacamento de tropas que embarcava em São Francisco do Sul os assustou muito quando lhes contou histórias horríveis sobre a terra que os aguardava. Desembarque em Itajaí... Que alegria! Agora tinham, em definitivo, chão firme debaixo dos pés.

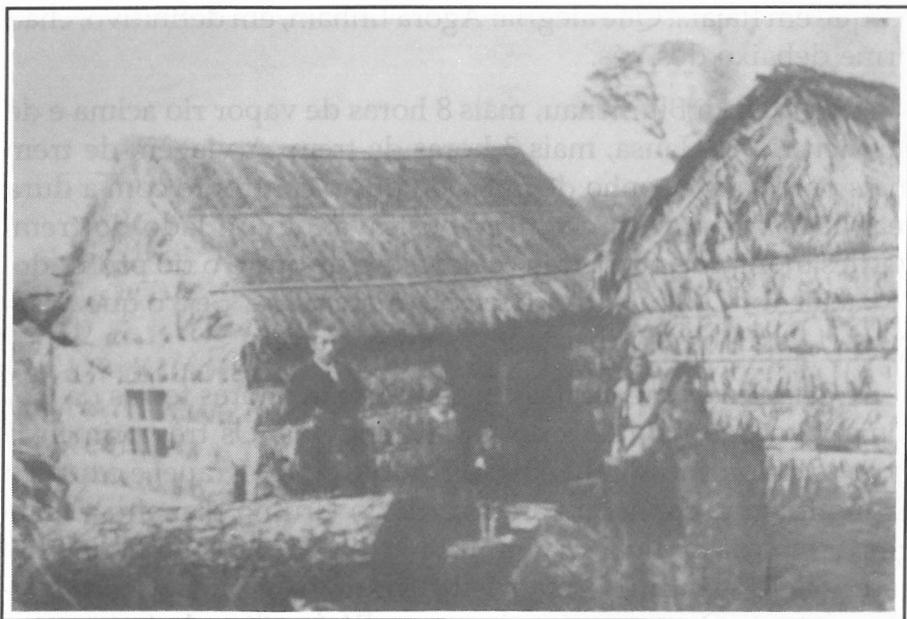
De Itajaí a Blumenau, mais 8 horas de vapor rio acima e de Blumenau até Hansa, mais 3 horas de trem. A viagem de trem mais parecia um sonho de fadas do que o confronto com a dura realidade que a natureza lhes mostrava: de um lado do trem, verdes montanhas cobertas de floresta e de outro o rio profundo. "Por que foi Colombo descobrir a América?!" - "Seja o que Deus quiser! Estamos em liberdade e somos gratos".

Quando os menonitas chegaram, as melhores terras da Colônia Hansa já haviam sido todas vendidas. Os três primeiros grupos foram encaminhados para o vale do rio Krauel e o quarto grupo foi encaminhado para a serra do Uru no planalto à margem esquerda do rio Dona Emma. No dia 7 de novembro de 1930 este grupo partiu de Hamônia rumo ao último destino, o Stozplateau. O grupo pioneiro eram 74 famílias de imigrantes que, acrescidas de mais algumas que chegaram mais tarde, somaram em torno de uma centena de famílias com 504 pessoas.

### **3 Os menonitas em Dona Emma**

Os antigos moradores lembram quando apareceram os alemães-russos e as carroças fretadas para transportar seus pertencimentos.

ces. Advertiram-nos sobre a má qualidade das terras nas montanhas acima dos peraus. Mas... Que fazer? Sem recursos, tiveram que aceitar o que a colonizadora lhes oferecia. Por algum tempo permaneceram alojados no barracão da Empresa donde se dirigiam por estreitas picadas pelo mato tendo nas costas um bissaco com comida e ferramentas. É difícil imaginar o que se passava na mente dos imigrantes acostumados às estepes da Rússia e trabalhando com arado e agora começar tudo de novo com machado e enxada na floresta para construir sua nova pátria. As primeiras residências eram de palha de palmeira, pois não havia como obter tábuas, telhas e pregos.



Das estepes da Rússia às florestas de Dona Emma.

Cada noite, ao recolher-se no casebre de palha para o descanso, e cada manhã à mesa do café, ainda que esta mesa fosse uma tábua rústica sobre um tronco de árvore, os menonitas agradeciam a Deus pelo feliz destino e pediam a Deus por aqueles que haviam ficado na Rússia. Amainavam seu pedaço de chão com muito esforço, algumas vezes também com lágrimas. Na selva

prevalece a lei do mais forte. Para brandir o machado eram necessários homens fortes. A situação era difícil para as famílias com crianças pequenas. Dificuldade maior, em caso de doença. E se tudo isto não bastasse, havia a inclemência do tempo: na Rússia o clima frio, aqui o calor dos trópicos.

A primeira colheita foi fraca. A segunda, um pouco melhor, mas insuficiente para sustentar a todos. Diante das dificuldades de sobrevivência, muitos jovens com mais de 18 anos foram procurar emprego nas cidades vizinhas para conseguir algum dinheiro.

Os menonitas em Stolzplateau estavam divididos em duas comunidades. Cada comunidade tinha sua escola onde era também realizado o culto dominical. A principal festa era a *Erntedankfest*, a "Festa de Ação de Graças pela Colheita". Para comercializar a produção haviam formado uma cooperativa.

Em poucos anos a madeira, principal fonte de recursos, havia sido retirada e a terra era imprópria para cultura em maior escala. A comunidade apresentava sinais de empobrecimento. Numa reunião onde compareceram 92 representantes das 95 famílias ainda remanescentes, foi decidido abandonar a terra e tomar novo rumo. Constituiu-se, no ano de 1934, uma comissão que saiu à procura de nova terra. Em Curitiba, junto ao cônsul alemão, encontraram apoio e sugestões. Este lhes indicou terras nas proximidades de Castro para onde se dirigiu a maior parte daqueles que quatro anos antes haviam desbravado a localidade de Stolzplateau.

## A prece do Imigrante menonita

Senhor, nós nos aventuramos  
E atravessamos o oceano  
Aqui agora sem nada estamos  
Ante o grande novo começo.

Povo estranho, praias estranhas  
Costumes estranhos, terra estranha  
Ajuda-nos, Senhor, para que esta terra  
Em breve se torne para nós nova pátria.

Ameaçadora aí está a mata escura  
Repleta de mistérios  
Abrigo de animais selvagens.  
Dá-nos força para enfrentá-la

Até aqui nos conduziste  
Em meio a privações, combates e preocupações.  
Conduze-nos avante pela noite  
Para o novo amanhã melhor.

Cheios de fé e confiança  
Queremos sob estrelas desconhecidas  
Construir casas para nossos filhos  
E o Brasil aprender a amar.

*R. Hirschfeld*

*Tradução: Valberto Dirksen*

## XIV

### **Brasão do Município**

A 18 de novembro de 1975 o prefeito Walter Zimmermann sancionou a lei n. 312/75 aprovada pela Câmara Municipal criando o brasão do município. As armas do brasão contêm os seguintes elementos:

I - Uma coroa mural com quatro torres privativas das municipalidades.

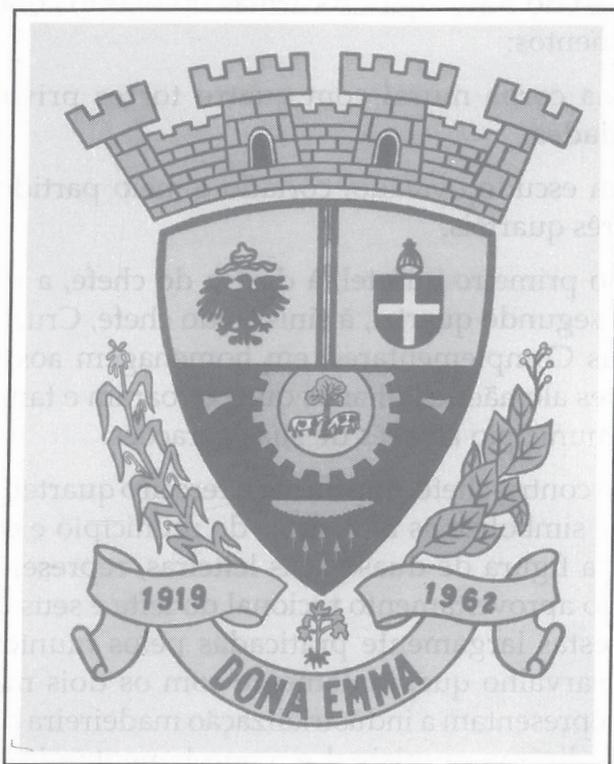
II - Um escudo ovalado, cortado e meio partido no meio formando três quartéis.

III - No primeiro quartel, à destra do chefe, a Águia Real Alemã e no segundo quartel, à sinistra do chefe, Cruz Real Italiana e Armas Complementares, em homenagem aos primeiros colonizadores alemães e italianos que povoaram e tanto engrandeceram o município através de suas gerações.

IV - No contrachefe, que forma o terceiro quartel, uma roda dentada que simboliza as indústrias do município e contêm em seu interior a figura de duas vacas leiteiras, representativas da pecuária e do aproveitamento racional do leite e seus derivados, atividades estas largamente praticadas pelos munícipes, e ao fundo, um carvalho que, juntamente com os dois machados e uma serra, representam a industrialização madeireira como grande fonte de divisas municipal e, complementando o quadro, mudas de árvores comerciais simbolizam o reflorestamento e as reservas florestais da municipalidade.

V - Na parte inferior extrema e externa do contrachefe num listel com o nome do Município e respectivas datas da colonização e criação do Município.

VI - Nos flancos do escudo, à destra um pé de milho e a sinistra um pé de fumo, que juntamente com o pé de aipim ou mandioca, situado entre a parte extrema e exterior do contrachefe e o listel, representam os principais produtos da agricultura local.



**Valberto Dirksen** nasceu em São Martinho a 13 de abril de 1942. Ingressou na Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus onde estudou Filosofia e Teologia. Em 1980 doutorou-se na USP em Ciências Humanas na área de História Social. Posteriormente estudou em Roma e Paris onde tomou contato com as mais recentes correntes do pensamento historiográfico. Trabalhou como professor na Fundação Educacional de Brusque (FEBE) e na Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Atualmente é professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Dedicou-se ao estudo da colonização em Santa Catarina e pesquisa o processo de recriação da cultura do imigrante, com ênfase ao elemento germânico. Além de artigos sobre a questão das identidades étnico-culturais em Santa Catarina, publicou, em 1996, o livro *Viver em São Martinho. A colonização alemã no Vale do Capivari*.

*“Creio firmemente  
que neste vale,  
de Dona Emma,  
brota e floresce  
a paz para sempre”.*

*(A. Lenard)*

ISBN: 978-65-997799-1-6



9 786599 779916